

REVISTA DA SEMANA

CRS 3,00 EM TODO O BRASIL

N.º 17 — 23-4-49



FÉRIAS.

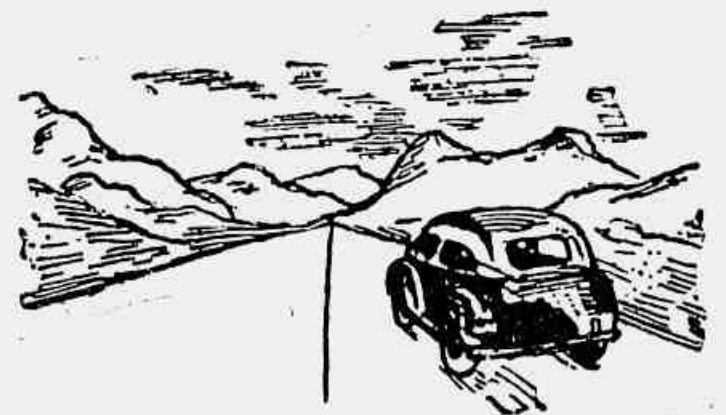
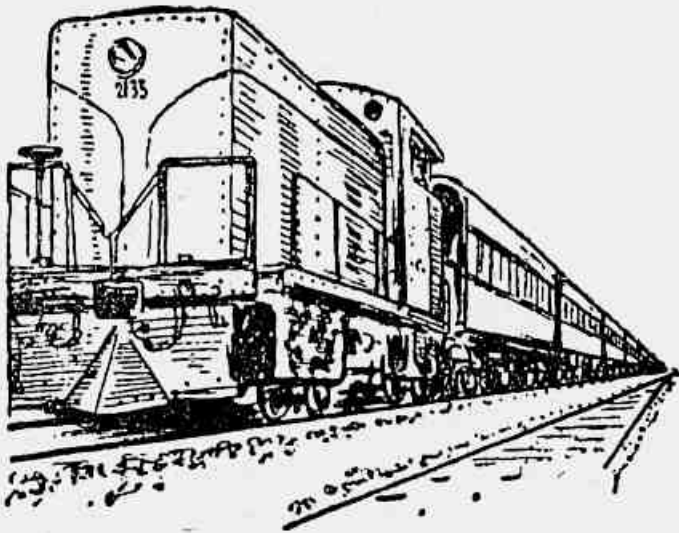
VIAGEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Par Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

E todos olhavam para ela

"Oh! gente fria dessa terra sem poesia, não faz conta desta lua, nem se importa com o luar..."

Assim disse Catulo Cearense, a censurar o povo das cidades no desprezo à lua cheia, quando os campos, os vales, as serras e as matas recebem da lua, a confidente dos antigos namorados, sua chuva de prata transformada em luz. A lua foi, é e será sempre a inspiradora dos poetas, a estimuladora do amor, a deusa de todos os corações amantes.

Ela tem servido de motivo para as mais belas páginas, para as mais inspiradas telas, para a fantasia criadora dos tempos mitológicos.

Um poeta paulista já disse que a lua era "medalha de prata no peito da noite", "condecoração do infinito". Parece que foi Menotti ou Guilherme de Almeida. No Brasil, no México, na Inglaterra, na Alemanha, na Turquia, onde houver lua cheia e noites densas, haverá sempre um poeta, um coração que ama, um suspiro saudosos.

Mas a lua só é descoberta, vista ou admirada no interior, lá nos sertões, nas pequeninas povoações, nas aldeias humildes. Nos grandes centros onde todo mundo vive atarefado, metido em bondes, em carros fechados, sem ver uma nesga de céu, cidades em que o homem de há muito se separou da natureza e de Deus para entregar-se como escravo às suas lutas intermináveis pelo **mais lucro**, a lua não existe, por mais bela que surja no horizonte.

Dá aquela censura, aquela lamentação do poeta: "Enquanto a onça lá na verde capoeira leva uma hora inteira vendo a lua a meditar".

Às vezes, porém, o povo das cidades fica nas ruas até a meia-noite e vara pela madrugada a dentro para ver a lua. E' quando há eclipse total da feiticeira Diana, "a boiadeira dos astros brilhantes", a namorada do sol, mas que só se unem aparentemente, nos fenômenos siderais de cruzamentos matematicamente previstos.

Há poucos dias o povo do Rio se interessou pela lua. Que ia acontecer? Um eclipse total do satélite. Já perto de meia-noite, a sombra da Terra se projetaria no disco lunar e então o belo subúrbio da Terra ficaria durante algumas horas com a face deformada como se uma enorme queimadura lhe houvesse destruído o rosto encantador.

Então o carioca se interessou pela lua. Paradoxalmente, nosso povo citadino só olha para ela quando a lua fica feia, escura, deformada, pedindo uma ambulância ao pronto socorro do firmamento.

Quando ela splende no horizonte, engalanada com tôda a refulgência de sua luz que o sol nos manda, tornando a Terra mais poética, mais amena, na doce visão de um plenilúnio suavíssimo, ninguém dá por isso.

E se estamos à beira do mar o espetáculo é ainda mais deslumbrante. A lua cheia vista do Pão de Açúcar é um espetáculo que não há dinheiro que pague. Um nascer da lua visto do Corcovado, numa noite de plenilúnio, com uma tarde clara, de céu lavado, de mar sereno, de horizonte sem nuvens, nos eleva ao sentimento do sobrenatural. Mas... quem já se lembrou, neste Rio de Janeiro, de organizar caravanas de turismo urbano para ver do Pão de Açúcar a lua nascer e alçar-se nos céus, como um remédio às nossas descrenças, um lenitivo aos juro de Banco, às lutas sociais, à carestia, à falta de carne?

E seria tão bom que houvesse, tôdas as vezes de lua cheia, um monólogo entre o homem e Deus...

E lá de cima, do Corcovado, do Pão de Açúcar, do pico da Tijuca, das culminâncias da serra dos Órgãos, todos a ver o surgir da lua cheia, — uma hóstia elevada pelas mãos do Criador sobre o cálice do oceano, e que todos receberíamos em espírito e verdade, comungando no altar da Natureza, com a alma ajoelhada, em prece panteísta, sentindo nos recessos da vida a magnitude do Infinito.

Mas o habitante das grandes cidades de há muito perdeu o jeito de olhar para o céu. Só lhe interessa a ambição, a intriga, o conflito, o golpe, a patuscada. Desespirtualizado, mui raramente olha a lua, quando insone até madrugada. Mas não pensem que é para admirar-lhe a beleza; é, sim, para vê-la prejudicada em sua fulgurância pela sombra negra da Terra, o planeta infernal já aniquilado pela mão de Deus e que persiste em suas loucuras, aumentando a impaciência do Criador...

Por que é que o homem da cidade só gosta de ver a lua cheia quando ela se esconde na penumbra da Terra? E' porque o homem civilizado é uma espécie de morcego, de vampiro, e só aprecia a treva, a sombra da noite e do espírito, com o que possa, impunemente, proceder na execução de seus cálculos para os assaltos noturnos...

RENATO DE ALENCAR ★ Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

E todos olhavam para ela	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	38

REPORTAGENS

Instituto Muniz Barreto	4/ 6
A Senhora das Graças em S. Gonçalo (W. Guarnieri)	15/18
"Hamlet"	28/33
Ópera a 20 cruzeiros	55/58

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
--------------------------------	----

CARICATURA

Guerra ao bicho (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

BIOGRAFIA

A vida de Huxley	14
------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Modas	20/21
Requinte	23
Gala	24/25
Noivas	26/27
Para o seu guarda-roupa	34
Week-end na cozinha	34
De Hollywood	35
Golas e écharpes	38
Sempre elegante	39
Nudismo (Mercedes Santos)	43
Interiores	43
Mães e filhos	48

CONTOS

Bicho do mato (Aurora R. C. Araújo)	22
O velocípede (Altino Bondesan)	42

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	36
--	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	37
---	----

NOVELA

Lutando por seu amor	49
----------------------------	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

ILUSTRADORES

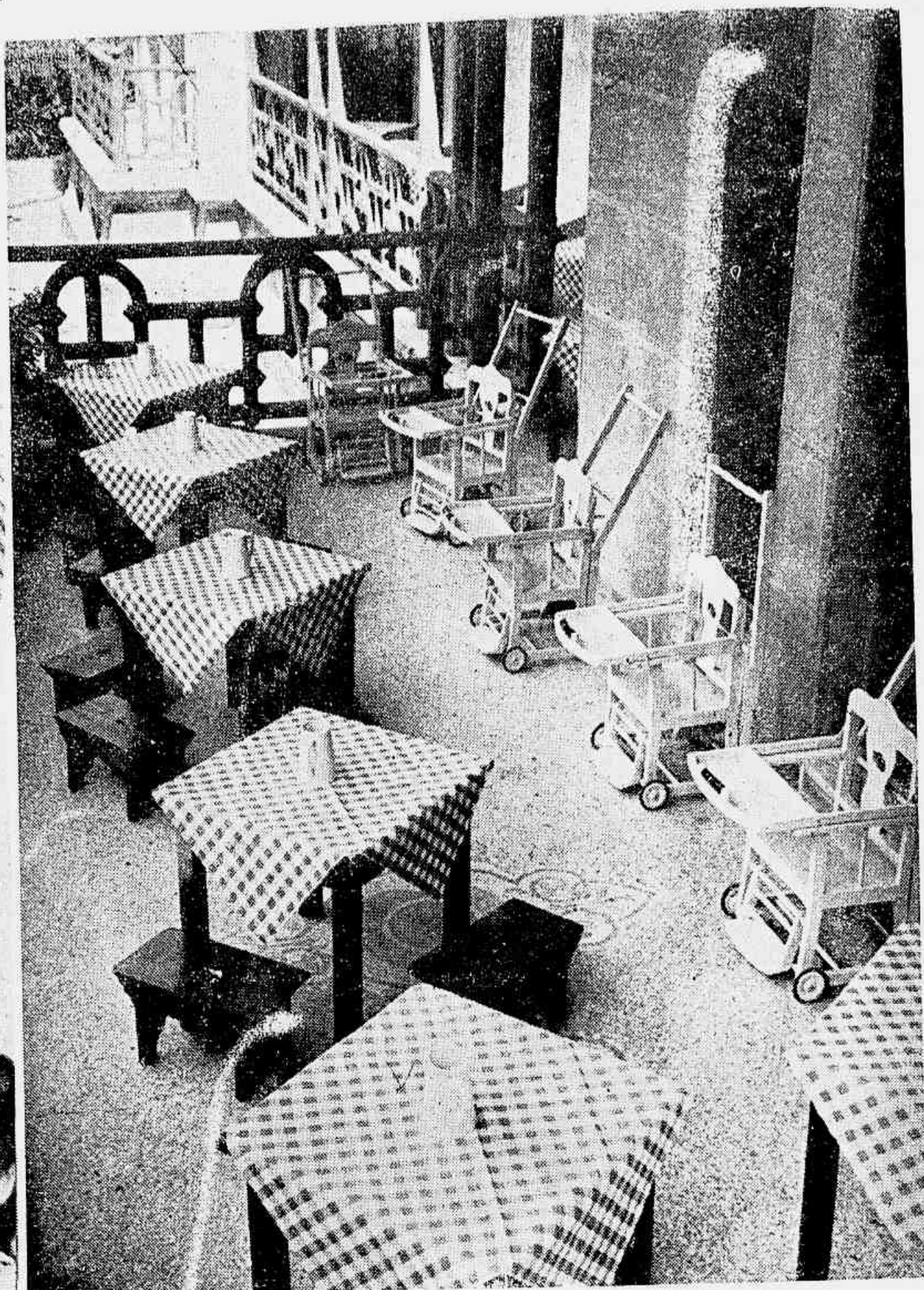
M. Queiroz
Ana Zagorska
Orlando Matos

REVISTA DA SEMANA



N O S S A C A P A

A linda e talentosa artista de Hollywood Virginia Mayo, da R.K.O., foi a nossa escolhida para a capa da REVISTA DA SEMANA desta edição.



A' esquerda: Parte do refeitório na hora do "lunch". A' direita: Outro detalhe do refeitório, vendo-se as mesinhas e carrinhos para bebês graciosamente dispostos

Uma obra baseada no sentimento de amor ao próximo

O INSTITUTO MUNIZ BARRETO CRESCE NO CONCEITO E SE IMPÕE À GRATIDÃO DO POVO CARIOCA



N O Brasil onde, infelizmente e a despeito da sua exuberante riqueza natural a miséria campeia, deixando sua tenebrosa marca nos milhões de infelizes atingidos pela tuberculose, a lepra e outras moléstias terrivelmente devastadoras, merece os maiores louvores as instituições particulares que, mesmo lutando contra numerosos e formidáveis obstáculos, conseguem afinal superá-los realizando algo de proveitoso no terreno da educação e da saúde da infância.

Entre estas instituições, baseadas em profundos sentimentos humanitários e cristãos, cumpre salientar os serviços prestados por aqueles que cuidam dos menores, preparando-os para, no futuro, serem úteis à sociedade e à Pátria. Tem sido esta a tarefa e a finalidade do Instituto Muniz Barreto, cujas atividades focalizaremos nesta reportagem, mostrando aos nossos leitores o quanto tem feito em benefício da infância a referida instituição.

DE MAIO DE 1918 A ABRIL DE 1949...

Fundado em 19 de Maio de 1918, lutou a princípio o Instituto Muniz Barreto com

Encantadora vista da entrada do Parque de Recreio

grandes dificuldades para se firmar, mas, por imposição de suas finalidades e pelo empenho de sua Diretoria, a frente da qual se encontra a figura ímpar de educadora de D. Maria Dulce Cardoso Limoeiro, e cujos membros não poupam esforços no sentido de que as mesmas fôsem cumpridas vem se desenvolvendo cada vez mais e proporcionando aos menores que lhe são confiados o conforto e a instrução de que tanto carecem. Ainda recentemente, com o apoio decidido do Serviço de Assistência aos Menores de que é Diretor o Dr. Hélio Tornaghi, e que vem executando com firmeza o programa sábio e patrioticamente traçado por esse moço incansável, de espírito culto e realizador, o Instituto fez inaugurar a Obra de Assistência ao Pré-Escolar, estabelecimento este que, juntamente com os outros localizados às ruas Vinte e Quatro de Maio e Almirante Cockrane, completa os seus dignificantes serviços em prol da petizada assistida pelos poderes municipais e autarquias.

DA OBRA DO PRÉ-ESCOLAR AO PRE-VOCACIONAL

A Obra de Assistência ao Pré-Escolar, localizada em lugar aprazível, qual seja o Alto da Boa Vista, gozando das sombras amigas das árvores frondosas e do ar puro das regiões de vegetação abundante, destina-se a receber crianças de ambos os sexos, sem distinção de raças e classes, na idade de 1 a 6 anos, ou seja, no período pré-escolar. Depois ao atingirem 7 anos, entrando no período primário-fundamental, que vai até aos 10 anos, são transferidas para o Colégio da Rua Vinte e Quatro de Maio. Aí ficam até atingirem os períodos profissional e pré-vocacional, compreendidos entre as idades de 11 a 15 anos, quando, finalmente, são transferidas para o Ginásio, localizado na Rua Almirante Cockrane.

A Obra de Assistência ao Pré-Escolar está confortavelmente instalada, como se vê pelas fotos que ilustram esta reportagem, numa antiga mansão de família abastada, em cujas paredes estão embutidos enormes espelhos de cristal purís-



Grupo feito no dia da inauguração da Obra de Assistência ao Pré-Escolar, do Instituto Muniz Barreto, vendo-se, à direita, o Dr. Hélio Tornaghi, Diretor do S. de Assistência aos Menores, a Diretoria do Instituto, funcionários do S. A. M. e pessoas de destaque social

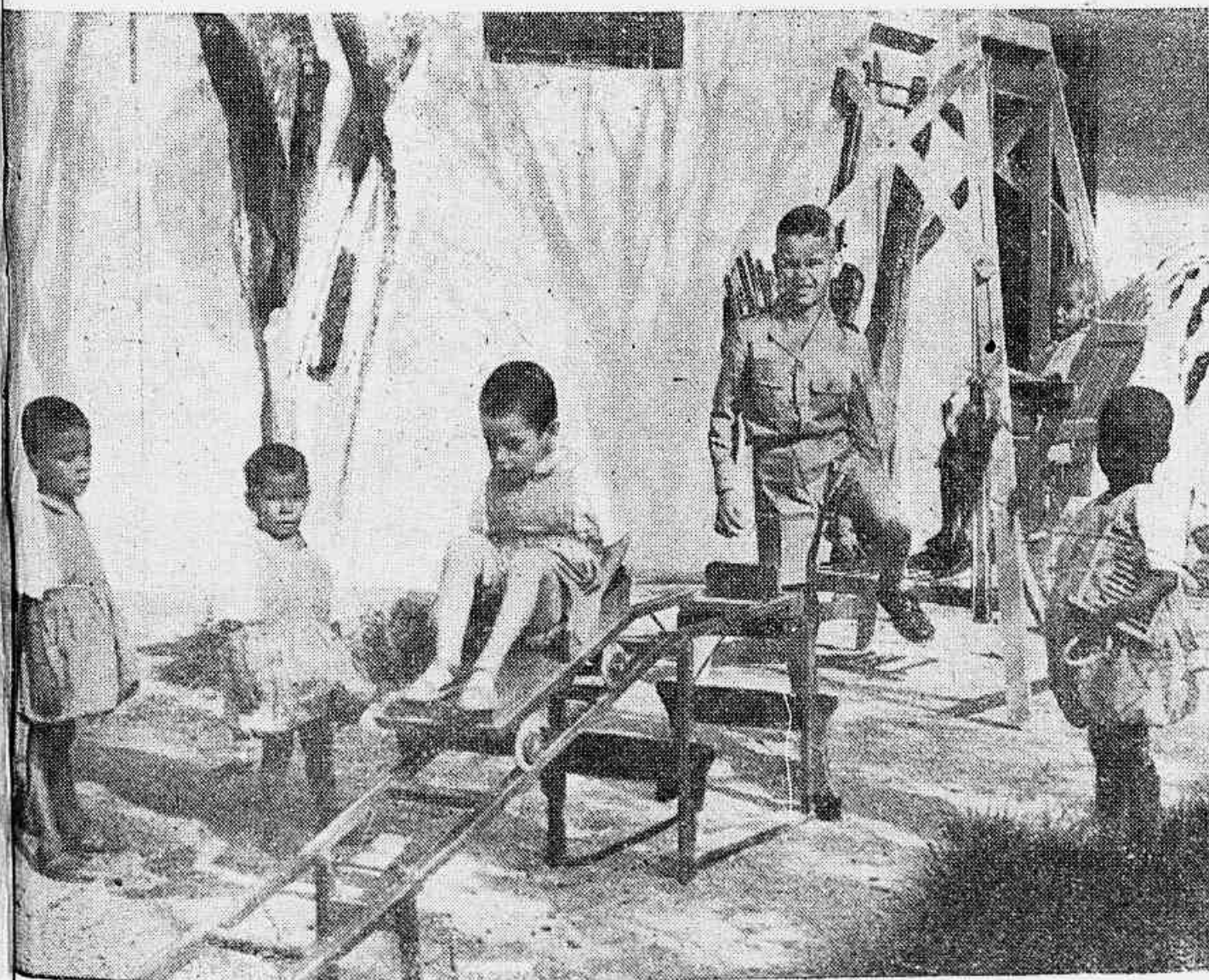
simo. Quase tôdas as salas foram transformadas em amplos dormitórios bem arejados, onde a Imagem de Nossa Senhora vela o sono dos pequeninos que, no importante educandário carioca, ensaiam os primeiros passos para a vida.

SADIOS DE CORPO E ALMA

O serviço médico foi uma das coisas que mereceram especial atenção da Diretoria do Instituto que mandou instalar em amplos e arejados salões modelares gabi-

netes médicos e odontológicos com todos os requisitos necessários ao perfeito funcionamento da medicina e da odontologia modernas.

Quatro cirurgiões de comprovada capacidade, os Drs. Luiz Carlos de Souza,



A' esquerda: Nas horas de recreio, as crianças encontram no majestoso Parque um ótimo lugar para seus folguedos. A' direita: Além dos balanços e escorregões, o Parque de Recreio também dispõe de jogos infantis, como este da foto acima, de caracter educativo



Detalhe de um dos dormitórios, tendo, à direita, a imagem de Nossa Senhora que velará pelo sono inocente das criancinhas

os livros e as bancas escolares, aprendendo a amá-los a fim de se tornarem homens úteis à coletividade que os acolherá um dia, sadios de corpo e alma.

"AMAI-VOS UNS AOS OUTROS"

Nas horas de diversão, as criancinhas encontram no vasto Parque de Recreio um local alegre e amplo onde podem brincar livremente, sem perigos de atropelamentos ou outros inconvenientes, gozando também da sombra acolhedora das árvores e do ar puro da montanha. Conta o Parque, para melhor entretenimento de seus pequenos frequentadores, com grande número de balanços de todas as espécies, escorregas, bancas de jogos infantis com caracter educacional e muitas outras coisas com que a petizada se diverte.

A Diretora de tão humanitária instituição, D. Maria Dulce Cardoso Limcoiro, tudo tem feito para que aos pequenos entregues à sua guarda nada falte, cuidando de todos com aconchegado sentimento de amor ao próximo, sob a inspiração do sagrado conselho: "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS".



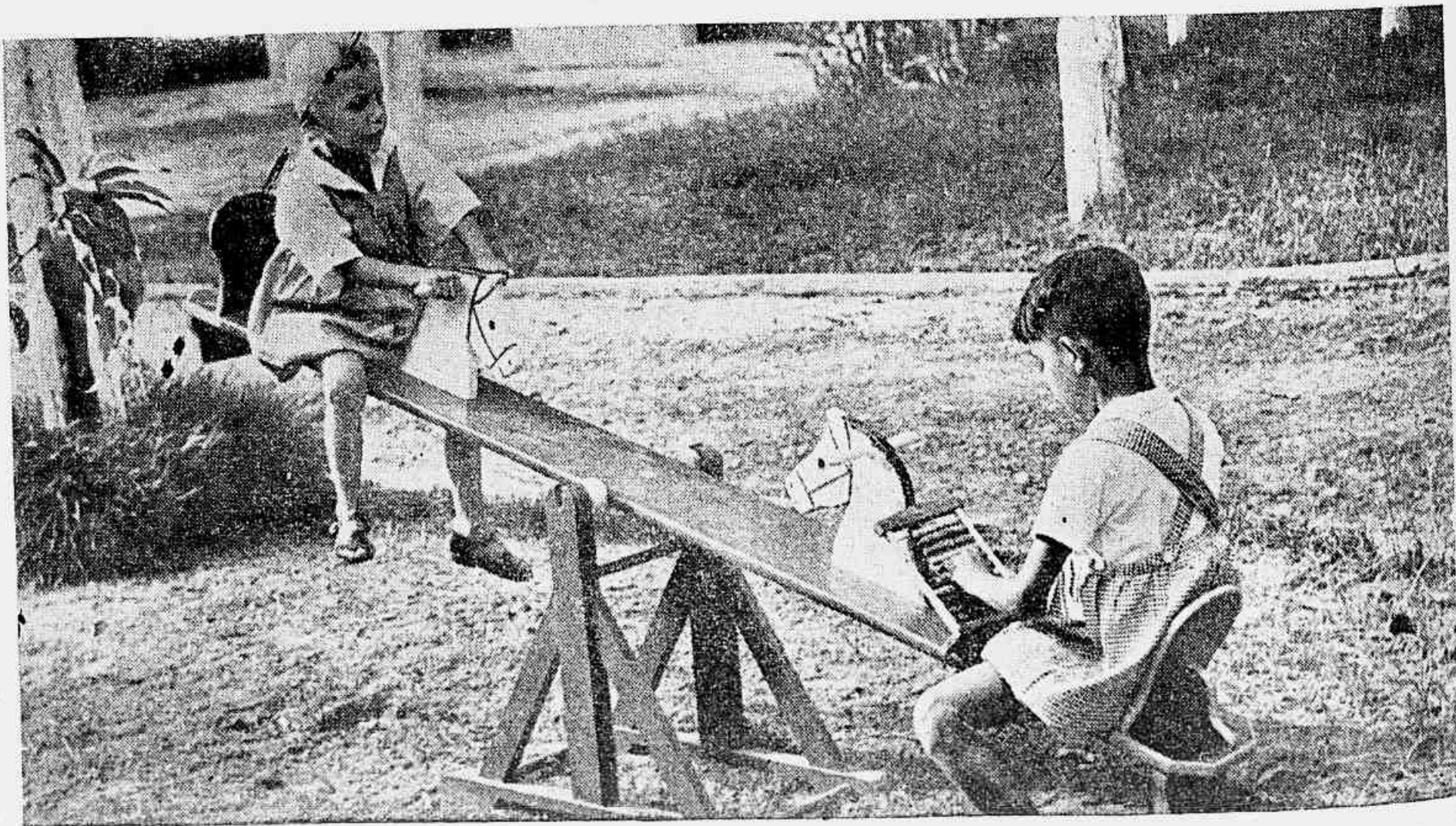
Vista parcial do Parque de Recreio, onde, nas horas vagas, deleita-se a petizada em folguedos à sombra amiga das árvores

Anquises de Alcântara, João de Souza Cardelo e Felício Pinheiro, auxiliados por duas enfermeiras competentes, D. Maria do Carmo e D. Otilia Mendes, cuidam diariamente da petizada, nos dois turnos em que se dividem.

As crianças, quando enérfimas, são atendidas pelos médicos especializados, passando por rigoroso exame de saúde e, classificadas em grupos, são entregues aos clínicos para o devido tratamento.

E' notável também o aparelhamento de ensino, que está disposto em salas arejadas e claras destinadas ao jardim de infância, onde os pequeninos brasileiros entram pela primeira vez em contacto com

Respirando o ar puro da floresta, estes dois internados brincam nos balanços do Parque de Recreio



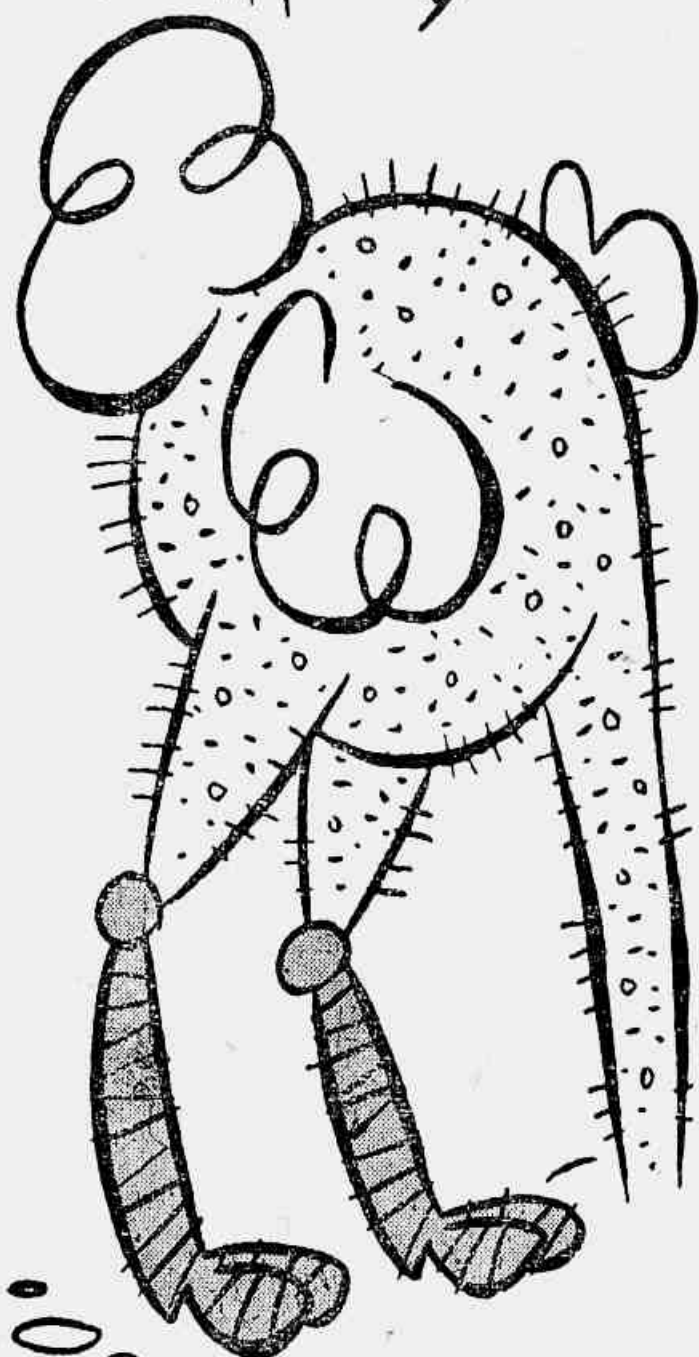
GUERRA* DO "BICHO"



O repórter — Que pensam vocês sobre a campanha contra o jôgo do bicho?

O porco — uma sujeira...

O cavalo — A mim não afeta. Eu também corro no prado...

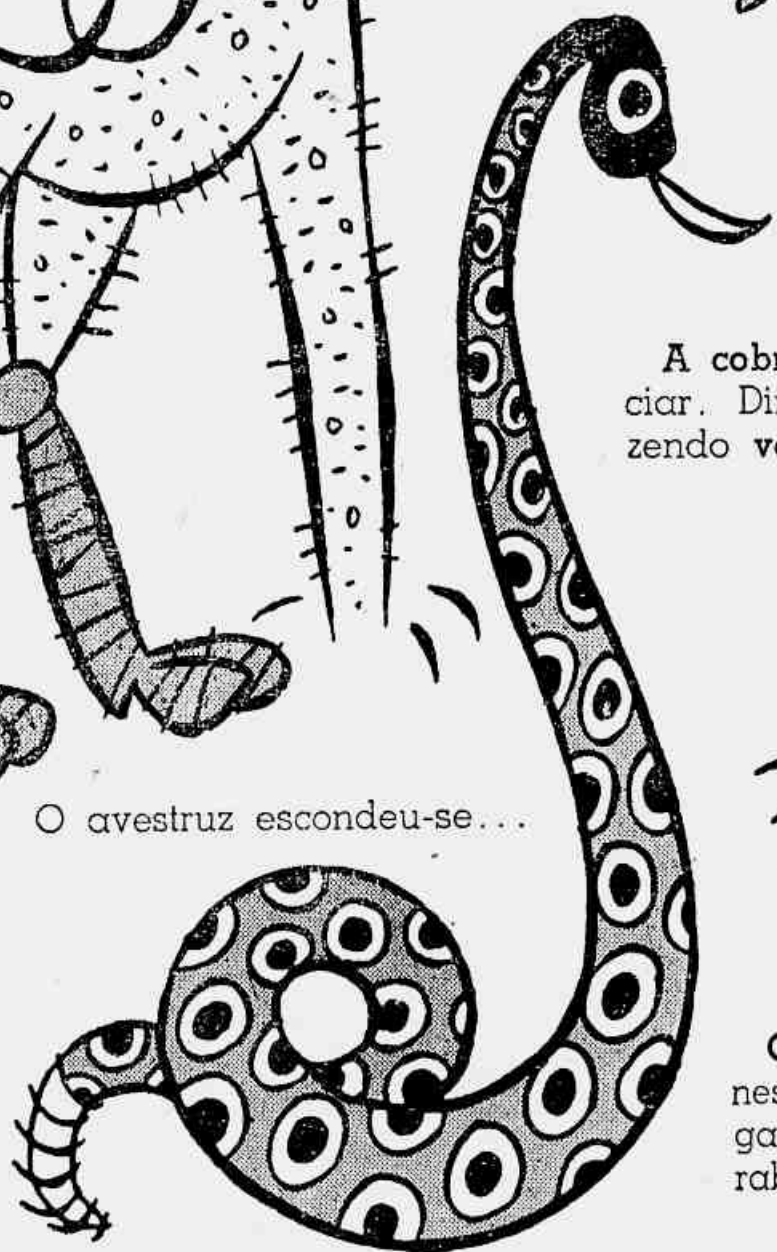


O avestruz escondeu-se...



A cobra — Prefiro silenciar. Dirão que estou fazendo veneno...

O coelho — Aqui para nós. Andam dizendo que tem meu dente metido nisso...



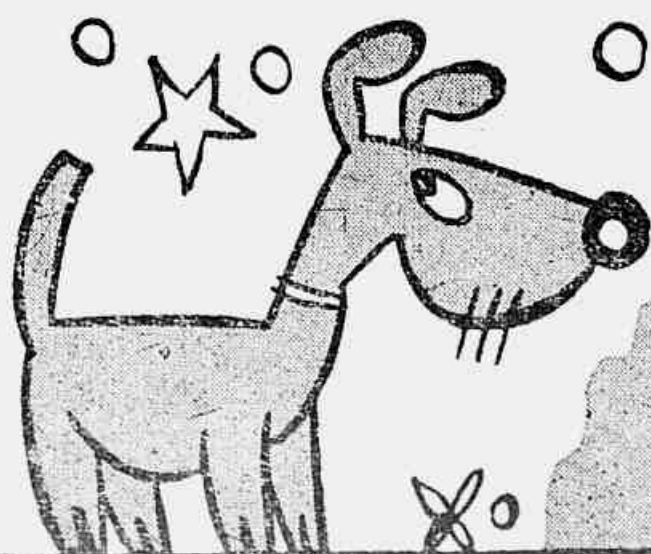
O bichano — Há nessa história muito gato escondido com o rabo de fora...

O urso — Uma autêntica ursada...



A girafa — Estou fora dessa marmitta...

O cachorro — Não gosto desse costume de colar o resultado nos postes! Junta muita gente...



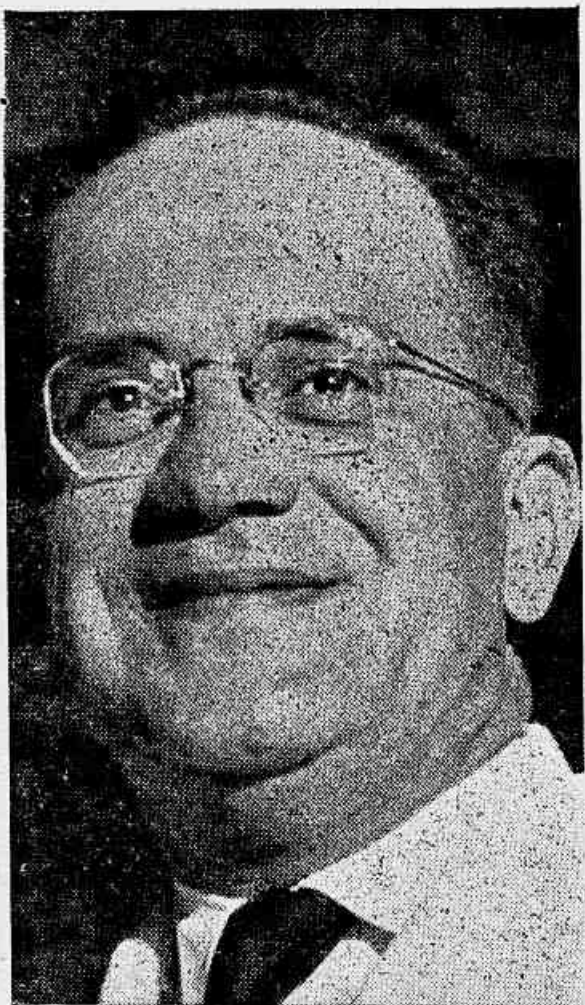
199
434
591
030
628



O acontecimento de mais realce nos meios nacionais nesta semana foi, evidentemente, representado pela oração do sr. Hermes Lima, delegado do Partido Socialista Brasileiro, na Câmara dos Deputados.

O representante socialista patricio, da tribuna parlamentar, abordou o problema que, em face de mensagem do Governo, está em estudos no Congresso Nacional. E fez-o em termos candentes acusando o Executivo do modo mais grave possível e da maneira mais clara que se pode imaginar.

O discurso, mesmo proferido como foi, em fim de sessão, causou um choque tremendo no Parlamento e na opinião pública, tanto que o sr. Acúrcio Torres, líder do P.S.D. na Câmara, ao que se diz, ouvindo antes o Catete e inaugurando nova praxe parlamentar, solicitou informações ao Poder Executivo. E quando esta edição estiver circulando, o representante possedista já deverá ter dado longas explicações à Nação.



Deputado federal Hermes Lima

O assunto é da importância mais transcendente e pede uma diretriz segura.

Se desde o início o Governo brasileiro houvesse tomado um rumo único, nada teria acontecido além do debate decorrente da escolha desse rumo. Só há dois caminhos: exploração do petróleo pelo Estado ou concessão dessa exploração a particulares, tudo sob rigoroso controle estatal e participação do Estado nos lucros.

A solução mista — uma coisa e outra — parece orientação de prática difícil. Seria como que somar quantidades heterogêneas.

O Governo tem mil razões para se abroquelar na primeira tese; e não lhe faltariam carradas de motivos para defender a segunda.

A primeira repousaria no fato de constituir o petróleo valor tão útil que é considerado um dos denominadores comuns da civilização e do poder; a segunda repousaria na verdade que encerra a convicção de muitos, segundo a qual o Estado industrial, máxime entre nós, não dá conta dos encargos.

A questão do petróleo está, assim, novamente em foco, agora dentro do Congresso Nacional. E o deputado Hermes Lima foi o alvo das atenções gerais, tornando-se, destarte, a personagem da semana.

a SEMANA EM REVISTA

O VITALIZADOR Durante séculos os sábios e curiosos, os físicos, os químicos e astrólogos, viveram atrás deste sonho irrealizado, até hoje: a alquimia, para transformar qualquer metal em ouro de lei. Isso seria conseguido através da "pedra filosofal" dos incansáveis alquimistas. Hoje ninguém pensa nesse milagre, mas há um outro sonho: o de encontrar-se um produto, um processo, um sistema, que possa libertar a raça humana de tanta moléstia, de tanto sofrimento físico. Daí as experiências de laboratórios, as pesquisas dos técnicos o trabalho insano dos microbiologistas e a consequente avalanche de remédios de toda espécie a encher as prateleiras de farmácia e drogarias. Entretanto, o ponto capital da coisa não é, propriamente, a descoberta de mais drogas, e sim, de um meio eficaz, simples e único, para combater qualquer moléstia. Uma outra "pedra filosofal" de natureza terapêutica. Dentre esses sonhadores há um entre nós que descobriu. Descobriu e registrou no Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina. E' um aparelho a que o inventor, Sr. Jorge Worms deu o nome de Vitalizador eletroterápico e tem por finalidade a revitalização do organismo, restituindo à constituição humana a natural emissão elétrica, capaz de fazer cessar os efeitos das causas de toda e qualquer doença. Mas, com esse Vitalizador a grande e lucrativa indústria da droga estaria morta. E, segundo dizem, esse invento miraculoso foi interdito durante o período ditatorial, apesar de estar registrado no S. N. F. M. acima aludido. Já se respirando os ares saudáveis da democracia, o inventor recorreu agora à Justiça numa ação declaratória contra a União, requerendo que lhe seja permitido fazer propaganda de seu invento. E vamos ver se nossa vida vai melhorar...

UM HOMEM HONESTO Por ocasião da primeira grande guerra, o Sr. Oreste Vaitardi, que exercia o cargo de Caixa de um banco em Roma, fugiu de seu país para a França, levando quatro milhões de francos furtados do cofre do estabelecimento. Tendo, entrado clandestinamente na França, ali passou a viver e a enriquecer cada vez mais com o produto de sua infidelidade. Para escapar, de vez, à ação da polícia italiana. Oreste adquiriu a cidadania francesa e multiplicou sua fortuna. Mas, por mais que um delinquente primeiro tente, jamais poderá iludir essa coisa estranha e íntima que se chama consciência. Foi a consciência que não deixou Oreste descansar um só dia. Aquêles quatro milhões de francos furtados do cofre de seu Banco, mesmo se havendo multiplicado, nunca deixaram de queimar-lhe a alma como um ferro em brasa. E que sonhos tinha o ex-caixa culpado! Um dia, precisamente a oito de abril deste ano de 1949, depois de trinta anos de seu delito ele resolveu ir à Itália e ali entregar-se às autoridades. Oreste Vaitardi se apresentou à polícia e contou sua aventura... E' claro que foi metido na cadeia; mas... com tanto tempo já decorrido estava a pena prescrita. Foi posto em liberdade; mas a consciência continuava a dizer-lhe: ou restitui, ou vai para a cadeia. Ora, como as leis humanas o consideravam livre de pena em face da prescrição do delito, ele que tem dinheiro a bessa, decidiu devolver o produto do furto. O "Giornale d'Italia" deu a sensacional notícia, mas não divulgou se o homem vai devolver a soma acrescida de juros compostos. Se assim for, esses quatro milhões de francos atingirão soma elevadíssima! E, segundo todo mundo já está dizendo, esse ladrão honesto... já vai tarde!

FUME E PAGUE O vício do fumar foi levado pelos primeiros colonizadores da América à Europa. Dizem que Colombo, vindo os indígenas a saborear a famosa folha da futura mãe da "nicotiana tabacum", não teve dúvidas e caiu na deliciosa diversão das tragadas. O tabaco, originário da ilha Tabago, uma das pequenas Antilhas Inglesas, desenvolveu-se de tal maneira que passou a constituir até monopólio do Estado, como sucedeu na França e outros países. A indústria é hoje uma das mais florescentes, e todo mundo puxa pelo cigarro, pelo charuto ou pelo cachimbo. Fumar já não é mais vício condenado pelos maiores. E' chique, é elegante. Mas... sempre é bom haver umas tantas proibições. Por exemplo: nos recintos fechados. E' claro que nem todos suportam o fumo. Desta forma, se uns fumam, outros não toleram. Na rua, nos bondes, nos trens, sobre o mar, vá lá que se fume. Porém, nos cinemas, nos elevadores, nos restaurantes, francamente, é absurdo o uso e abuso do fumo. Entretanto não há lei que consiga corrigir os fumantes. Há um decreto ainda do tempo de Bernardes, se não nos enganamos, que proibia o uso dos chapéus femininos nas casas de espetáculo, e também o fumar. Ou Bernardes ou Washington Luís. Até hoje os fumantes resistem à lei, à polícia, às boas maneiras. Durante os espetáculos para quem estiver nos balcões, toda a plateia parece um campo incendiando... Homens e mulheres, velhos e jovens, lá estão a chupar os cigarros e a encher o ambiente de nuvens insuportáveis. Foi pensando nisso que o Sr. Augusto Jenisch, naturalista e higienista patricio residente em Tapes, Rio Grande do Sul, endereçou um memorial ao governador Walter Jobim e à Assembleia Legislativa sugerindo a criação de um imposto de cinco cruzeiros a todo aquele que fumar em recintos fechados. A coleta será destinada aos leprosos. Ótima idéia mas não tardariam Mandados de Segurança...

OS RATOS DE SANTIAGO Desde muitos anos que os higienistas provaram que a peste bubônica e outros morbus são transmitidos pelos ratos por intermédio das pulgas. No Rio, de quando em quando, surgiam terríveis epidemias de febres malignas com origem nos ratos. Ao tempo em que os gatos eram inimigos desses roedores, podia o homem descansar um pouco; mas, com o evoluir do tempo, os gatos foram perdendo o apetite diante de ratos mesmo gordos e pesados, e não é raro vermos por esses recantos de esgôto os ratos a conviver entre gatos na maior harmonia... Com a abertura da Avenida Rio Branco e outras ruas centrais desta capital, os ninhos de ratos foram sendo liquidados e a raça daninha e pestilenta sendo afastada para os subúrbios. Hoje, embora ainda haja milhões de ratos no Rio, os surtos de peste são raros, tendo o último, a febre amarela, nos visitado em 1929, logo debelada pelas providências imediatas da Saúde Pública numa desinfecção geral de todas as casas da cidade. Mas há outras cidades sul americanas que são vítimas de ratos e suas operosas pulgas. Uma delas é a capital do Chile. Segundo os jornais, o governo daquele país está tão impressionado com a praga de ratos e os registros de "tifus mufino" (sic) que ordenou uma detetização total do Palácio Presidencial, para que sejam destruídos todos os ninhos de ratos que engordavam sob a proteção e imunidades do palácio governamental. Muito bem. Achaamos que todos os governos do mundo deviam, de quando em quando, aplicar uma desinfecção geral e profunda em seus próprios nacionais, estaduais e municipais, combatendo vigorosamente os ratos e todas as pessoas de sua degenerada família. Só assim as nações poderiam respirar.

GRAVATAS E CINEMA Essa peça da indumentária masculina (e, às vezes também feminina) a gravata, tem sua história na humanidade. A gravata preta que os marinheiros ingleses usam, bem como marujos de outras nações, é o símbolo de luto eterno pela morte de Nelson, o herói de tantas lutas contra franceses e espanhóis e que morreu na batalha naval de Trafalgar. Tem o nome de gravata um dos golpes mais terríveis da luta romana ou qualquer uma outra desse tipo; são respeitáveis as antigas gravatas de pintor, delicadas as "borboletas", espalhafatosas os "plastrons". Já houve na cidade do Salvador, Bahia, uma lei que proibia viajar nos bondes sem levar a gravata. Nos cinemas do Rio já foi proibido entrar sem gravata, bem como nos ônibus. Hoje, nos luxuosos cinemas de Copacabana, do centro da cidade, ou nos de qualquer bairro, o espectador entra até de sandália e blusão... Mas em São Paulo a falta de uma gravata é motivo para barrar-se a entrada de um cidadão em seus cinemas. Por esse motivo um fã teve que retroceder do "guichet". Homem decidido a defender os seus direitos de desgravatado, requereu "habeas-corpus" perante a terceira vara com o fim de lhe não ser obstada a entrada nos cinemas por falta daquele pedacinho de pano ao pescoço. Julgando o pedido o titular da Vara denegou-o com o fundamento de que o que pretende o impetrante é entrar em cinema — propriedade particular — sem gravata, contrariando o regulamento dessas casas de diversão. Não se trata, pois, de proteger o direito de locomoção, que é o fundamento do "habeas-corpus". Na verdade, a gravata completa o vestuário masculino... cinematograficamente.

O PACTO DE KOBE Num dos hospitais da cidade japonesa de Kobe, nada menos que seis enfermeiras fizeram um pacto de morte. Beberiam clantureto de potassa, tóxico violento que é capaz de desmilinguir o Pão de Açúcar se tomasse um banho com ele. Pois bem: quatro delas morreram, salvando-se duas. Os médicos não souberam por que motivo essas "mussumês" do hospital foram levadas, a tal sacrifício. O japonês é tido como um cidadão misterioso, retraído, conveniente místico, silencioso. E as mulheres japonesas ainda mais. Entre elas predominam as idéias da sobrevivência da alma após a morte física do corpo, e muitos deles vivem até mesmo a desejar a morte como um meio prático de se irem juntar aos seus maiores. Quem sabe se essas mocinhas de olhos de amendoa a faces cor de palha velha não desejaram ir reunir-se... aos seus noivos ou namorados tragados pela guerra? As nações ocidentais estão formando um Pacto do Atlântico, não era nada de mais se elas também firmassem e executassem um Pacto da Morte. A reincarnação é a base principal da teoria religiosa do povo japonês. Como o nosso atraso é muito grande em matéria de turismo pelo outro mundo sem a morte, o mais prático e eficiente seria mesmo o que elas resolveram: acabar com o mofambo de vida enchendo o estomago de veneno. Umas foram felizes e já estão em idílios com seus prediletos na amena e suave vidinha do Nirvana japonês. Mas as duas restantes ficaram vivas para intrigar os médicos e provocar suspeições e mexericos de toda a espécie. E tenham os administradores desse hospital o olho vivo sobre elas. Com certeza vão repetir a tentativa.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 17 — 23-4-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 87 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 84, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



"Não foi o Brasil convidado a subscrever o Pacto do Atlântico porque — segundo declarações do general Canrobert Pereira da Costa em entrevista coletiva à imprensa de Chicago — o Tratado do Rio de Janeiro é suficiente para a defesa das Américas". Conversações para um acordo comercial entre a Grã-Bretanha e a Rússia. Obtém novas vitórias os conservadores ingleses, aumentando de 188 o número de cadeiras nos Conselhos Municipais na Inglaterra. Terminou a greve dos taxis em Nova York. Acusações de Gromyko, perante o Comitê Político das Nações Unidas, ao Pacto do Atlântico Norte, qualificando-o de "complot militar e político contra a Rússia e a Europa Ocidental". "O Brasil precisa, uma vez por todas, entrar na órbita das nações civilizadas e democráticas do mundo, abandonando os métodos violentos, caudilhescos e aventureiros na solução das suas questões políticas" — diz o general Zeno Estillac Leal em discurso ao assumir o comando da 5ª Região Militar, sediada em Curitiba. Graves acontecimentos puseram fim ao "Congresso de Paz e Cultura" promovido pela U.N.E. aqui no Rio, em sua sede, tendo a Polícia sido obrigada a intervir para dissolver o ajuntamento, não autorizado, num próprio nacional. Eleitas a "Rainha" e as "princesas" da "Mi-Carême" de 1949, sob o patrocínio da Prefeitura do Distrito Federal. Continuam infrutíferas as pesquisas levadas a efeito na zona em que teria desaparecido o vapor brasileiro "Oswaldo Aranha". Vai ser aumentado o preço da carne para os cariocas. Assinado o acordo para o aumento dos salários da Leopoldina. Encerrou-se o Congresso Nacional dos Jornalistas, reunido em S. Paulo. Em consequência da concentração feita nos arredores do Senado Federal, em novembro do ano passado, foram expulsos, a bem da disciplina, dois marujos que serviam no Corpo de Fuzileiros da Marinha de Guerra. Truman pede ao Senado a ratificação do Pacto do Atlântico. Oriente e Ocidente em choque dentro da O.N.U. ao se iniciar o debate em torno do julgamento do cardeal Mindszenty. Caiu o gabinete grego. Ameaçam os gafanhotos a agricultura do Canadá, estando prevista uma invasão de acridídeos em larga escala. Volta a rádio comunista a atacar o governo de Nanquim. Dean Acheson, definindo e expondo as razões que inspiraram o Pacto do Atlântico, explicou que "a obrigação do uso da força armada está condicionada à existência de um grande ataque a qualquer dos membros da aliança defensiva". Graves acusações, feitas na Câmara Federal pelo deputado Hermes Lima, ao Governo sobre a concessão das refinarias de petróleo. Apareceu o primeiro vestígio do vapor "Oswaldo Aranha": uma baleeira com quatro remos e dez salva-vidas. Nova divisão eleitoral para o Paraná. Acordo comercial entre o Brasil e a Inglaterra. O Departamento de Comércio de Washington aprovou os planos elaborados para a construção de uma Usina Siderúrgica na Argentina com capacidade para 600.000 toneladas de ferro guza por ano. Anuncia o Instituto do Cacau da Bahia que, depois de vários meses de negociações, conseguiu colocar cerca de 50.000 sacos daquele produto dos Estados Unidos. Registrado pelo Tribunal de Contas o empréstimo de 75 milhões de dólares à Light, acrescentando o procurador geral ministro Cunha Melo, em parecer verbal, que se fosse parlamentar talvez não aprovasse a lei que o autorizou. Voltam ao trabalho os grevistas da Panair do Brasil. Afirma a Rádio de Moscou que um cientista russo descobriu um material sintético superior ao "nylon". Denuncia a Rússia o Pacto do Atlântico, declarando Gromyko que as nações ocidentais conspiram para a guerra atômica contra a U.R.S.S. Após agitados debates, a Câmara dos Deputados aprovou e enviou ao Senado norte-americano o maior orçamento militar da história dos Estados Unidos em tempo de paz: 16 bilhões de dólares! Em Fort Benning o general Canrobert Pereira da Costa. Protelada a admissão de Israel na O.N.U.; tem de explicar, primeiro, se pensa em cumprir ou não a resolução que determina a internacionalização de Jerusalém. Alan Kirk será o novo embaixador americano em Moscou. Concluído o último julgamento de Nuremberg: dos 21 criminosos de guerra processados, 19 foram condenados por terem cooperado no programa nazista de saque e extermínio. Bombardeio da Rússia com panfletos pacifistas — é o que sugere o senador republicano Taph Flanders, em discurso sobre o Pacto do Atlântico. Seattle, nos Estados Unidos, abalada por forte terremoto. Retiram-se os comunistas da margem norte do Yang-Tsé. Afirma a Rádio de Moscou que os russos não pretendem suspender o bloqueio de Berlim. Projeto apresentado no Senado Federal sugerindo a dispensa de exames vestibulares para o ingresso nos cursos superiores em todo o Brasil. Em prosseguimento ao Campeonato Sul-Americano, o Brasil derrotou a representação do Chile por 2x1. Terá a Polícia carioca uma emissora de ondas curtas. Uma firma comercial de Natal, demandando contra a União, obtém voto favorável do ministro relator, ficando a Fazenda Pública obrigada a indenizar os prejuízos causados com o levante comunista de 1935, de que resultou danos nos estabelecimentos daquela firma. Comemorado solenemente o quarto aniversário da tomada de Montese pela F.E.B. Preparativos para o IV Congresso de História Nacional. Prêas numerosas pessoas envolvidas nos acontecimentos da U.N.E., inclusive dois jornalistas. O Instituto dos Marítimos providencia a concessão dos benefícios previstos em lei, que se tornarão efetivos caso o navio "Oswaldo Aranha" seja dado oficialmente como desaparecido. O presidente da República sancionou lei do Congresso Nacional estendendo à Escola Naval os mesmos direitos, vantagens e regalias aos alunos da Escola Militar. Faltou peixe na Semana Santa para a mesa do carioca.



O SABÃO DAS GERAÇÕES

Há 118 anos que o SABÃO RUSSO beneficia os lares. Daí, a confiança de que goza em nosso meio. Os filhos ouviram o seu elogio da boca dos pais, os pais dos avós, os avós dos bisavós. Todas as gerações souberam que se deve ter sempre em casa, ao alcance da mão, um vidro de SABÃO RUSSO. Ele é o amigo, o médico, o confidente, sempre pronto, de dia ou de noite, a prestar-nos auxílio.



Líquido, sólido e em bastões para barba

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem, ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

FLOR DA MADRUGADA

Páginas de poesia de SYLVIO MOREAUX

Livraria Editora Zélio
Valverde S. A.
Rio de Janeiro
1949

O sr. Sylvio Moreaux apareceu na poesia com um êxito singular. Os fados tutelares o cercaram das mercês mais desejáveis. A crítica lhe deu as boas vindas em termos que logo prometiam mais altos e decisivos louvores. Os músicos se inspiraram nas suas criações para melodias ligeiras ou requintadas, que haviam de ter por intérpretes artistas verdadeiramente de cartaz. E o Rádio, finalmente, lhe facultou o seu poder de divulgação, em lugares públicos e em domicílios, pelo Brasil inteiro.

Este segundo livro corresponde fielmente ao primeiro; e os títulos mesmos se correspondem, se seguem. Traz momentos de paixão ardorosa e de profundo enternecimento; em tom "maior" ou "menor", os versos de amor percorrem a gama que vai da primeira esperança à correspondência plena; e, em muitas páginas, a poesia do tipo popular se ostenta, com as suas figuras e cenários autênticos, no seu legítimo ambiente. Há pequeninas e longas histórias contadas ao vivo. A da "Perna" ressuscita, por momentos, aos nossos olhos a criatura de miséria e de rua em que se inspirou: "Comum" igualmente se faz apreciar pelo fundo de verdade sugestiva. Esta segunda história principia assim — e dizemos "principia", porque a distribuição do espaço, nestas colunas, nos não permite transcrevê-la integralmente:

Maria do Sacramento habita no alto do morro, mas não mora em apartamento... Reside num barracão.

Tem um filho: Sebastião, a quem chamam Bactião ou simplesmente Tião.

Maria do Sacramento é lavadeira e nas horas vagas torra amendoim que o Tião vem vender cá em baixo. Querem saber mais alguma coisa sobre Maria do Sacramento?

Ela é consequência de um passo em falso da falecida Maria Rosa com o filho da patroa. Maria Rosa era preta. O rapaz não era, não. Maria do Sacramento saiu mulatinha, pois. A patroa despediu Maria Rosa e nem quis ver a cara da netinha. A pobre andou rolando por aí, e, como carne de preto é carne de segunda, matou fomes de amor por baixo preço. Depois, cupim no pulmão, hemoptises etc. Santa Casa... Cemitério...

DA TABA AO ARRANHA-CÉU

Observações e comentários de NELSON TABAJARA

PEN Clube do Brasil
Editora
Rio de Janeiro
1949

É este um livro, não de extensiva mas de evidente sinceridade. O escritor cuidou de transmitir o que viu e estudou, o modo como apreciou e julgou, as conclusões a que chegou — tudo a serviço daquilo que se lhe afigurou a superior verdade. Não há nestas páginas a procura do efeito sensacional a todo custo nem tão pouco a prudência embaraçosa dos que, receando avançar excessivamente nas suas opiniões, preferem o risco possível de deixar alguma coisa por assinalar ou esclarecer — e os outros, se souberem e quiserem, que digam o resto... Trata-se de um depoimento bem pessoal e que dá toda a impressão de independente, sem nenhuma espécie de afetação. Baseia-se em fatos ou aspectos colhidos diretamente, examinados ou sentidos por quem deseja acertar sem prévia razão "por que" nem especial maneira "como". É certa feição, que vai além da imparcialidade, nos torna a obra do sr. Nelson Tabajara deveras simpática e cativante.

Há no prefácio do livro uma divisão curiosa de tendências e condições de vida em cinco indivíduos, sejam funcionários públicos ou operários, cujos ordenados são exatamente os mesmos. As diversas maneiras como eles empregam essa quantia única serve para os definir e classificar, dando o motivo das agruras que sofrem ou as vantagens de que

gozam no seu lar como na vida coletiva. Esta passagem vem a constituir uma série de retratos sociais. Deles se pode deduzir a sociedade de uma época. Daí o seu interesse e o seu alcance.

Não é intuito nosso discutir até que ponto, em certas exposições ou interpretações, o autor se manteve coerente ou em perfeita concordância consigo mesmo. As cento e setenta páginas do presente volume não foram escritas de uma assentada. Por entre as ocorrências ou questões de que tratam os seus capítulos, foi o sr. Nelson Tabajara lendo livros, formando idéias novas, visitando outros países, para, tanto quanto possível, os conhecer e deles aproveitar as lições de verdadeira utilidade. No último capítulo e tendo opinado, perante determinados fatos, que "a salvação do Brasil está na prática das normas usuais do capitalismo", pondera e esclarece mais adiante: "Alguns leitores que conhecem pessoalmente o autor e que sabem que ele foi comunista durante muitos anos, hão de encontrar certa dificuldade para identificar o seu pensamento presente e as suas opiniões no passado. Para tais pessoas, somente uma circunstância seria realmente esclarecedora: viver algum tempo nos Estados Unidos".

Tudo isto quer dizer sinceridade. E não deixam de vir a propósito estas palavras de Octave Mirbeau — que citamos de memória — numa polémica sobre teatro e comediantes: "E' verdade. Escrevi, em tempo, uma coisa e, hoje, escrevo outra. Mas que tem isso? Só os idiotas é que não mudam de opinião".

O HOMEM QUE CALCULAVA

Romance de MALBA TAHAN

Edição Saraiva
São Paulo
1949

Traz este volume o sub-título "Aventuras de um singular calculista persa". São trinta e quatro episódios, a cada um dos quais corresponde um problema, para qualquer de nós ou para o trivial das pessoas, absolutamente insolúvel. Parece com extravagâncias, desvarios de um cérebro que faz questão de ser pelas outras inteligências tomado a sério, com o propósito de as desarranjar também. Só a um louco, julgamos nós, acudiria, por exemplo, a lembrança de repartir por três herdeiros trinta e cinco camelos sem sacrifício de nenhum dos animais e sem que os legatários deixem de receber cada qual o seu justo quinhão. O herói do presente livro faz a divisão exata, equitativa, impecável; e, ao fim, sem prejuízo de nenhuma das partes interessadas, sobram dois camelos: um para ele, calculista, outro para o seu companheiro de viagem. Eis o manejador de algarismos, o malabarista de equações, o mágico da álgebra e da geometria que o professor Melo e Souza, através do seu pseudônimo de Malba Tahan, criou e tornou célebre nas letras brasileiras. Deu-lhe, conjugadas em ditosa harmonia, a erudição e a imaginação.

Pôs as ciências exatas à mercê da sua fantasia. Fez que a trigonometria e os logaritmos, obedecendo-lhe ao gesto inspirado, manobrassem, tão pitoresca e nitidamente como um exército de "girls" em evoluções de fantasia. Batizou-o Beremis Samir. E mandou através de cidades e desertos, como outro D. Quixote que, em vez da missão de "enderectar tuertos", leva o mandato de esclarecer e simplificar, colocando-os ao alcance do nosso intelecto, todos os mistérios e complicações do Número.

Não se limita, porém, Beremis Samir a divulgar, tornando-os compreensíveis para o geral da gente, os segredos da matemática. Frequentemente se lhe oferecem ensejos de desempenhar o papel de moralista e ele os aproveita da melhor maneira. Ensina aqueles que viviam em erro ou pecado, sem rigorosamente dar por isso, a entrar no bom caminho, levados pela vera razão. Desmascara culpados hipócritas e salva inocentes de castigos que a outrem devem ser aplicados. Concilia amigos que se desentenderam, separaram e conduz os divorciados pela intriga alheia ou pelo próprio equívoco a amarem-se de novo e melhor que antes. Dá lições de cordura, ponderação, generosidade, altruísmo, sobretudo de bom-senso. Através das fórmulas aritméticas e algébricas, ou de mistura com elas, distribui os conselhos mais salutares. E, finda a leitura, ansiamos por que, em outro ou outros livros, Malba Tahan nos apresente mais problemas — para ele próprio, bem entendido, os resolver.

A TERRA E OS PROBLEMAS DO HOMEM

Estudo político-social de JOSÉ MARIA DOS SANTOS

Editora Brasiliense Ltda.
São Paulo
1949

O sr. José Maria dos Santos é um jornalista de rara aptidão, de pena sempre pronta para qualquer matéria ou questão e a maneira como, nas condições de momento, se torne necessário desenvolvê-la. Que nos conste, não quis nunca ser escritor de ficção, de poesia. No dia em que o resolvesse, a "facilidade" com que até agora lança um artigo ou uma série deles, certamente a encontraria, e sem maior demora, em criar um romance ou compor um poema. O talento, porém, é o mesmo; só muda — e assim mesmo até certo ponto — a natureza da obra, com os meios de execução que ela venha a exigir.

O presente livro reúne alguns artigos de jornal, através dos quais um tema se estabelece, se vai definindo e esclarecendo até à desejada solução. O autor começa por louvar altamente o projeto de lei sobre os impostos predial e territorial, enviado, em junho último, pelo prefeito general Mendes de Moraes à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Qualifica esse projeto como sendo "o mais claro e bem fundado documento sobre matéria fiscal e orçamentária jamais produzido pelos nossos meios oficiais, em todo o período republicano". Comenta-o depois, pelos dois lados que oferece: o prático e o doutrinário. E, a certa página, entra a discutir o famoso livro de Henry George "Imposto universal", de que, no correr da argumentação, se serve, já como elemento de apoio ou confirmação, já como motivo de idéias diferentes e de controvérsia. Outras obras auxiliam o seu trabalho, tais como a "Physiocratie", de François Quesnay — que foi médico assistente e conselheiro, em economia política, de Luís XIV —; o "Manifesto socialista", de Karl Marx e Frederick Engels; "On liberty", de Stuart Mill, etc. Na última parte do volume, volta a Henry George, tratando especialmente da questão do "Coletivismo". E conclui:

"Hoje, não vale mais a pena especular sobre as palavras. "Coletivismo" é o que praticam todos os governos, em involuntária e angustiosa emulação, sejam quais forem as doutrinas ou ideologias mais ou menos opostas a que se julguem filiados. Mas é o puro "coletivismo" do esmagamento da propriedade privada pelas finanças públicas, comprometendo todo o conjunto político e social da liberdade. O "coletivismo" de Henry George é a linha divisória de uma serra. Nos dois vales laterais germina apenas o poder absoluto".

RECEBEMOS

No fim da campanha, palavras do dr. Oliveira Salazar ao microfone da Emissora Nacional, de Lisboa, a 11 de fevereiro último. Edição do Secretariado Nacional de Informação. Lisboa, 1949.

Documentos dos Arquivos Portugueses que interessam ao Brasil, números 28 e 29, publicação da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro, do Secretariado Nacional de Informação. Fica completa agora a relação dos manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, referentes ao Pará e Maranhão, tais como Cunha Rivara os descreveu. Lisboa, 1949.

Direito de asilo, opúsculo do capitão de corveta A. M. Braz da Silva sobre "O asilo da almirante Luis Felipe Saldanha da Gama a bordo das corvetas portuguesas "Mindelo" e "Afonso de Albuquerque". Rio de Janeiro, 1948.

Caderno da Bahia, nº 3 do mensário que se publica em Salvador sob a direção de Cláudio Tuiuti Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão e Wilson Rocha, e em cujo sumário se encontram trabalhos em prosa ou verso, assinados pelos diretores e por Walter da Silveira, Otto Maria Carpeaux, Luis Henrique Dias Tavares, Ruth Guimarães, Antônio dos Santos Moraes, José Godoy Garcia, Camilo de Jesus Lima e Maria José Passos.

Revista Brasileira de Fisioterapia, mensário que, sob a direção do dr. Luys de Mendonça, se dedica especialmente à divulgação das riquezas hidro-minerais do Brasil. O presente número, correspondente a janeiro do corrente ano, insere, além das seções de redação, trabalhos de Manuel Pais de Oliveira Filho, Paulo Pais de Oliveira, Helena Pais de Oliveira e Manuel Pais de Oliveira. Rio de Janeiro, 1949.

Pollantêa Esperantista, organizada por ocasião da 1.ª Convenção Mineira de Esperanto, na capital do Estado. Belo Horizonte, 1949.

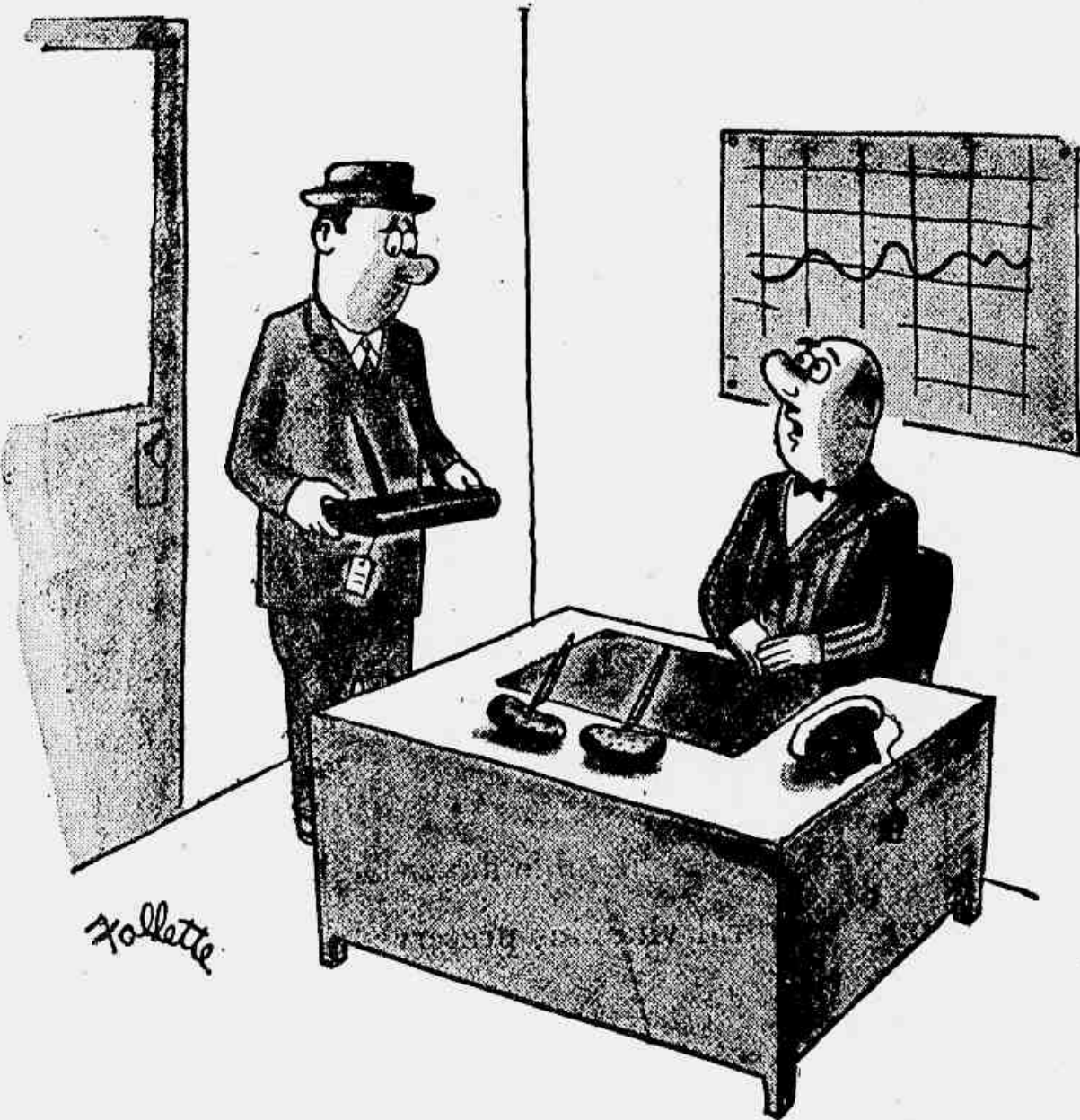
A Inveja, novela radiofônica de Nabor Fernandes. São Paulo, 1949.



— Posso usar a sua escada-de-incêndio?

BOM HUMOR

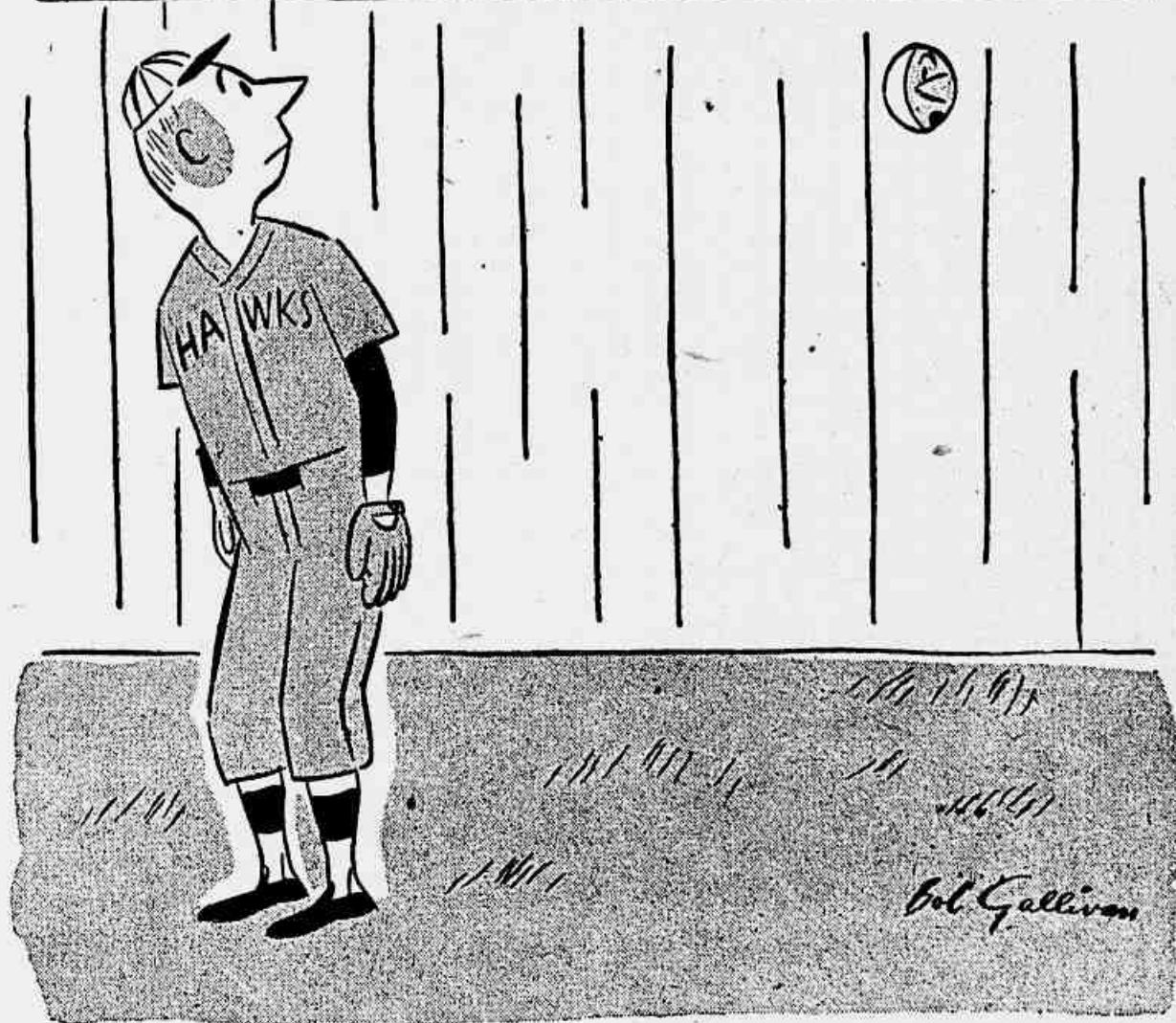
— Isso ajuda a gente a ficar mais bonita, seu bôbo! — por que você não fica nunca, titia?



— Não! Não interessa comprar o seu tinteiro. Esse aí que eu idealizei está muito bom até...



— Lembre-se, Tom, que você está usando a camisa nova!



— Desculpe: Mas... qual é o "score"?



O boleiro: — Que coincidência, Chefe: Minha mulher entrou com 10 cruzeiros, e em dez minutos quebrou a banca...

Seduzidos QUEIMADOS

CAPÍTULO X

— S'm — respondeu Jennifer.
— Você não o tem visto nestes últimos meses, não é?
— Não o vejo desde janeiro. Ele esteve no México ou bem longe daqui, em companhia do irmão.
— Verdade? Ótimo. Você teve hoje dois apaixonados. Está indo bem — disse Betty com entonação amável. Ambos se foram?
— Sim. — Mas Jennifer não estava certa disso, e temia que Sidney estivesse ainda por ali, esperando. Por isso Jennifer, temendo uma surpresa desagradável e atrevida do rapaz, se deixou ficar no quarto de Betty, servindo-se de seu pente para arranjar os cabelos e satisfazer a curiosidade da madrastra, louca para dar uma prosa.
— Você não gosta de Eugene, não é mesmo?

— Eu gosto dele, sim... Mas não... nunca... quero dizer... — Ela parou. Ouviu que a porta da rua batia com força, o que lhe deu mais tranquilidade.

— Nunca se casaria com ele, não é isso?

— Ele é muito bom. Muito correto — explicou Jennifer. — É uma criatura que vive acima das coisas do mundo. Eu nunca poderia atingir esse nível.

— Também tenho a impressão de que não seria para mim. Viver com um homem desses — disse Betty. — Falei com ele, no muito, umas duas vezes. Pareceu-me a interdição em pessoa. Muito cheio de puridades, com intenções de salvar o mundo e a humanidade. Desculhe-me, porém ele me parece um pedante.

— Ele se esforça por ser um homem perfeito e, realmente, é — respondeu a jovem em sua defesa. — Ouça-me, Betty: ele deve vir amanhã à noite, nós saíu muito aborrecido logo que Sid chegou. Mas eu lhe peço que, se ele vier, diga-lhe que não estou aqui. Não desejo tomar a vê-lo. Estarei na cozinha e fecharei a porta.

— As crianças a descobrirão, tela.

— Então você não deixa que ele venha até a sala de refeições. Logo que ele vier subindo a escada, você vá ao seu encontro e, lá mesmo, avise que eu fui a um cinema.

— Então talvez ele me pegue de jeito para desviar toda a sua doutrinação acerca da regeneração do mundo pelos pecados cometidos pela humanidade. E' o de que muito gosta de falar. Já com os meus pensamentos eu escrevi umas coisas em meu livro de anotações. Veio uma de minhas suspeitas que protei ali: você acha que Sid tem obrigação de ampará-la, Jen? Eu sempre presumi isso e, por esse motivo, tenho receio de que ele lhe deve alguma coisa. Você cometeu um erro com ele, não?

— Ele me seduziu... — disse ela com uma entonação de voz que lhe parecia esquisita.

Nada mais disse. Retirou-se para o seu quarto e apagou as luzes. Sid havia sido expulsão de sua vida, e Eugene também tinha ido. Com aquela confissão, sentiu-se mais leve, mais contente consigo mesma. Por longos meses sentira que devia ver Sid explicar-se e pedir explicações. Muitas vezes nesse diálogo imaginário, ela chorava; outras vezes implorava cheia de amor pelo seu namorado. Mas o sonho continuava a mortificá-la sem nenhum meio de aliviá-la em paz.

Agora estava satisfeita. Sentia uma espécie de orgulho. Pensava um novo ar. Sid se fora e ela o mandara embora sem nenhum esforço, nenhum contratamento, nenhum sacrifício. Não fizera isso forçada. Tudo veio espontaneamente. E já tudo pas-

sara. Se ele tornasse a voltar, encontraria a mesma recepção. Jennifer sentia no íntimo a mais vigorosa força moral. Sentia-se outra, livre de compromissos.

Sua vida parecia que passara a ser mais luminosa, livre de preocupações, de impurezas, de vergonha. Não era mais nenhuma criança. Não era mais nenhuma ingênua ou ignorante. Era uma mulher com um ideal e um direito, com um objetivo a escolher dentre muitos, e ela havia usado desse direito, e já havia feito sua escolha.

Mudando sua roupa na penumbra do seu dormitório para deitar-se, descansando daquela noite tão cheia de surpresas e choque em sua vida, pela primeira vez Jennifer se sentiu com bastante coragem para enfrentar os antigos e cruéis pensamentos e rir deles, rir de seus temores, rir dos seus sofrimentos e preocupações.

CAPÍTULO XI

Sidney não voltou mais. Entretanto Eugene, três dias depois, veio vê-la à noite, como de costume. Como o plano de Jennifer já estivesse esquecido, ele conseguiu conversar na sala de entrada, por alguns minutos. Como sempre, ele parecia náutico e doente, aborrecido no seu modo de falar. Converteu pouco, sem tirar o carote nem sentar-se. Disse-lhe que não tinha conseguido dormir bem desde aquela noite. Um só pensamento o torturava e ele desejava saber tudo.

— Fosse homem, Barrows, não é mesmo o seu nome? Que tem ele só-

cheios deles mesmos. Você nunca gostou dele?

— Eu não gosto dele, Eugene. Nunca o amei — respondeu a moça calmamente. — Ele me tornou muito infeliz. Mas eu lhe disse naquela noite que não queria vê-lo nunca mais.

— Você o amou. Quando diz que não se ama, é porque se está amando. Você julgava que o amava — disse Eugene febrilmente. — Disse você que ele a fez infeliz. Como pôde ele fazer isso?

— Eu pensava que fôssemos casar — explicou ela, olhando-lhe o rosto e o efeito de suas palavras na palidez crescente de seu semblante. Eu confiei nele. Eu não queria falar-lhe disso, Eugene, mas preciso esclarecer. Ninguém mais sabe. Nem Betty. Ninguém, absolutamente.

Notava-se grande presença de espírito em seu modo de falar. Eugene a fitava firmemente, o sangue latejando nos templos.

— Não precisa dizer-me nada — interveio ele.

— Você precisa conhecer isto.

— Não sei mesmo o que dizer — murmurou ele vagamente. — Não sei se você sabe o que está dizendo.

— Eu não deseiei vê-lo mais. Fiz tudo para esquecer. Foi difícil esquecer coisas que realmente se passaram.

— Ele pediu que se casasse com ele? Por que não aceitou?

— Ele nunca fez tal. — Jennifer estava intimamente satisfeita de ter dito tudo isto. Sentia-se mais aliviada. Eugene se mostrava como que cho-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, de dezoito anos, apaixonou-se por Sidney Barrows, rapaz de família mais aristocrática e mais rica do que a dela. Depois de alimentar essa ilusão, Jennifer teve uma entrevista com ele, o que resultou sair desesperada, passando seis meses sem vê-lo. Nesse interim, uma das amigas de Jennifer, que então trabalhava com ela num escritório de contabilidade, convidou-a a comparecer a uma festa em casa de seus pais. Ali Jennifer conheceu um irmão de Mollie, Eugene Evans, que se apaixonou por ela, terminando por perguntar se queria casar-se com ele. Jennifer, que morava em casa de sua madrastra Betty, conversava com Eugene, quando chega Sidney provocando uma situação desagradável.

bre você? Veio até aqui como se estivesse em sua própria casa. Suas maneiras... Eu poderia matá-lo diante daquelas maneiras.

— Eugene, não quer sentar-se? — Jennifer estava pálida como o próprio Eugene.

Ele apertava as mãos de Jennifer, e isto fazia grande mal à moça.

— Não. Não, não posso sentar-me. Estão-me esperando para o jantar. Prometi que estaria lá antes das oito. Jennifer, você nunca o amou? Nunca lhe deu a ousadia de tratá-la por "minha querida"? Diga-me. Você o trata como se fossem amigos; mas ele nunca prometeu ser o seu espólio? Nem ele nem qualquer outro homem daquela espécie? Não o verá mais? Ah! se você me promettesse isso! A presença daquele homem é, por si só, uma degradação. Não pode você dar-me a esperança de poder protegê-la de tão maléfico contacto? Eu esperarei. Estarei ao seu lado por sete anos e mais outros sete anos, mas não permitirei que você esteja sujeita a esse perigo.

— Eugene — interrompeu-o Jennifer, que parecia apiedada dele. — Sente-se, por favor — tornou ela, sentando-se perto dele. Ele a atendeu e segurou-lhe ambas as mãos, envolvendo-as com seus dedos escuros e frios.

— Eu sei — prosseguiu ele. — Eu sei que você está muito admirada. É natural. Mas isso não me surpreende. Nada mais me surpreende! Eu bem conheço a maneira de agir daquela gente: a arrogância. São presunçosos,

cado com a contemplação do pecado.

Jennifer lhe merecia compaixão. Mas não lhe fizera nenhuma explanação ou justificação do episódio. A tragédia era dela própria e somente ela a sentia. E ela estava muito fatigada.

— Não quero detê-lo mais — disse-lhe Jennifer. — Ver-nos-emos mais vezes. Estou bastante cansada esta noite, e já tinha mesmo dito a Betty que ia recolher-me logo que os pratos estivessem lavados. E a deixei sozinho a cuidar disso. Até logo, Eugene; pode voltar aqui sempre que desejar ou sempre que puder.

Ela disse isso com toda a consciência, e Eugene nada lhe respondeu. Ele pegou-lhe as mãos por um momento, no vestíbulo, e desceu as escadas ligeiramente. Lá em baixo fechou a porta com o ruído característico, o que significava que se fora.

Uma semana se passara sem que Eugene desse notícias. Os nervos de Jennifer se estavam restaurando daquelas emoções continuadas, e sua vida passara a ser mais normal. De quando em quando seus pensamentos chegavam até Sid, mas a antiga dor, a vergonha e a saudade haviam passado. E se alguma lembrança dele lhe vinha ao espírito era como se estivesse envolto em uma nuvem de enfadonhas e aborrecidas recordações.

Certa noite, quando entrava em casa, cansada, com frio e suja do trabalho, Betty lhe falou:

— Viu no jornal o que há a respeito de Eugene Evans?

— Eugene Evans? Que foi? Jennifer sentou-se à mesa da cozinha e olhou assustada para sua madrastra.

— Estava caído na rua. Não pode mais viver, segundo disse seu pai.

— Seu pai? Você lhe telefonou?

— Nada! Foi ele quem telefonou para cá. Disse que precisa ver você.

— Mr. Evans deseja ver-me? — perguntou a moça atônita.

— Não. Foi Eugene quem disse.

— Oh! Então está ele vivo? Não foi assassinado?

— Seu pai disse que estava moribundo.

— Que aconteceu, Betty?...

— O jornal diz que ele foi derrubado por um carro. Prenderam o chofer. Mas este explicou que Eugene avançou o sinal, parou no meio da rua e se voltou, mesmo em frente do carro, não havendo nenhum meio de evitar o choque.

Jennifer começou a tremer. Lá fora a chuva caía. Ela completou seu traje com um velho chapéu de chuva. Vestiu o casaco, calçou as galochas e estava pronta minutos depois de chegar o carro de Mr. Evans.

Quando entrou no branco hall do hospital onde estava Eugene, estava emocionadíssima, trêmula, pálida. Na sala de espera se viam os parentes e mais do acidentado. Mollie e seu espólio, todos pálidos e com os olhos avermelhados de chorar. Logo que a moça entrou, a mãe de Eugene se lançou para ela, abraçando-a em pranto. Mr. Evans a convidou para ir ao quarto do filho. Ainda sem poder articular uma palavra, Jennifer seguiu-o aceitando a mão que lhe oferecera o pai de Eugene. Ambos tomaram o grande elevador. Chegaram a um andar cheio de salas privadas; as grandes portas não tinham nem maçanetas nem fechaduras. Jennifer, guiada por Mr. Evans, entrou num daqueles quartos e viu Eugene todo enfaixado, deitado num grande leito, com dedos e mãos em gize. Seus olhos estavam fechados e seu rosto branco como de um morto.

O pastor que estava com ele murmurou uma oração e se retirou. A enfermeira deixou o quarto. O pai de Eugene se afastou e saiu. Jennifer ficou a sós com ele. Ela se ajoelhou a um canto e lhe tomou uma das mãos, aproximando-as do seu rosto. Eugene abriu os olhos com muita dificuldade, como se isso lhe causasse terrível sofrimento. Fechou-os novamente.

— E' você, Jennifer? — perguntou com voz fraca. — Eles foram bons em tratá-lo. Muito agradeço a meu pai por este favor.

Silêncio. Jennifer não atinava com uma só palavra a dizer.

— Eu estava tão encurado! — prosseguiu ele como que a sussurrar. — Estive sempre muito encurado. Vinha a pensar em mim mesmo. Mas agora cheguei a hora da perdão total, para sempre para todos. Isto é muito mais lindo do que eu imaginava pudesse ser.

Jennifer, envergonhada, ainda nada ousava dizer. Tremeu a cabeça e o fitou como que aturdida.

— Perdão, perdão para mim... — murmurou ele num balbúcio.

— Eugene! Você tem sido sempre tão bom... Não tem necessidade de perdão...

— Por isso mesmo. Preciso de misericórdia e perdão para mim. Sempre vivi a julgar os outros, não a mim mesmo — respondeu em voz pausada, depois de breve silêncio, com a respiração fatigada, procurando esforçar-se para falar. — Não devemos julgar. Preciso de perdão de todos. Tenho vivido em negros encurados todo esse tempo. Eu agora o vejo. Você sabe. Sinto-o agora. Eu retrocedi. A meu



pai eu disse. A mais ninguém. Nem mesmo à minha mãe. Jennifer...

Não pôde dizer mais nada. Sua voz morria com aquele nome. Um momento depois Jennifer ouvia vozes e passos abafados atrás dela e o "clic-clic" de rosários, soluços, prantos. Várias pessoas se ajoelhavam na penumbra do quarto. Alguns pronunciavam preces. O silêncio era quebrado apenas por algum "amem" e o pranto convulso de alguns dos presentes. Jennifer que estava ajoelhada, assim ficou, sem poder levantar a cabeça. Instantes depois, a enfermeira voltou até onde estava Jennifer e, gentilmente, a retirou da beira do leito de Eugene, desmanta-lhe as mãos dos rigos de um morto.

A mãe de Eugene teve um colapso e Jennifer viu Marie, Joe e Dan Moore amparando-a e conduzindo-a para fora da câmara mortuária, seguidos de vários outros parentes. Ela vagou pelo vestibulo durante varios minutos, como que esperando, aguardando alguma acontecimento que ela não sabia qual fosse. Por fim ela viu descer o pai de Eugene acompanhado de dois outros homens idosos.

— Como vai regressar à sua casa? — perguntou-lhe o velho Michael Evans, com voz amargurada. Seus olhos estavam avermelhados e congestionados de chorar.

— Oh! Estou perto... é uma pequena caminhada.

— Nós a deixaremos lá — redarguiu ele com a mesma voz lânguida, de quem está cansado.

— Oh! Não, não façam isto, por favor — rogou ela em tom angustiado.

— Você não poderia... — voltou

êle puxando-a amavelmente para um lado e baixando a voz. — Você não poderia imaginar como êle a estimava... Seu coração se despedaçou por você... que não quis corresponder-lhe o amor...

— Não foi bem assim... Verdadeiramente não foi bem isto — respondeu Jennifer pegando-lhe no braço. Ela precisava que Mr. Evans lhe fosse agora tão gentil e paternal como o fora naquela memorável noite de recepção do noivado de Mollie. E prosseguiu: — Não lhe posso dizer, Mr. Evans, o que houve. Mas pode crer, não fui cruel para com Eugene. Eu gostava muito dele... O senhor e todos de sua casa foram tão gentis comigo...

— Ah! bem... — murmurou êle e se afastou para reunir-se aos outros homens que o estavam esperando. Não pôde mais ouvir as razões de Jennifer. Ela ficou ali parada, estática, aturdida, sem saber que direção tomar para voltar à sua casa. Sentia as faces em fogo, os olhos cheios de lágrimas, a voz trêmula. Olhou em torno e seguiu sob a chuva fina que continuava a cair.

CAPÍTULO XII

Os dias que se seguiram trouxeram o Natal, o Ano Bom, a primavera de fevereiro com as acácias florescendo. As plantas e ervas vicejavam e o sol brilhava como costuma fulgurar no céu azul da Itália.

Em março houve chuva e ventanias. Mas abril chegou com sua luz embelezando as tardes lindas.

— Betty, — falou Jennifer num

bocejo — por que nada está acontecendo de mais? E' tempo de acontecer alguma coisa. Coisas sucedem a muita gente. Por que nada está acontecendo conosco?

— Algum dia acontecerá que você caia de amôres por alguém — disse Betty voltendo o dial do seu rádio lentamente. E então é provável que você já não esteja a desejar que alguma coisa aconteça a gente. Não quero referir-me a êsse pobre Gene Evans, mas àquele outro que costuma telefonar-lhe, Borrowes. Você disse que êle fez a boa com você. Que sucedeu?

— Não sei onde êle está agora — respondeu Jennifer dando à voz um tom de indiferença. Mas subitamente declarou: — Eu lhe direi o que sucedeu. Vou estender aquelas toalhas lá em cima e depois vou deitar-me.

Tomou as toalhas molhadas que serviam para enxugar a louça, espremeu-as com fortes torções, meteu-as numa vasilha e lá se foi a subir pela escada de ferro até ao terraço.

Logo que chegou lá em cima olhou o céu e se encantou diante da magnitude do espetáculo do céu estrelado dentro da noite calma.

— Oh! estrelas! Estrelas! Estrelas! — murmurou Jennifer, deslumbrada diante da esteira fosforescente da Via Láctea. Dali se defrontava com outros edificios fronteiros cujos parapeitos se distanciavam ou ficavam vis-a-vis com o seu. Na esquina um grande edificio se erguia, tendo o seu andar térreo e o segundo piso ocupados por um leiloeiro. No terceiro andar havia um estabelecimento maior do que o da esquina, onde havia o cidadão que achara Jennifer muito bonita.

Jennifer gostava de apreciar o movimento das luzes na rua, as janelas das casas comerciais iluminadas. Dali ela via também uma sala em que se destacava um senhor idoso a mexer com uma porção de coisas. Era um estúdio, coisa que ela jamais tivera oportunidade de examinar. Notara modelos, mapas, esboços, uma infinidade de coisas. O artista era um senhor calvo, com raros fios de cabelo no crânio, de rosto esguio e de linhas corretas. Trajava roupas de pintor, suja de tinta, e tinha um cachimbo entre os dentes, a um canto da boca. Suavemente assobiava, como esquecido da vida naquelas horas mortas da noite. Era alto, meio inclinado, com grandes olhos astutos, dava à primeira vista a impressão de pessoa com grande poder de independência e de virilidade.

Do ponto em que estava Jennifer, ela podia observá-lo com segurança, graças à posição dos dois edificios e dos andares, com altura que correspondia entre o dela e o dele. Além disso, a ampla janela do atelier e a profusa iluminação e a pouca distância muito contribuíam para que ela o visse com muita facilidade. A moça ficou como que absorvida na contemplação do artista solitário.

Mas inesperadamente êle falou bem alto para ela ouvir:

— Pode vir, se deseja. Que está você fazendo aí fora a estas horas da noite?

Ao ouvir essas palavras, ela percebeu que estava descoberta a pulou para baixo como uma cabrita assustada com a aproximação de um lobo...

(Continua no próximo número)

"FISICAMENTE, sou filho de minha mãe... Mal posso encontrar em mim mesmo algum traço de meu pai, exceto a aptidão inata para o desenho... uma índole arrebatada... e essa firmeza de propósitos que os observadores pouco benévols às vezes chamam de obstinação."

A obstinação era-lhe necessária. Thomas Huxley foi um homem que se fez por si mesmo. Nascido em Ealing, logo a oeste de Londres, entrou na escola semipública do distrito aos oito anos, saiu aos dez, e nunca mais teve educação regular. Seu contacto formal com a instrução não lhe deixara senão recordações desagradáveis. "A sociedade que encontrei na escola era a pior que eu jamais conhecera... As pessoas encarregadas de nós preocupavam-se tanto pelo nosso bem-estar intelectual e moral como se fossem *baby farmers*". Foi ali que ele teve as primeiras noções da luta pela existência. "A intimidação era o menos condenável dos maus hábitos correntes entre nós". Só os mais aptos sobreviviam.

O pai de Tom fôra decano da Ealing School. Mas perdeu o posto quando a empresa se viu a braços com dificuldades financeiras. Levando a família para Coventry, conseguiu um cargo na caixa econômica local. Preocupado com os seus problemas financeiros, deixou as faculdades mentais de Tom "desenvolver-se naturalmente" sem o benefício das lições. Em resultado disto, o curso educacional do jovem Huxley consistiu quase exclusivamente nas leituras. Diariamente acendia a vela de "madrugada, envolvia os ombros num cobertor e ficava sentado na cama, devorando livros sobre todos os assuntos imagináveis. Tinha um espírito pitoresco. Era capaz de achar um ensaio sobre geologia tão excitante como uma novela, e um tratado de lógica tão estimulante como um drama.

Foi dessa maneira irregular que Huxley viajou pela estrada interminável da ciência. Mas nunca avançou a um passo exagerado. "Eu estudava com grande afincamento quando tinha vontade, e quando não tinha — o que era muito frequente — ficava inteiramente ocioso".

Sua primeira ambição, apesar de sua deficiência em matemática, foi a de tornar-se engenheiro civil. A idéia de construir pontes exercia poderoso fascínio sobre ele. Mas com o avançar da idade, transferiu o seu interesse da construção de pontes para a cura das pessoas. Suas irmãs eram noivas de médicos, e também o irmão tinha começado a explorar "os desertos da anatomia" a fim de descobrir as trilhas que levavam ao oásis da saúde. Para não ficar atrás, Tom Huxley incorporou-se à caravana familiar.

Estudou medicina dois anos e depois se empregou como "prático assistente" do dr. Chandler — um conhecido dos Huxleys que clinicava entre os pobres do bairro oriental de Londres. Ali, Tom pôde observar pessoalmente os sofrimentos causados pela miséria. "Becos de nove ou dez pés de largura... com edifícios altos, cheios de homens e mulheres esqueléticos e bêbedos, e calçadas fervilhantes de crianças igualmente esqueléticas". Séries humanas reduzidas ao nível dos brutos — e tratados como tais. Em suas visitas aos pobres, Huxley aprendeu mais alguma coisa além da medicina. O mundo necessitava de cura, não só para as doenças físicas, mas também para as enfermidades sociais.

II

Conseguira uma bolsa de estudos no Hospital de Charing Cross, e recebera menção honrosa em anatomia e fisiologia. Procurou ser admitido no College of Surgeons, mas era muito jovem — ainda não completara vinte anos. Tinha diante de si um longo período de instabilidade — perspectiva que absolutamente não o atraía — quando os acontecimentos tomaram um rumo singular. Certo dia um colega lhe sugeriu que se alistasse na marinha. Sua imaginação viva incendiou-se logo a essa idéia. Escreveu uma carta apressada aos familiares "influentes", empenhou-se com ardor, e por fim se apresentou como cirurgião-assistente no Hospital Naval de Haslar.

Huxley, entretanto, não tardou a enfatizar-se de sua nova aventura de marinheiro sem navio. Esperara ser levado em alguma expedição aos mares distantes. E — de tal modo lhe sorria a fortuna — acabou vendo realizada a sua esperança. Um dia o seu superior, Sir John Richard, mandou chamá-lo a seu gabinete. "Jovem, gos-

A VIDA DE HUXLEY

(THOMAS HENRY HUXLEY—1825-1895)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

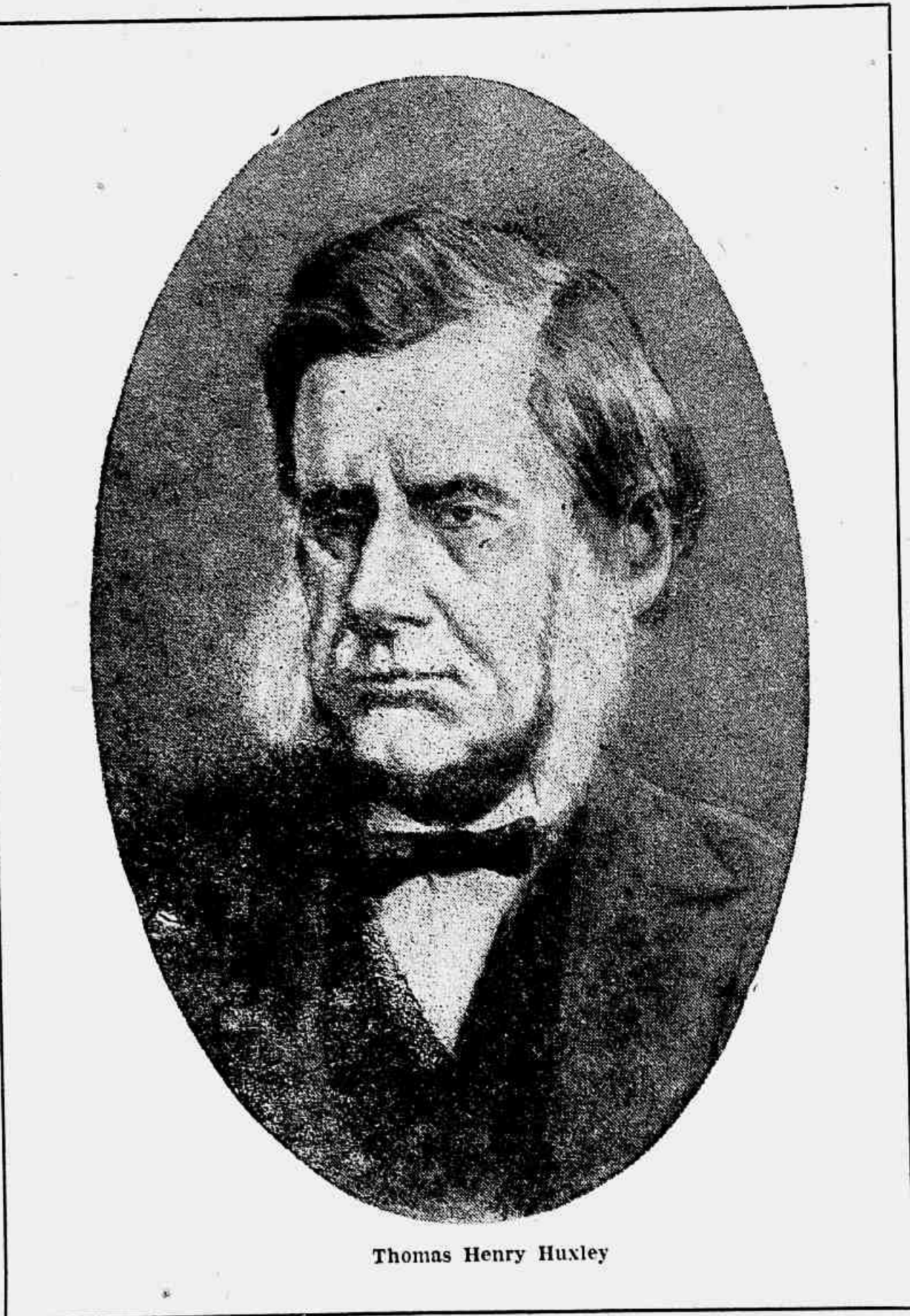
(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

taria de partir para os Mares do Sul sob as ordens do capitão Stanley?"

O coração de Huxley bateu forte. Stanley havia tomado parte numa legendaria expedição ao Estreito de Magalhães e às regiões árticas, onde quase perdera a vida. Era uma espécie de herói das velhas sagas. Viajar com o capitão Stanley! E' verdade que Huxley iria como um simples "oficial adjunto". Quando entrou no seu acanhado camarote no *Rattlesnake* — o navio do capitão Stanley — teve de baixar a cabeça para poder mover-se. Mas aquele camarote era um palácio para o jovem de vinte e um anos. Ali poderia sonhar à vontade — lendo os seus livros, estudando no microscópio os estranhos espécimes de vida que fossem descobertos durante a expedição, desenhando esboços, tomando anota-

de colégio na Alemanha, fala o alemão e interessa-se pela literatura alemã". Ao parecer, esses dotes haviam de recomendá-la aos olhos de uma mãe extremosa, cujo marido fôra professor.

Mas resolveram não se casar enquanto ele não conseguisse uma posição sólida como cientista. Huxley deixou Henrietta em Sydney e voltou à Inglaterra, onde os seus amigos influentes lhe aconselharam que "fosse à reunião da Associação Britânica e se fizesse notar de algum modo". Para poder triunfar — disseram-lhe — um homem deve fazer "um pouco de alarde de vez em quando". Tom era um jovem sensível, mas o amor o avassalara completamente. Com uma tranquilidade simulada, que ocultava intenso nervosismo, pronunciou uma conferência sobre os hidro-



Thomas Henry Huxley

ções, abrindo caminho incessantemente através dos nevoeiros marítimos em demanda de novas visões, novas ilhas, novos fatos. Sempre tivera uma sede insaciável de fatos.

A viagem não o decepcionou. Pois se lhe depararam diversas aventuras. Registrou cadeias de montanhas desconhecidas até então; ajudou a salvar uma mulher branca naufraga, capturada pelos nativos; fez amizade com um cacique que afirmava ser Huxley o espírito de um seu irmão falecido; desembarcou em Sydney e "arrastou o pé" com as "elegantes moças australianas". E — o que foi a mais excitante de todas as aventuras — encontrou "uma donzela de grande beleza, doces olhos azuis e louros cabelos". Huxley escreveu de Sydney à mãe e comunicou-lhe o noivado. "Henrietta cursou dois anos

zoários oceânicos (animais submarinos) ante uma assistência de sábios que tinham o hábito de "agitar a mão e sacudir uma das abas da casaca ao aplaudirem". Foi publicada uma breve nota sobre a conferência na *Literary Gazette*.

E então a fortuna tornou a sorrir-lhe. Ofereceu à publicação um artigo que escreveu a bordo do *Rattlesnake* sobre a anatomia de uma espécie de medusas que estudara durante a viagem. O artigo foi aclamado como a base de "um novo ramo da filosofia zoológica". Também constituiu a base do subsequente êxito de Huxley. Valeu-lhe a Medalha Real e a eleição para a Real Sociedade. "E agora", escreveu entusiasmado a Henrietta, "se eu ganhasse ao menos quatrocentas libras por ano!"

E Henrietta respondeu: "Tenhamos paciência".

Casaram-se depois de sete anos de paciente espera. Huxley tornara-se um dos jovens cientistas mais prometedores da Inglaterra. Ultrapassara a meta das quatrocentas libras anuais. Era colaborador da *Westminster Review*, professor na Escola Oficial de Minas e conferencista do Instituto Real. Encarava o futuro com "perfeita equanimidade".

Gostava particularmente das suas lições. A Escola Oficial de Minas instituíra cursos noturnos gratuitos para os operários. "Educação em Massa" tornara-se o grito de guerra da intelligentsia britânica. Por toda a cidade de Londres o ar andava "saturado da nova filosofia social". Huxley era o professor ideal — um homem que se fizera por si mesmo, e que falava em linguagem viva e simples a homens de igual categoria. "Ando farto da dilettante class-média. Alegro-me de não estar em Oxford. Aqui em Londres o ambiente está livre de dons, undergraduates, e rituais obsoletos". Ali eram todos trabalhadores que viviam entre fatos. As dissertações de Huxley sobre o período glaciário constituíam obras-primas de melodrama. Tinha um estilo vigoroso. Milhares de pessoas de todas as camadas sociais se atropelavam às portas dos salões de conferências. Mas só os trabalhadores eram admitidos. Recorria-se a toda casta de subterfúgios. Um escriturário tentou conseguir ingresso declarando-se "carregador" — mas esqueceu-se de acrescentar que a única coisa que sabia "carregar" era uma pena.

Foi na Escola de Minas que Huxley descobriu por fim a sua vocação. Tinha o destino de ser um popularizador da ciência. Tocava com a varinha de condão da sua inteligência os esqueletos da antiguidade — e os esqueletos se cobriam de carnes, e animavam-se.

Huxley não era apenas um popularizador de conhecimentos científicos, mas também um paladino de causas científicas. Algum pioneiro não conseguia que o reconhecessem como tal? Huxley encarregava-se de fazê-lo triunfar. Alguém impugnavia uma teoria razoável? Huxley estava pronto para entrar na peleja com o seu intelecto belicoso.

Nesse momento se travava uma luta particularmente acirrada em torno da nova teoria darwiniana da evolução. Muitas pessoas se sentiam ofendidas em sua dignidade por terem de reconhecer que descendiam dos animais inferiores. Numa reunião da Associação Britânica (em 1860) o bispo de Oxford voltara-se para Thomas Huxley com um sorriso sarcástico. "Faça o favor de dizer-me, é por parte de seu avô ou de sua avó que o senhor pretende descender de um macaco?"

A assistência ficou estarrecida. Cintilavam os olhos de Huxley quando este se pôs em pé. Não se envergonhava de ter um simio por avô — declarou. "Se houvesse um antepassado de que eu poderia ter vergonha, seria... um homem como o bispo de Oxford".

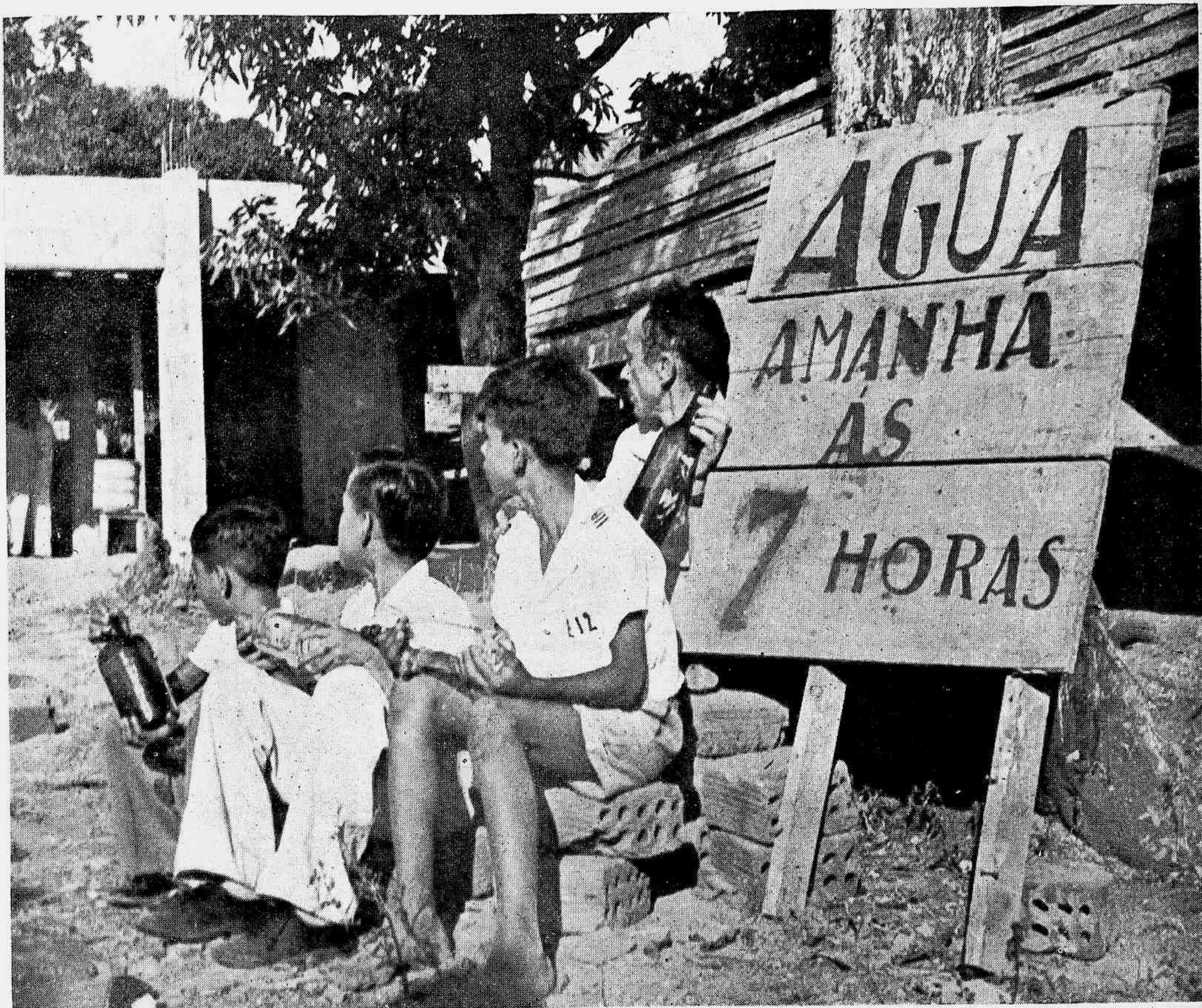
A batalha da evolução prolongou-se com fúria incessante por vinte e cinco anos. E Huxley se manteve sempre na primeira linha de combate. Os jornais noticiavam as discussões com a "manchette": "Filhos de Adão ou Herdeiros dos Macacos?". Um dos colaboradores do *Punch* escreveu sobre o assunto um poemazinho que um contemporâneo espirituoso denominou *Doggorilla*.*

Por favor, sátiro ou homem?
Explique-me quem puder
O lugar que me toca na escala.
Humano em forma de simio,
Ou feio simio antropóide.
Ou macaco privado de cauda?

Toda a Inglaterra estava dividida relativamente à "controvérsia da evolução", que ameaçava transformar-se em revolução". Huxley pronunciou dezenas de palestras em defesa de Darwin. E essas palestras granjeavam constantemente "novos adeptos à irreligião". Muitos vinham com o intuito de apedrejar Huxley, e ficavam para aplaudir. Seu apelo era simples e eloquente. "Será verdade que a minha convicção embrutece ou degrada o gênero humano? O poeta, o filósofo ou o artista ficará degradado pela certeza de ser descendente direto de algum selvagem nu e bestial, de inteligência apenas suficiente para fazê-lo um pouco mais astuto que a

(Continua na pág. 47)

* Trocadilho entre "gorila" e "doggerel", verso mau. — N. T.



"Água — amanhã, às 7 horas". Um aviso que esmorece um pouco a multidão. Eis a "cabeça-de-fila" de segunda-feira... às 4 horas da tarde de domingo!

A SENHORA DAS GRAÇAS EM SÃO GONÇALO

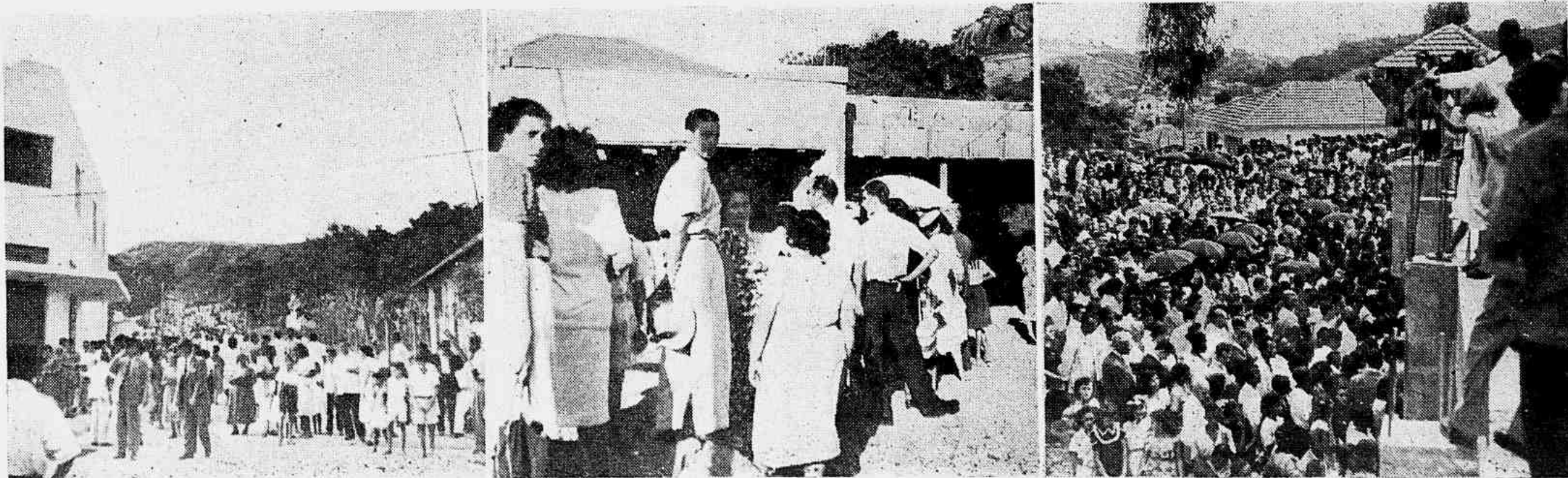
De novo, se agita a opinião pública do País, com o descobrimento de outra Meca brasileira. Trata-se, desta vez, de um populoso bairro — num município da vizinha capital fluminense — São Gonçalo.

Ali, segundo referem os jornais, estariam sendo vividos os esperançosos dias de Urucânia, para multidões de crentes fiéis, em empolgantes demonstrações públi-

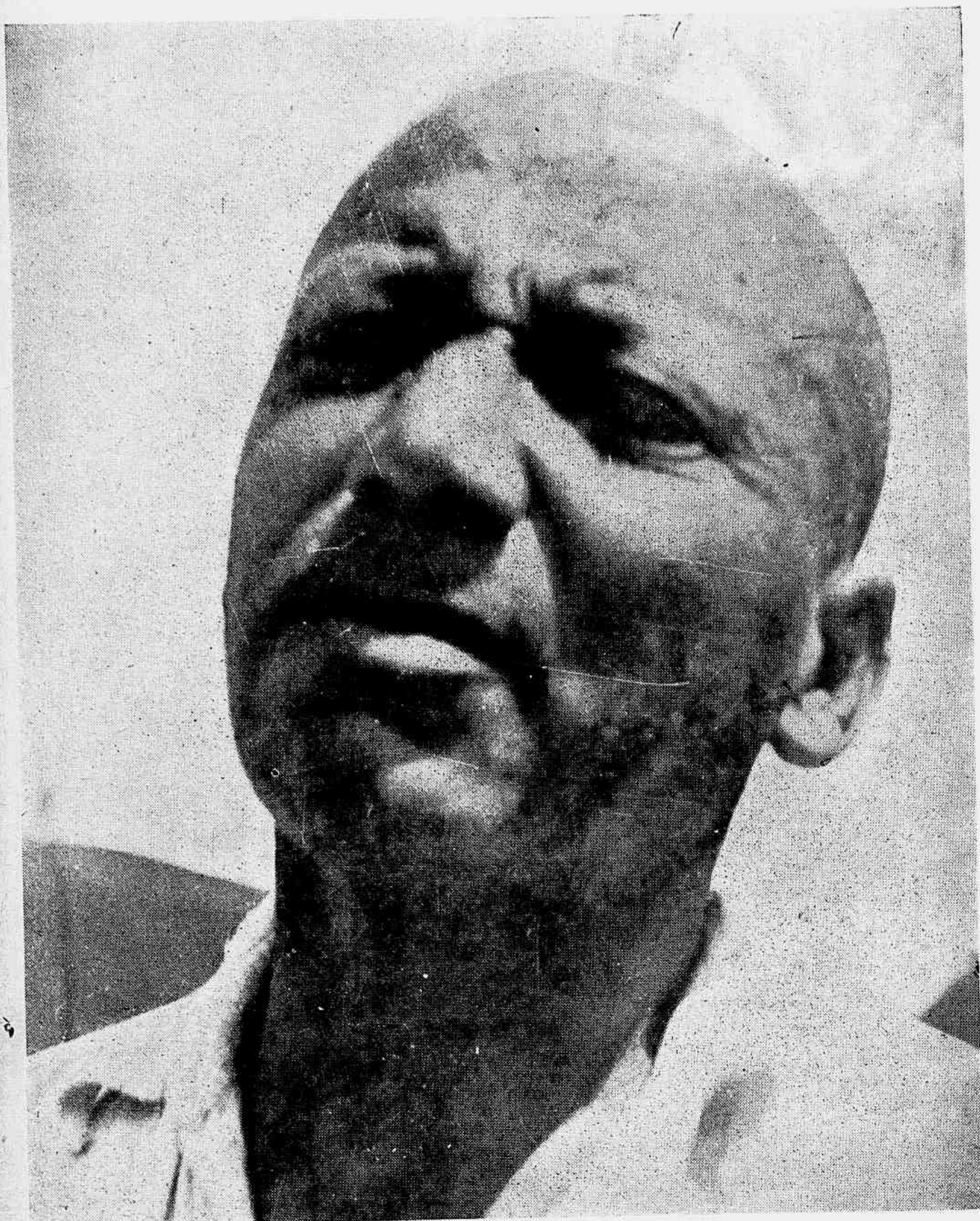
Reportagem de
W. GUARNIERI

cas de fé cristã. A Santa a que se atribuem tantos milagres é a mesma também de Urucânia — Nossa Senhora das Graças.

Citam-se, até agora, dezenas de casos impressionantes de curas miraculosas. E para São Gonçalo convergem, diariamente, centenas de peregrinos, vindos dos mais longínquos recantos, buscar alívio para seus males e sofrimentos. Cegos recuperam a vista; paráliticos abandonam as muletas, sobre o altar do templo improvisado, e se põem a andar com desembaraço; mudos,



A esquerda: Um aspecto da rua onde será erguida a igreja de N. S. das Graças, vendo-se a multidão que ali chega diariamente. Ao centro: A fila da água milagrosa. A distribuição começa às 5 horas da manhã e vai até às 8, no máximo. A direita: O povo assistindo à missa, rezada no pequeno altar improvisado em baixo do piso da futura igreja.



Esmolando conseguia 150 cruzeiros diários; curado, não arranja emprego de 20 por dia, dizem, mas ele não confirma

de repente, começam a rezar em voz alta. E toda uma série de curas assombrosas estariam ocorrendo em São Gonçalo, por obra e graça da Divina Senhora.

★

Para fazer um relato fiel do que ali vem acontecendo, este repórter resolveu peregrinar também até lá.

O que torna a viagem penosa, não é propriamente a longa distância a vencer do ponto das Barcas, em Niterói, até São Gonçalo — e sim a condução. Vai-se de bonde, de ônibus ou de "lotação". De todos esses meios de transporte, é difícil dizer qual o pior... O bonde é barulhento e moroso, cerca de hora e meia de trajeto; os ônibus verdadeiras curiosidades de museu, sujos e

sufocantes (40 minutos) e o "lotação", com alguma sorte, 30 minutos de viagem. O calçamento das ruas de Niterói não ajuda muito os veículos a proporcionar conforto aos passageiros; e quando termina o trecho de paralelepípedo então... é só poeira. Chovendo — queixam-se os moradores de lá — é um horror. No dia em que fomos não chovia, mas, em compensação, fazia um calor tremendo; e a poeira era como um lenitivo suave e reconfortante...

Não é preciso perguntar onde fica a Igreja dos milagres. Quando o trânsito estiver interrompido por muito tempo, a gente pode saltar, que é ali pertinho. Do lado direito de quem vai, pouco depois do Porto do Velho, perpendicular à linha do bonde, está a rua dos milagres.

"Chegou de rastro" — disse sua progenitora — "e ainda agora". O flagrante é uma expressão de fé

O repórter saltou da condução e ficou a olhar de longe a multidão que se acotovelava num trecho de rua em aclive, na extensão, talvez, de uns 200 metros. Aproximamo-nos.

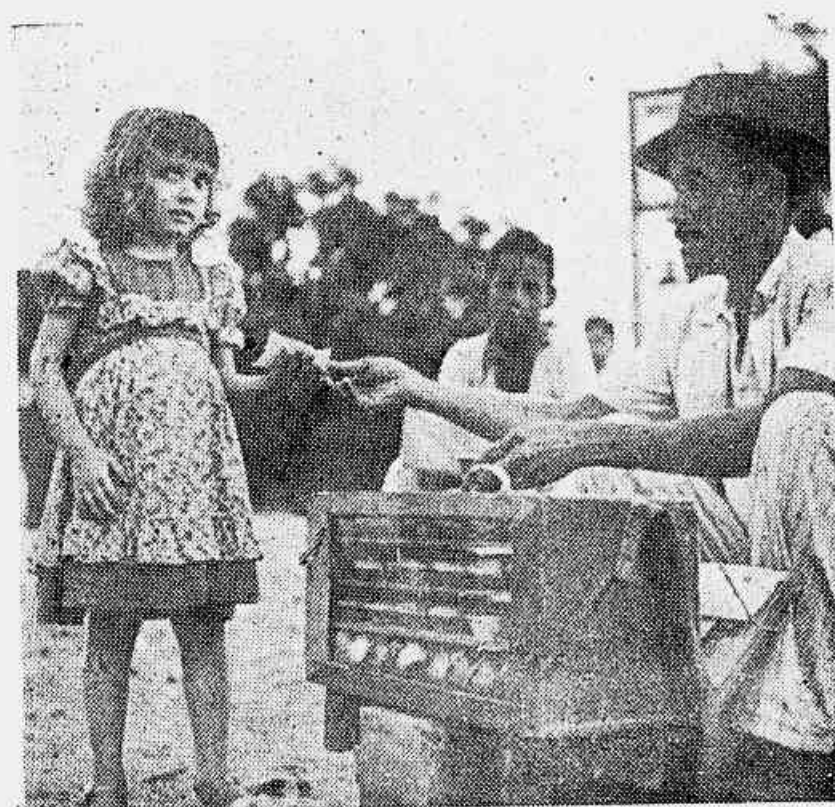
Por toda parte, comentários. Grupos de fiéis relatando os milagres da Santa.

— ... conheço S. Fidelis sim. Já morei lá e sei onde fica a casa da ceguinha... foi ela quem ficou curada? — quiz saber uma senhora gorda.

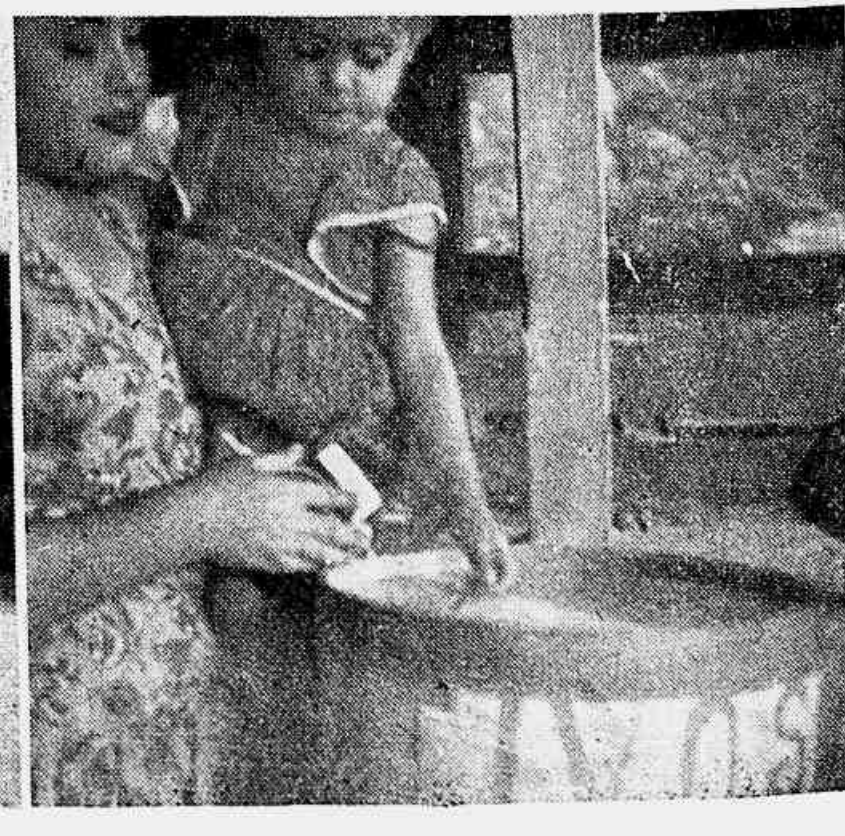
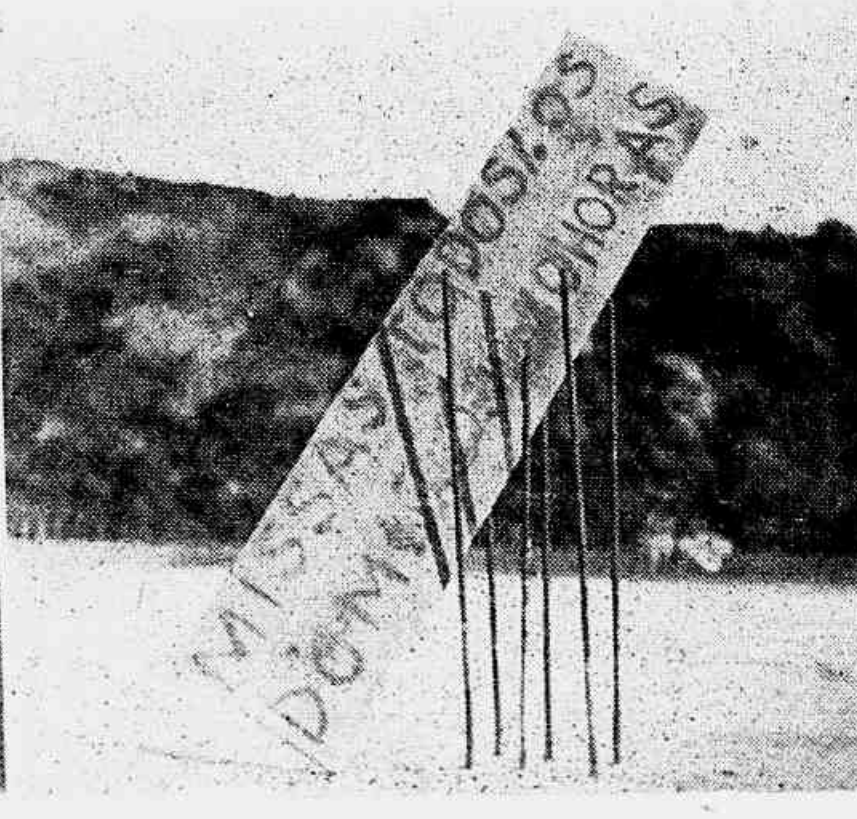
— E ela mesmo. Há mais de vinte anos que era cega, coitada!

— Coitada, não! que hoje ela está enxergando; e dizem que muito bem até — quem assim falava era um aleijado da perna esquerda, andrajoso, que descansava o corpo apoiando um braço sobre a muleta de madeira tosca, embrulhando uma garrafa num papel de jornal. Prosseguimos, ladeira acima. Para vencer aquele aglomerado de gente, foi um sacrifício. Mais adiante, no meio de um círculo de curiosos, uma jovem, de cor parda, oito anos presumíveis, achava-se ajoelhada, de mãos postas, na atitude de quem está orando. Face voltada para o céu, apertava os olhos, num esforço desesperado, balbuciando:

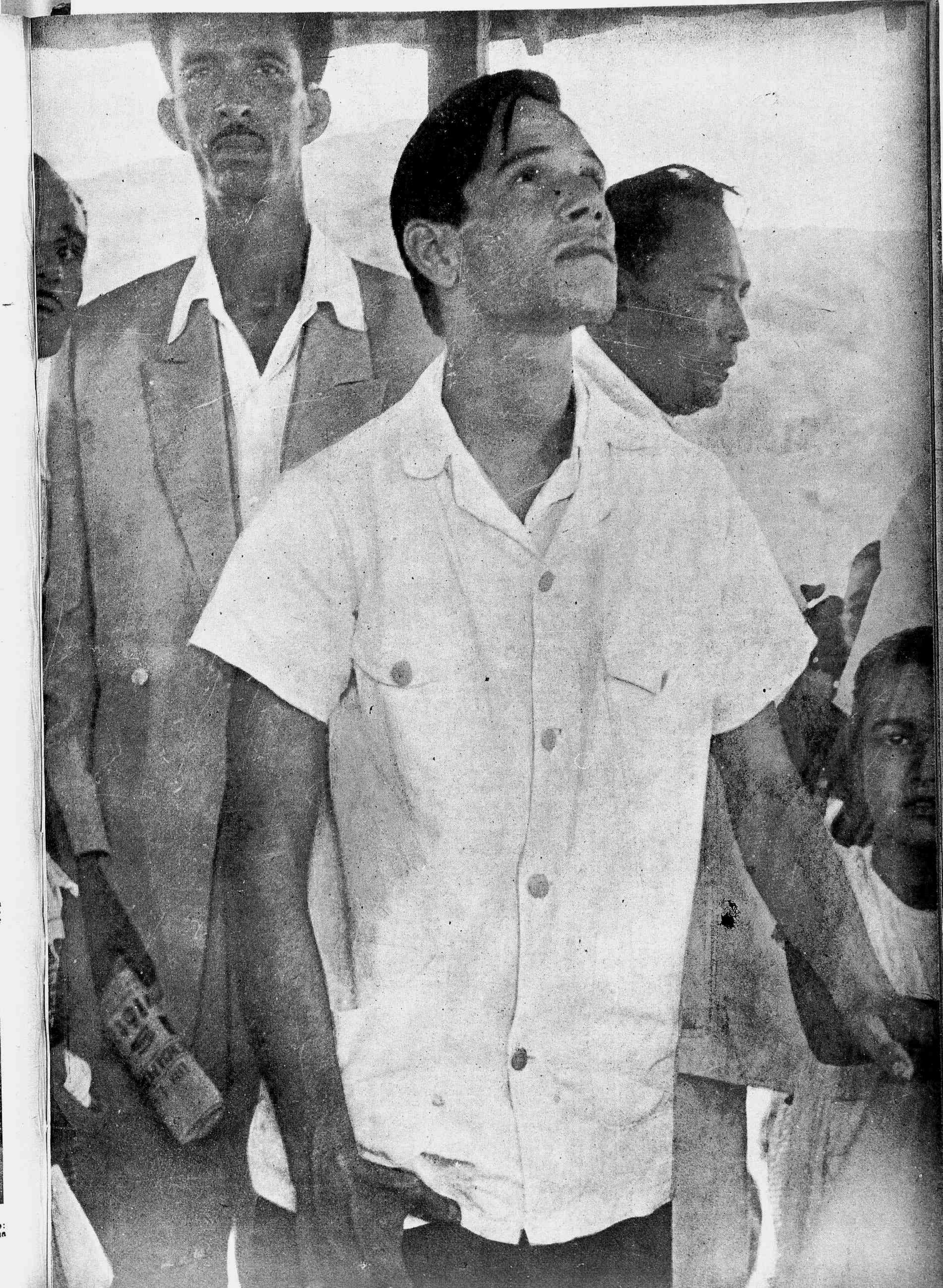
— Mãe! T'ou vendo a luz, um pouquinho...



Em cima: Crianças acompanham os pais, que se deslocam de longínquos bairros de Niterói, do interior do Estado do Rio e do Distrito Federal. Em baixo: Essa família é vizinha do póco. Está feliz porque o seu suprimento é grande



A esquerda: A menina cega — que tanta impressão causou, quando se esforçava para convencer sua mãe, que já estava vendo "um pouquinho" a luz do sol. Ao centro: "Missa todos os domingos, às 10 horas" — esse é o aviso aos peregrinos que desejam assistir a Santa Missa, rezada no altar da milagrosa Santa. A direita: Pagando uma promessa feita à Nossa Senhora das Graças





Gente importante também vai a São Gonçalo. Esse cavalheiro aí de costas, saltou de um carro de chapa branca... e fez tudo para fugir à objetiva do repórter...

Uma pobre mulher, limpando o rosto com auxílio do vestido, aproximou-se e, entre soluços, beijou-a e abraçou-a, ternamente.

— Sim, minha filha. Agradece a Deus, agradece...

Todos então se benziam; e muitos murmuravam preces em voz alta. Aquilo era deveras impressionante. O repórter bateu algumas chapas e rumou em direção a um palanque armado no fim da ladeira.

Dali partiam avisos, através dos alto falantes espalhados por diversos pontos:

"Comunicamos aos fiéis, que somente amanhã, a partir das 5 horas, reiniciaremos a distribuição de água. As pessoas que estão na fila, tenham paciência: mas hoje não é possível atender ninguém mais, pois a água esgotou..."

O local não é muito espaçoso. Lá no alto, estão os alicerces de concreto armado da futura igreja de N. S. das Graças. Gente por toda parte. Homens, mulheres, velhos, crianças, cada qual levando sua garrafinha para recolher o milagroso líquido.

O ALTAR IMPROVISADO

Em baixo do primeiro piso de concreto, sustentado por colunas de cimento — que nos deu a impressão de um abrigo de bondes, comuns aqui na cidade — num recanto, foi improvisado um modesto altar, com a imagem de Nossa Senhora das Graças. Pelo chão de terra pura, ainda se veem vestígios de material de construção espalhados. Cal, montes de pedra e cascalho. Uma

divisão de tábuas de andaime foi colocada em frente ao altar, formando um quadrilátero, destinado exclusivamente aos doentes. Ali dentro, sentados numa prancheta, vimos uma senhora cega, um menino aleijado de ambas as pernas, e, numa cadeira de rodas, uma senhora já bastante idosa, trazendo ao colo uma criancinha de tenra idade, completamente defeituosa. Muitas outras criaturas sofredoras, numa sequência infindável de gente estropiada. Ajoelhados uns, de pé, quase a maioria. Olhos fitos na imagem da Santa, murmurando suas preces, continuamente.

Apareceu, junto ao altar, um membro da Irmandade, pediu silêncio aos presentes, ajoelhou-se e deu início à oração tendo por acompanhamento o enorme câro da multidão lá fora.

A ÁGUA MILAGROSA

Saimos, em direção ao palanque. Lá nos disseram que o Secretário da Liga Pró-Construção da Igreja nos poderia dar todas as informações que desejássemos. Pouco depois éramos apresentados ao Sr. J. Cury, empregado do comércio em Niterói, que nos atendeu gentilmente. Depois de nos identificarmos, indagamos se aquela multidão afluía àquele local todos os dias.

— Sim. Pela manhã, até às 10 horas, o movimento é grande. Aos domingos aumenta muito, como vê. São fiéis que vêm buscar o seu suprimento de água...

— Que água é essa? — inquirimos.

O Sr. Cury espantou-se:

— Pois então o senhor não sabe? É uma nascente que apareceu ali em baixo — e apontou para a construção. — A princípio era utilizada para as obras, exclusivamente. Fica junto ao altar. Eu lhe mostro. Des-cemos e o acompanhamos.

Contornando a multidão, atingimos o pântano, que se acha protegido dos curiosos, por um madeirame sólido.

Enorme tampão de madeira veda a abertura. Para que pudéssemos ver o interior, o Sr. Cury levantou um pouco o tampão. Foi o bastante para que logo se atropelasse gente para espiar também. É um pântano comum, com três metros de profundidade, cavado por entre o lagedo dos alicerces.

— Mas... a água é retirada por aqui? — quisemos saber.

— Não. Instalamos uma bomba para sugá-la e transferi-la para um depósito maior.

De fato, não muito distante, um grande reservatório de cimento, tendo num dos lados uma torneira de bronze, dava idéia do cuidado com que tinha sido feita a caixa, visando maior facilidade e melhor distribuição do líquido.

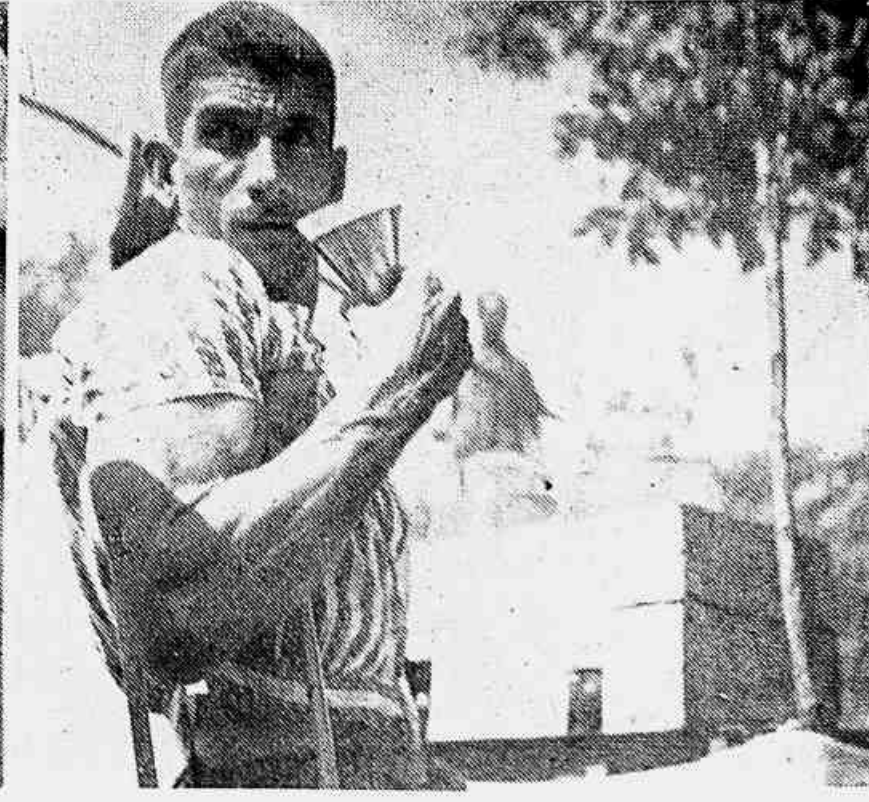
— O pântano dá água suficiente?

— Qual o quê! São centenas de pessoas que trazem, no mínimo, duas ou três garrafas, todos os dias. De

(Continua na pág. 52)



Em cima: Vem gente de toda parte. Pobres e ricos. Os que poem se valem do automóvel, o resto vem a pé mesmo. Em baixo: Os vendedores ambulantes estabeleceram um câro no local: desde medalhinhas, como o que aí vemos, até pratos de matéria plástica



A esquerda: — "Já fui ao Padre Antônio e não melhorei nada. Agora vim tentar aqui em São Gonçalo" — confessou esse cidadão aleijado da perna direita. Ao centro: Descansando, enquanto aguarda a vez na fila. Centenas de inutilizados, como este, acorrem a São Gonçalo. A direita: Já foi a Urucânia, sem resultado, porém. Agora, está em São Gonçalo, todos os dias



NOS BASTIDORES FEMININOS

Se você procurasse se encontrar a si mesmo, provavelmente acharia motivos que a tornassem mais feliz. Não acreditamos que possa realmente existir alguém que nada sinta; que não se emocione diante do berço de um recém-nascido; que não se encante com a beleza de uma paisagem ou se delicie com o perfume de uma flor; que não vibre ao contacto da mão da pessoa amada...

Tudo o que pode acontecer, e que naturalmente deve estar acontecendo a você também, é que essa criatura ainda não tenha despertado... É possível que esse que agora toca a sua mão não seja ainda aquele que deverá transformá-la num ser humano capaz de se emocionar e comover mesmo com as coisas mais rotineiras da vida.

Porque a grande transformação vem do amor; amando — seu coração se enche de bondade — compreensão

Esta é Janet Leigh, da MGM, exibindo um modelo para jantar em renda e "tulle" cor de chumbo

despertando em você um interesse por tudo o que existe ao seu redor; pelas coisas boas que a vida lhe pode oferecer.

Fuja dos pessimistas que dizem que "nada vale a pena" fora daqueles que pretendem envenenar a sua

alma porque a própria já não podem salvar. Fuja daqueles que querem ensiná-la a ser má e egoísta, que querem convencê-la de que cada um deve se "trancar" em si mesmo e deixar que a vida corra por si...

Veja quanta beleza, quanto encantamento você está perdendo. Não pense que o mundo é "apenas" "um vale de lágrimas", só porque alguém já a tenha feito sofrer ou porque simplesmente ensinaram você a dizer isso.

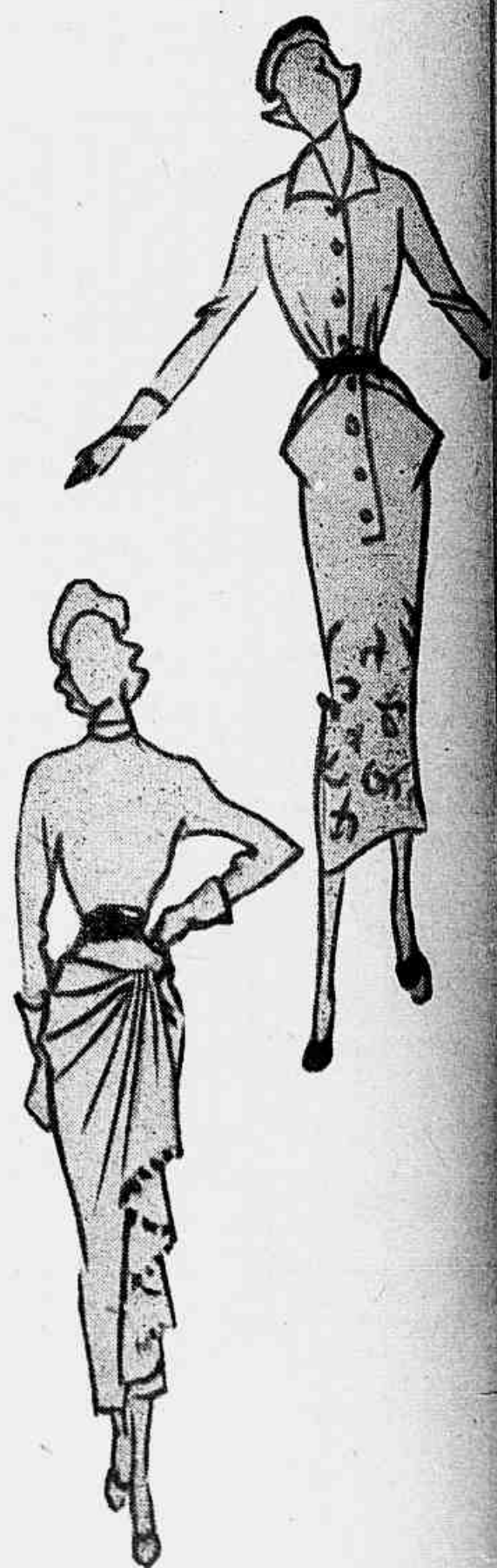
Liberte-se de todo esse peso! Deixe para o lado todos os pensamentos pessimistas que povoam a sua cabeça; não tenha medo de "abrir-se" numa gargalhada; não se envergonhe das lágrimas de comoção que possam vir a rolar dos seus olhos... Não receie demonstrar o seu amor, não receie a felicidade... Porque só então você estará vivendo. — O. B.

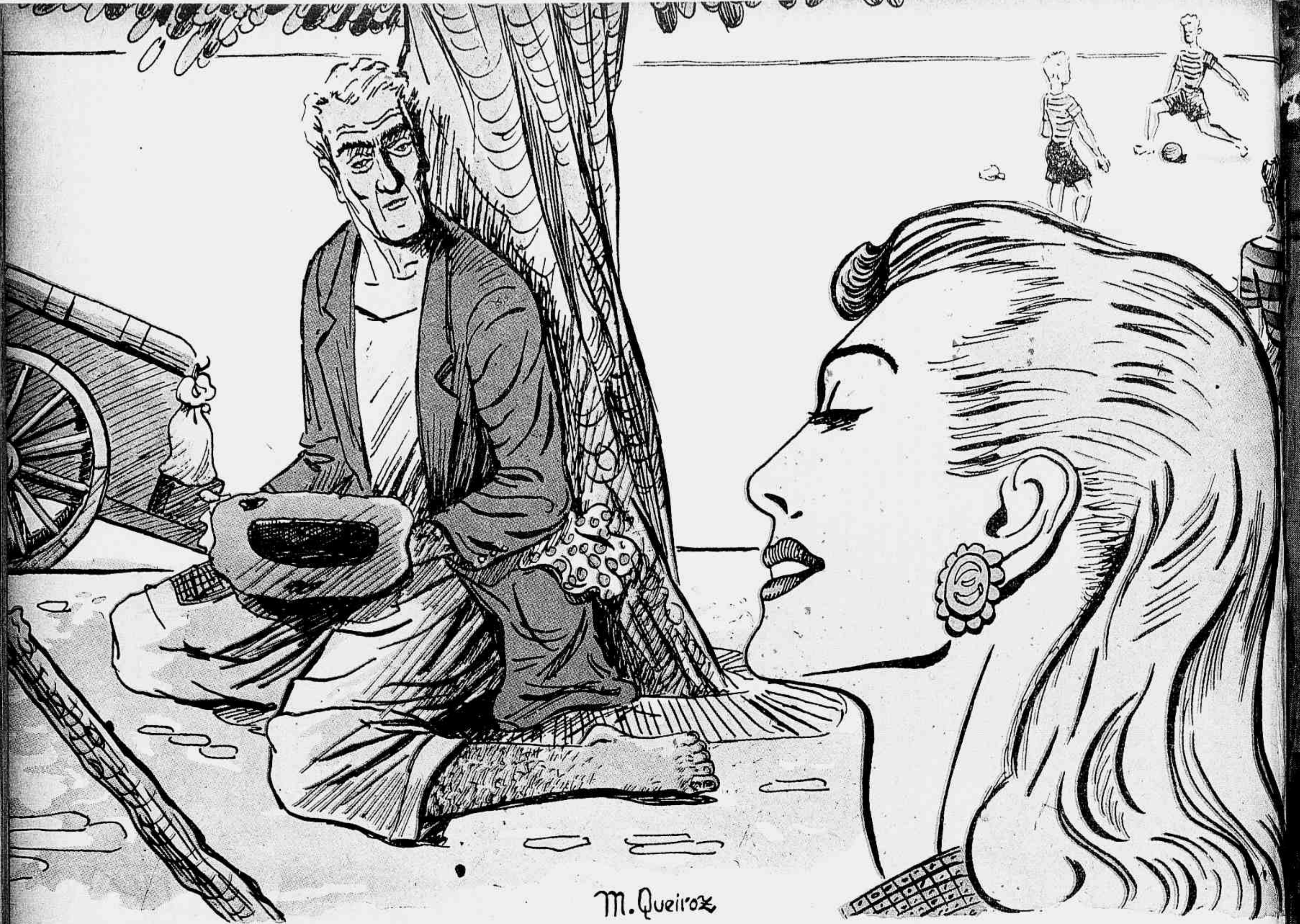


Autumn



○ nosso outono ainda não nos permite o uso das lãs, porém, os vestidos devem ser mais fechados, servindo para nos agasalhar das tardes ou noites frescas que já vamos sentindo Poderão ser executados mesmo em sêda ou crepe pesado, usando-se muito o preto, o marron, o escocês, o cinza, o marinho, etc.





Um dia, ele apareceu no largo onde moramos. Escolheu a sombra amiga de um oitizeiro para o seu descanso, e lá ficava a maior parte do dia, encostado ao tronco grosso, com o velho chapéu, todo esfarrapado, a entrecobrir-lhe os olhos.

Acostumamo-nos com aquela estranha figura e acabamos querendo bem ao velho vagabundo. Davamos-lhe comida, e, de vez em quando, alguma roupa velha.

Joaquim era grato pelo que considerava a nossa caridade, fez amizade com os nossos garotos, tornou-se comunicativo, quase alegre. Eu gostava de conversar com ele, apreciava a sua maneira interessante de contar os fatos mais corriqueiros, a voz rouca e apressada escapando-lhe da boca completamente desdentada na frente. Sua linguagem era viva, pitoresca e admirei-me ao ver que ele não era muito ignorante e que suas opiniões eram geralmente razoáveis e conscienciosas. Seu rosto, encimado por uma carapuça de cabelos duros e lisos, de um castanho escuro, semeado de fios brancos, era sulcado por profundas rugas. Os traços bem feitos, o nariz pequeno e reto, boca de lábios finos, mas o que mais me agradava nele, eram os olhos, castanhos, pequenos e arredondados, muito brilhantes, com uma expressão ingênua. Pareciam olhos de criança, vivos e inquietos.

Vivia sempre esfarrapado e sujo, e antes de escolher a sombra do oitizeiro para sua pousada estivera, durante várias semanas, no Hospital de Caridade. Fôra para lá com febre e frio, o pé fe-

CONTO DE AURORA ROTOLO DA COSTA ARAÚJO ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ

rido e muito inchado, com a inchação subindo-lhe pela perna. Medicado, e vendendo-lhe o deplorável estado do pé, os médicos quiseram amputá-lo. Disseram-lhe que poderia morrer, se não o cortasse, mas preferiu a morte e não deixou que o operassem. Teve alta do Hospital e tornou a perambular pelas ruas, apoiado a um bastão de madeira, mancando, estendendo o chapéu a pedir esmolas aos que passavam. E o pé, aos poucos, foi sarando e já andava quase bem. Fiquei horrorizada com o remédio por ele usado e que o estava curando: estrume de cavalo. Havia lido, há tempos, que nos laboratórios a cultura do bacilo do tétano era feita no estrume. Garanti-lhe que aquilo não podia, de maneira alguma, fazer-lhe bem e que deveria pôr de lado tal medicamento. "Seu" Joaquim riu-se de mim, não me deu ouvidos e espantei-me ao ver, que de nós dois, quem tinha razão era ele. Continuou usando o que um velho amigo lhe ensinara e o que os médicos e os modernos remédios não conseguiram, ele assim o alcançara. Dizia-se quase bom. Não sei explicar como melhorou com semelhante remédio, mas talvez o clima tenha alguma influência, ou o organismo do caboclo nortista ofereça maior resistência, acostumado como está ao calor fortíssimo e ao sol inclemente dessa terra.

"Seu" Joaquim, melhor alimentado, mais cuidado do que há muito tempo,

não era, estava mais gordo e dizia-se quase feliz.

A felicidade é muito relativa. Alguns a colocam tão alto, que nunca a alcançam. Desejam demais e nunca se satisfazem com o que conseguem possuir. "Seu" Joaquim, coitado, desejou tão pouco! Julgava-se quase feliz, velho, doente e miserável como era. Queria poder se alimentar, não sentir fome e viver em paz. Mas a vida, ingrata, lhe negou o sossego almejado.

No largo, todas as tardes, e às vezes até de manhã, juntava-se um grupo de meninos para jogar futebol, peteca ou correr. E esses meninos descobriram, não sei como, que o apelido do velho Joaquim era "bicho do mato". E então, várias vezes largavam o brinquedo para atormentar o velho, chamando-o aos gritos:

— Ei! Bicho do mato!

E a garotada, em coro, completava:

— Pegado na arapuca!

E o estribilho ficou. Já era comum as vozes infantis se elevarem e pelo largo ecoava a frase:

— "Bicho do mato, pegado na arapuca"!!

"Seu" Joaquim ficava que nem doido. Queria correr atrás dos garotos, jogar lhes pedras, bater-lhes com o bastão, nunca o conseguindo, porém, pois os meninos eram muito ligeiros. E o velho, então, ficava a injuriá-los, chama-

do-lhes todos os nomes feios que conhecia. O que vale é que seu repertório não era grande. E a meninada, zombando de sua raiva, continuava:

— Bicho do mato, pegado na arapuca!

Tentamos fazer com que o velho não lhes desse atenção.

Mas tudo foi inútil. E num dia em que o aconselhei a se fazer de surdo, a não dar importância à impertinência dos meninos, ele me respondeu:

— Qual, senhora, não posso ficar calado. Parece que a raiva corre no meu corpo junto com o sangue. E eu que cheguei a pensar que estava livre deste maldito nome...

Só então fiquei conhecendo a história do velho Joaquim.

Com lágrimas nos olhos, a voz emocionada e rouca, começou a contar-me:

— A senhora pensa que fui sempre um vagabundo como hoje? Não, eu já tive minhas posses, minha casinha, roçado e criação. Era casado, e Ana, minha mulher, era uma boa companheira, trabalhadora e limpa como poucas. Vivia-mos tão bem! Lá fora, na mata, nada nos faltava, a não ser os filhos que nunca vieram, apesar de eu tanto desejar crianças em casa. Os anos passavam, um depois do outro, sempre iguais. Às vezes havia alguma diferença, porque nos invernos de muita chuva havia fatura de tudo, a gente olhava e via tudo verde e bonito, mas quando o verão se estendia, sem fim, o sol danado queimava tudo e a mata, ressequida e amarela, vivia se-

(Continua na pag. 36)

Bicho do

MATO



★

Para você, noiva de Maio, selecionamos estas deslumbrantes camisolas, capazes de encantar ao gosto mais exigente.

★

A esquerda: Em cambraia de linho branco, incrustada de delicados bordados. Plissé "soleil", nervuras e rendas enriquecem ainda mais esta camisola. Em baixo: Em mousseline rosa, descobrindo, generosamente as espáduas. Franzida em toda a sua extensão. Gola de renda. Em cima: Em cetim rosa, estilo Segundo Império, renda sobre o busto



Quinta

Gala



★
○ S vestidos de gala são suntuosos, realçando a graça e a elegância de quem os veste. É preciso, naturalmente, escolhê-los sempre de acordo com o próprio tipo.
★



1 Elegantíssima criação de Lanvin, executada em "tulle" negro. Um drapeado imenso em tafetá preto, forma a única manga que o vestido possui...

2 De Molyneux é este modelo em "pequim", saia franzida e corpete bordado em preto.

3 Marcel Rochas criou este modelo em tafetá preto, muito justo ao corpo, com babados de "tulle" abrindo-se abaixo dos joelhos. Echarpe também de "tulle". Sobre o babado, na saia, vistoso bordado em "paillettes".

4 E' de Bruyère este modelo de veludo negro com busto e fôro do bolero em jersey branco bordado a prata e formando losangos. A saia tem recortes que sobram em ponta na blusa.

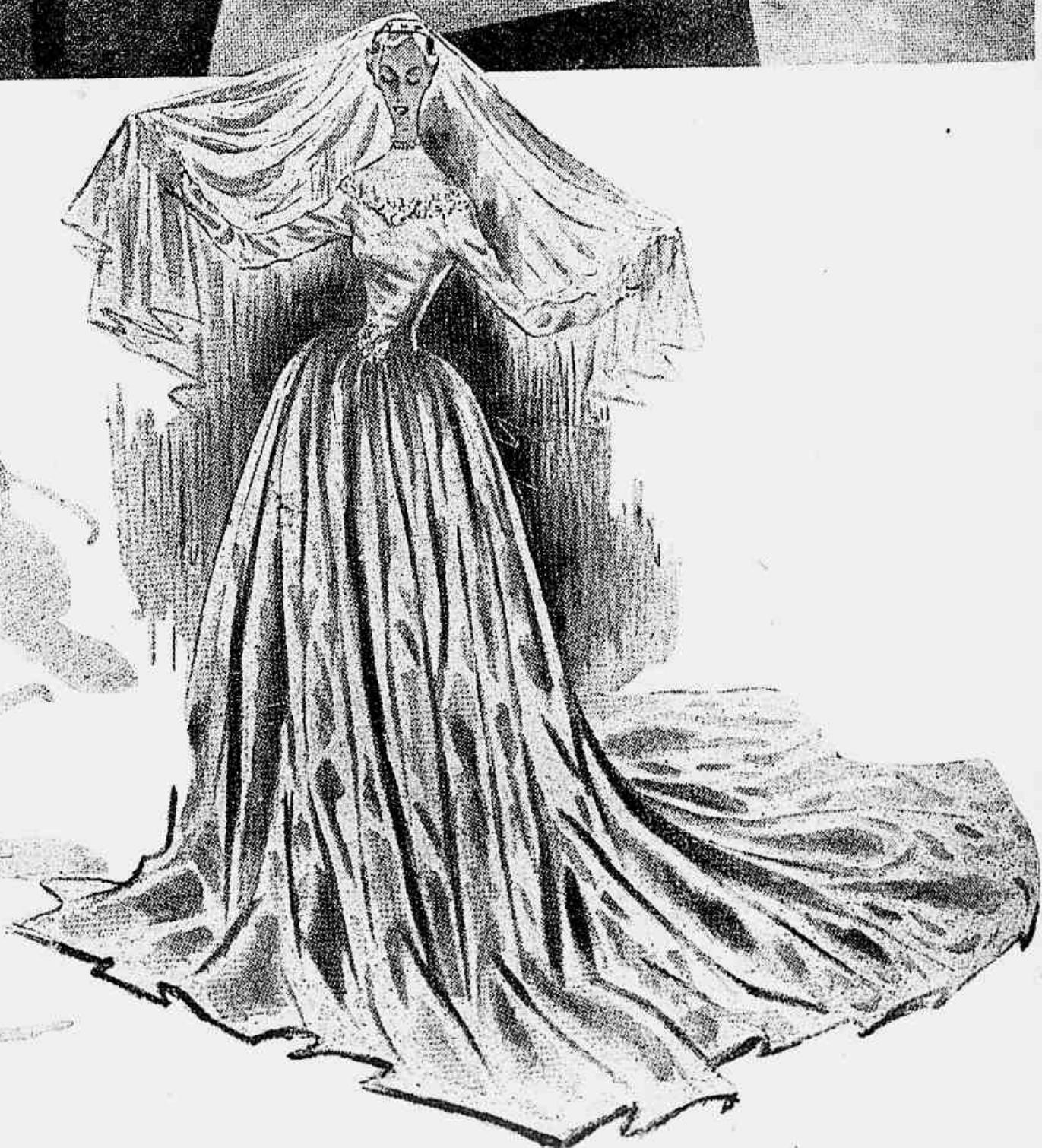


5 Paquin conserva o estilo. Diretorio neste modelo em tafetá com a parte superior bordada a prata e pérolas. Uma sobresaia muito ampla termina atrás em pequena cauda.

6 Jean Lanvin usou o tafetá verde para a sua interpretação do estilo Império, verificada neste elegantíssimo modelo.

7 De Worth, modelo em cetim branco, com trabalhoso drapeado na saia. Talhe alto, bordado ao redor em pedras.

Noivas

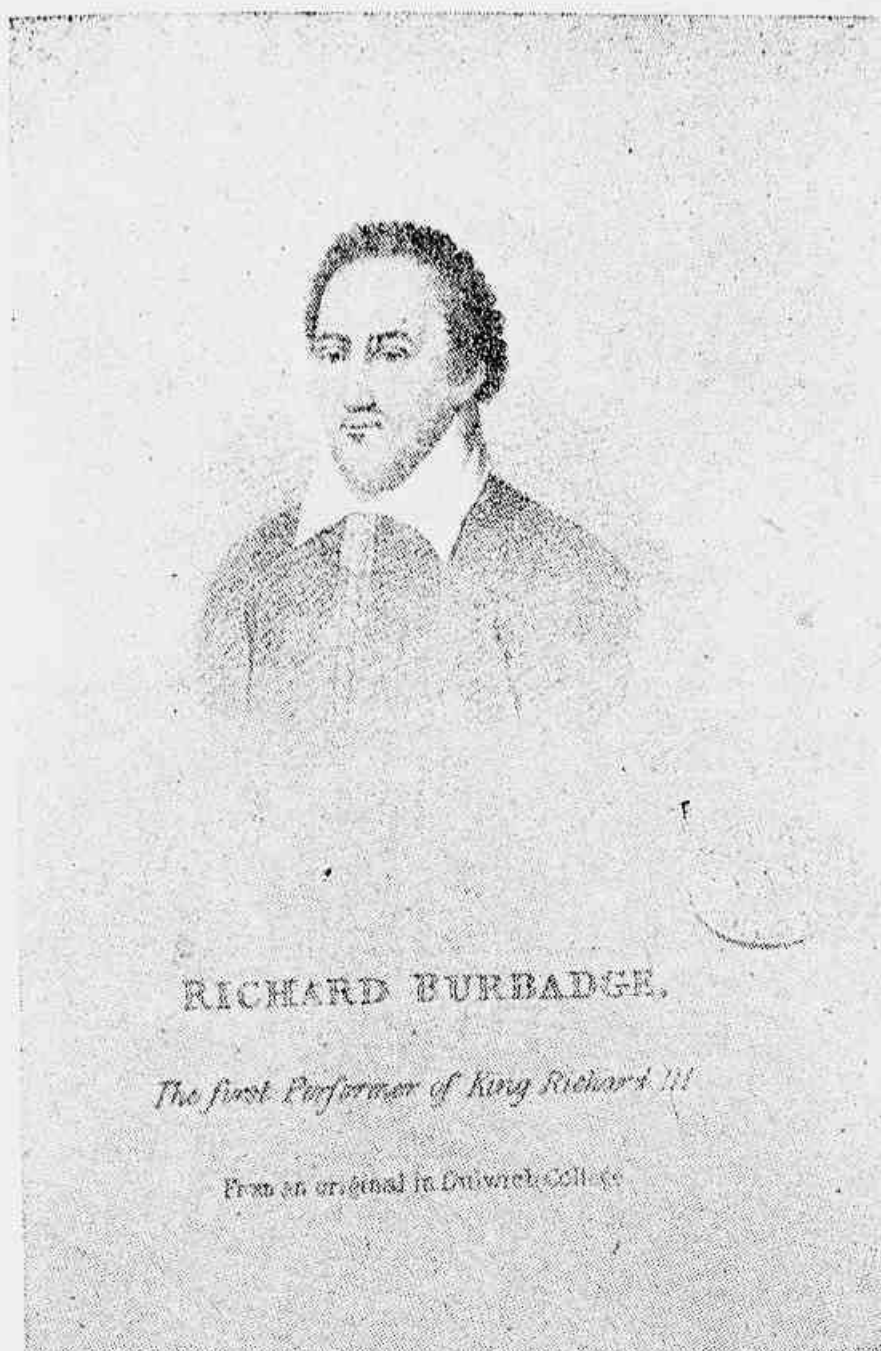




Para as noivas de Maio, algumas sugestões para o "grande dia". O cetim, pela sua queda, pelo seu brilho e pela magnífica execução que dá, é um dos tecidos referidos. Também a renda e os brocados têm a sua preferência. Quanto aos véus, poderão ser curtos ou longos, ao gosto da sua dona, apenas ficando melhor os véus curtos para as mais jovens. Tudo depende, naturalmente, do estilo do vestido e da conveniência da noiva. Qualquer um destes modelos é de grande elegância e certamente irão aumentar a sua graça e a sua "linha".







RICHARD BURBADGE, o primeiro Hamlet



DAVID GARRICK, um dos maiores atores do século XVIII



EDMUND KEAN. Sua interpretação influenciaria a do próprio filho, CHARLES KEAN, e a de SIR HENRY IRVING

GRANDES INTÉRPRETES DE

HAMLET

PARA quem pretenda, como nós fazer uma relação, logicamente imperfeita, dos intérpretes de Hamlet, o único problema que se depara é o de saber qual haja sido o primeiro, já que a tragédia parece eterna como a própria Vida e irresistível como a própria Morte. Certo é que Shakespeare, conforme narra Sir Sidney Lee, "fez-se conhecer a princípio como ator e, pôsto que a obra do dramaturgo eclipsasse rapidamente o renome do comediante, este permaneceu entre os primeiros de sua profissão quase até ao fim de sua existência". Não foi ele, todavia, o criador de sua maior obra, dando-lhe a tradição o papel de espectro, enquanto Richard Burbadge encarnava o Príncipe.

Richard Burbadge foi, assim, o primeiro intérprete de Hamlet. Artista desde criança, proprietário do Blackfriars Theatre e filho do construtor do Globe Theatre, do qual Shakespeare era acionista, foi o maior ator de sua época, encabeçando o elenco do Poeta, cujos trabalhos viveu antes de qualquer outro. Era por volta de 1602...

Depois dele e antes que o teatro, com a revolução de Cromwell, silenciasse, a História guardou apenas o nome de Joseph Taylor.

Reacesas as luzes da ribalta, a lista tornou-se interminável. Miss Agnes Claudius, com a mesma gentileza de sempre, forneceu-nos mais de cinquenta nomes ilustres, para os quais Hamlet foi o título de glória de uma carreira maravilhosa. Destacaremos desta lista, inicialmente, os intérpretes de língua inglesa que, em número e em qualidade, parecem superar os seus colegas de outras nacionalidades. Assim, Thomas Betterton. Representou ele a tragédia em 1661, logo após a reabertura dos teatros. Com Mrs. Barry no papel da Rainha, reprisou-a em 1722. Entre as duas datas registramos o nome de Robert Wilks (1708).

A maior curiosidade da edição apresentada por Betterton, consequência da rutura da tradição e entrevista nas gravuras da época é a montagem, toda ela em trajes e cenários daquele tempo, assim como, sem dúvida, o Hamlet de Burbadge vestia trajes elisabetanos e se movia em palco elisabetano. A famosa cena das medalhas, por exemplo, passa-se numa galeria de retratos, essa galeria de retratos que os contemporâneos mais afortunados do ator se orgulhavam de possuir em seus palácios.

Depois de Betterton, surge David Garrick, em 1742. A tragédia do Príncipe serve aqui para coroar a vida de um dos maiores atores do século XVIII, que ficou sendo o único capaz de interpretá-la, até morrer. Segue-se John Philip Kemble, irmão de Sarah Siddons, célebre atriz shakespeariana. Já estamos em 1814 quando Edmund Kean aparece, exercendo uma enorme influência sobre aqueles que o seguiram, inclusive o próprio filho, Charles Kean e Sir Henry Irving. Este foi por consenso universal, o

SIR HENRY IRVING, o maior intérprete de Shakespeare até hoje

De **SERGIO CARDOSO**
Especial
para a **REVISTA DA SEMANA**



maior intérprete de Shakespeare até hoje. Escreveu vários livros sobre a obra do Poeta, que viveu inteira. Depois de uma existência de atividade incessante e êxito incomparáveis, foi sepultado na Abadia de Westminster, ao lado do próprio Shakespeare, após haver coberto a Inglaterra de luto. Henri de Curzon nos diz sobre ele que "son influence croissant avec son crédit, c'est aux lettres mêmes, c'est au patrimoine glorieux de son pays qu'il rend service, c'est Shakespeare qu'il remet en lumière. A cette époque, Shakespeare était bien délaissé; non seulement on ne savait plus le jouer, mais on restait toujours à une version, etc..."

Pertence a Sir Henry Irving, o "record" insuperado de duzentas representações consecutivas de Hamlet!

No Princess's, em 1880, encenou-se o Hamlet de Edwin Booth. Dezessete anos depois, no Lyceum, Sir Johnston Forbes-Robertson faz o papel, repetindo-o num filme inglês, de Hepworth, quando já tinha a idade de 60 anos...

Em 1925 chega a vez de John Barrymore, que grangeou fama de ser um Hamlet violentíssimo. No mesmo ano, Colin Keith-Johnston apresentava uma versão com "trajes modernos".

Seguem-se os intérpretes atuais: Raymond Massey, esse magnífico ator cinematográfico que todos apreciamos, cuja edição suprime o espectro. O Príncipe sussurava as palavras deste, dando idéia de que o diálogo entre ambos nada mais seria que pura imaginação de Hamlet.

Maurice Evans vive há anos o papel, nos Estados Unidos. Durante a última guerra apresentou a "G. I. version" da tragédia, especialmente para aqueles que lutavam. Os personagens foram vestidos como se existissem no período romântico do século passado, as mulheres com grandes saias rodadas e os homens envergando uniformes e sobrecasacas.

Antes de dizer, Robert Helpmann dançou a história, com música de Tchaikowsky.

Em 1938, Alec Guinness apresentou, por seu turno, na "Old Vic", uma montagem moderna com cenas inesquecíveis para aqueles que as assistiram. Alternava dois trajes: o "smoking" e um "sweater" escuro com calças cinzas, realçando sua figura esguia, de adolescente pálido e doente. A maior cena, na opinião geral, era a do cemitério, com aquela bruma passando sobre os guarda-chuvas abertos e Laertes trincando um cigarro apagado, recursos impossíveis de serem aproveitados em outras circunstâncias. O espectro usava máscara contra gazes e quando aparecia a Hamlet, na esplanada, fogos de artifício espalhavam ao longe, ao som do "jazz" que acompanhava o banquete real... Na cena da loucura, em vez de distribuir flores, Ofélia folheava um livro cheio de gravuras imensas e coloridas... A cena das medalhas ganhava em intimidade graças ao espelho, às escovas e

JOHN PHILIP KEMBLE, o famoso irmão da não menos famosa atriz shakespeariana Sarah Siddons



SARAH BERNHARDT, o mais famoso "Hamlet" em "travesti"

aos frascos de perfume... Fortimbras era um elegante oficial que, ao deparar com os corpos daqueles que haviam reinado sobre a Dinamarca, respeitosamente apagava o cigarro...

Alec Guinness, que esse João Villaret superlativo considera o melhor Hamlet que já viu, excursionou pela Europa, valendo-se da visita feita aos povos sem tradição shakespereana para acrescentar outras inovações. Assim, em Paris, e depois em Roma, a cena da ratoeira, a apresentação teatral perante a corte, foi substituída por um filme em technicolor... Em Milão, o duelo de espadas transformou-se num duelo a pistolas...

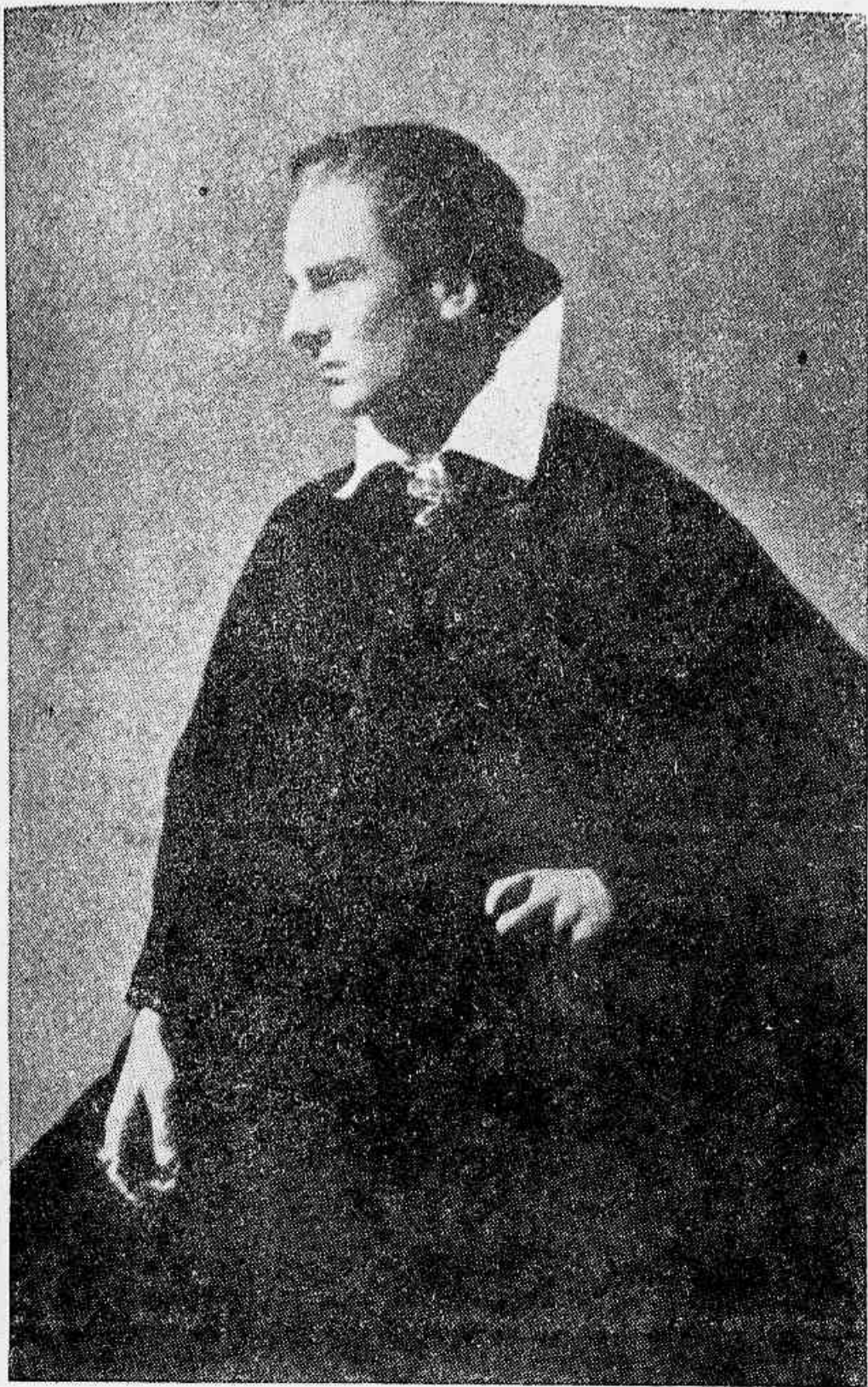
Faz doze anos que a edição de Donald Wolfitt foi levada à cena, no Wimbledon. Impressionava nela o aparecimento do fantasma, entre altas colunas. Durante o diálogo desaparecia ele entre essas altas colunas. Belíssimos jogos de luz projetavam então, na sequência seguinte, apenas sua sombra em diferentes lugares da esplanada...

E' sempre com saudade que lembramos o nome de



Em cima: SIR JOHNSTON FORBES-ROBERTSON. Com 60 anos fez o Príncipe no filme de Hepworth. Em baixo: JOHN BARRYMORE, com Fay Compton vivendo Ofélia

ANGELA PINTO, como SARAH BERNHARDT, não resistiu a tentação de viver o papel



JOHN GIELGUD, o mais perfeito Hamlet da atualidade, na opinião de James Agate, célebre crítico inglês

Leslie Howard, cujo talento podíamos apreciar através do cinema. No teatro deve ter sido um Hamlet tão bom ou melhor do que aquele Romeu, do "Romeu e Julieta" que a Metro rodou com Norma Shearer vivendo a infeliz enamorada de Verona.

Num dos últimos Festivais Shakespeare de Stratford-on-Avon surgiu a mais promissora revelação de ator clássico inglês desde muito tempo, fazendo o papel de Hamlet. Seu nome é Paul Scofield.

John Gielgud, que forma com Ralph Richardson e Laurence Olivier a trindade suprema dos palcos britânicos atuais, já representou a tragédia em diversas versões num total superior a quinhentas vezes, tanto na Inglaterra, como no próprio castelo de Elsenor, na Dinamarca, onde ela se desenrola, e na América do Norte, por 132 vezes ininterruptas, num "record" para aquele país. Na opinião do maior crítico inglês, James Agate, seu Hamlet é o mais perfeito dos dias que correm. Não recita ele os monólogos, preferindo dizê-los tão naturalmente que o "Ser ou não ser", por exemplo, começa antes que disso se aperceba a platéia.

O mais famoso Hamlet da atualidade, porém, é Sir Laurence Olivier, seja pelas diferentes edições que também já apresentou seja pelo filme que vem de dirigir e interpretar. Se dermos crédito àqueles que o viram no palco, seu Hamlet pode ser resumido numa única palavra: irrepreensível. Da montagem à marcação, das inflexões de voz aos efeitos de luz, a peça é conduzida, do princípio ao fim, com uma segurança técnica, uma precisão ortodoxa surpreendente.

★

Tão avassaladora é a tentação que Hamlet exerce sobre os atores que mesmo algumas atrizes a ela não resis-



LAWRENCE OLIVIER e Vivien Leigh (Ofélia) numa cena da tragédia encenada pela Old Vic no próprio castelo de Elsenor, na Dinamarca

tiram travestindo-se para sussurrar suas dúvidas e viver seus tormentos. Delas, a maior foi, indiscutivelmente, Sarah Bernhardt, a "divina Sarah", que o fez, em 1899, no Adelphi. E a portuguesa Ângela Pinto, com quem a crítica não foi muito generosa. Aliás, falando de portugueses não podemos esquecer o nome de Eduardo Brazão, um dos poucos e maiores Hamlets de nossa língua.

★

Na França, além de Sarah Bernhardt, há ainda o Hamlet de Mounet-Sully, lembrado sempre com saudade, e o de Jean-Louis Barrault, dos nossos dias, valorizado pela tradução impecável de André Gide. Um Hamlet angustioso, quase histórico, dominado pela personalidade nervosa do intérprete gaulês.

Gérard Philipe, que surgiu no "Calígula" de Albert Camus como a revelação mais esperançosa do teatro francês nos últimos anos, prepara-se também para cobrir-se de

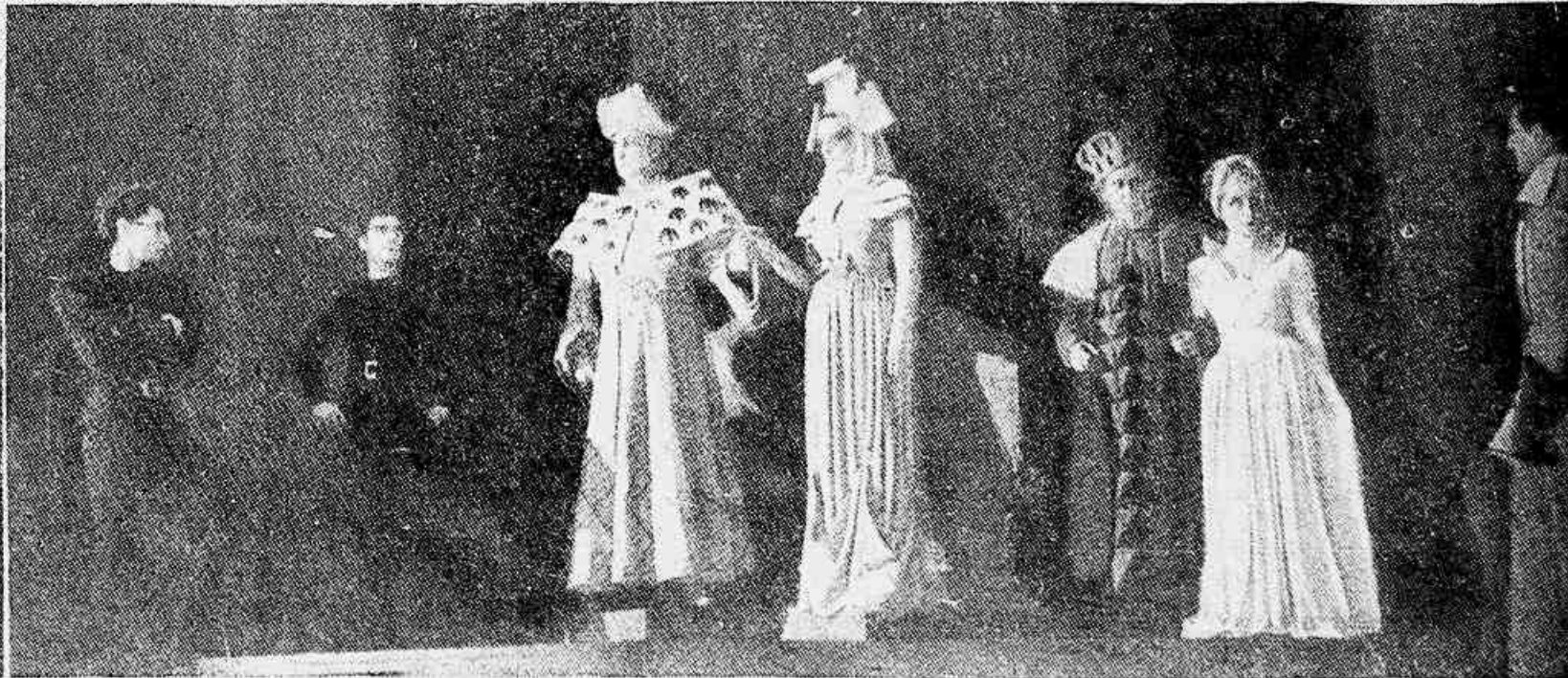
luto e invocar a proteção dos anjos e dos ministros da graça diante do espírito do Rei assassino.

Preferimos não falar da malograda experiência de Pierre Blanchard — aquele pastor da "Sinfonia pastoral" de Gide, que o cinema nos mostrou faz pouco tempo. Seu Hamlet, entre alucinado e bêbedo, abalou, num fracasso tremendo, a carreira que vinha e que vem traçando, esplendidamente, na Arte de representar.

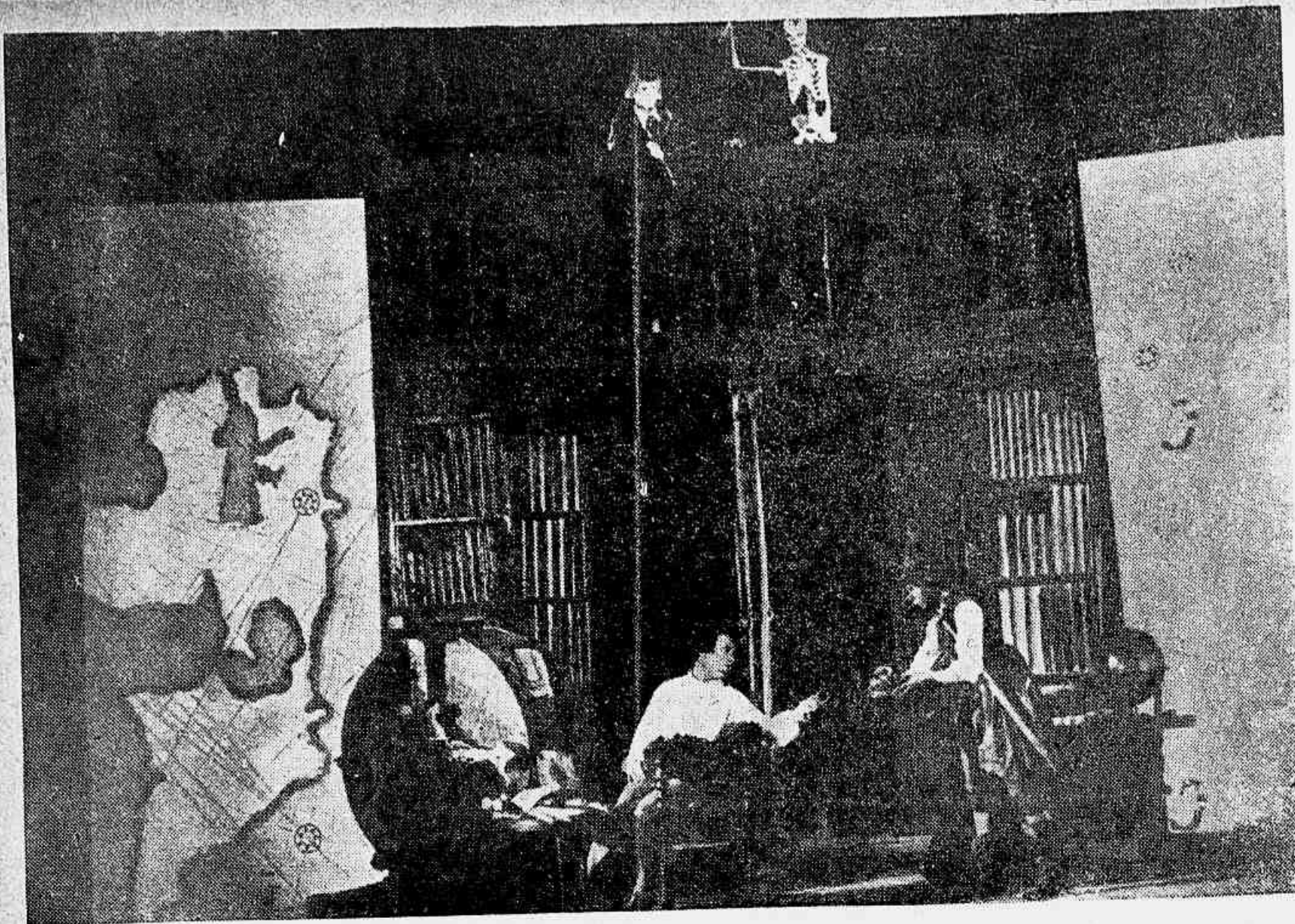
★

Ruggero Jacobbi, com a autoridade que ninguém lhe pode negar, falou-nos de outras versões, onde se alinham, em primeiro lugar, é claro, os Hamlets italianos. Assim, Tomaso Salvini e Ernesto Rossi, ambos românticos, sendo o último um Príncipe curiosamente calvo e bigodudo, como o intérprete o era na realidade.

Segundo Constantin Stanislavsky, o Hamlet de Tomaso Salvini exerceu considerável influência sobre a edição que ele mesmo apresentaria, mais tarde, sob a di-



À esquerda: **MOUNET-SULLY**, sempre lembrado com saudades. À direita: Uma cena do Hamlet que **JEAN-LOUIS BARRAULT** (o primeiro à esquerda) vem de apresentar, em Paris



SMIRNOV, um dos vários Hamlets do Teatro Vachtangov de Moscou, na discutida cena do cemitério, localizada no interior da biblioteca do Príncipe

reção — por correspondência — de Gordon Craig numa das raríssimas fugas do célebre cenógrafo do terreno teórico para a prática.

Ermete Novelli foi um Hamlet naturalista, conforme o gosto de sua época. E Ermete Zacconi, recentemente falecido, copiou-lhe o modelo, conforme fazia em todas as criações de sua mocidade.

No período d'annunziano há o Hamlet de Ruggero Ruggeri. Vale dizer: um Hamlet estático, representando em permanente estado de espanto, como que hipnotizado. Assim, aliás, era sua interpretação do papel que lhe deu fama, o Aligi da "Filha de Iório", de D'Annunzio. Mais lírico que trágico, fez questão de ter a peça, traduzida por Diego Angeli, em versos bem cadenciados e de rimas sonoras que martelava, incessantemente, nas cenas mais sugestivas.

Renzo Ricci, considerado a mais bela voz do teatro italiano até hoje, fez o Hamlet em duas versões, sendo a primeira, influenciada por Ruggero Ruggeri, superior em beleza plástica à segunda, mais enfática. Tentava recolocar, depois do naturalismo, a tragédia nos seus moldes tradicionalmente românticos.

O Hamlet de Memo Benassi foi primeiramente apresentado na província, sob a direção de Bragaglia. Dêle, só nos restam algumas fotografias de grande beleza. Mais tarde, encarnou o papel sob sua própria direção, baseando nos contrastes psicológicos do personagem sua interpretação fortemente variável, indo da máxima exaltação a momentos de completo desânimo. A maior originalidade que introduziu na tragédia valia por um achado: dizia o monólogo "Ser ou não ser" meio absorvido, meio distraído, diante de um tabuleiro de xadrez, cujas pedras movimentava, jogando consigo mesmo. Seu espetáculo tinha acompanhamento musical do maestro Sonzogno, discípulo de Malipiero que já havia transformado em ópera diversas obras de Shakespeare, como "Júlio César" e "Antônio e Cleopatra", enquanto compunha música incidental para outras muitas, entre elas "Romeu e Julieta" e "O mercador de Veneza".

Dos intérpretes alemães, entre outros, como José Kainz, destacam-se Alexandre Moissi e Gustav Grundgens.

Alexandre Moissi foi um Hamlet de fogo, acentuando ao extremo a veemência do personagem. Assim, por exemplo, na cena com a Rainha era de uma crueldade sem par e naquelas em que dialogava com Rosencrantz e Guildenstern atingia um escárnio e um desprezo inenarráveis. O Hamlet como desajustado, como ente superior ao ambiente em que vive, teve em Alexandre Moissi um intérprete incomparável, fosse em alemão, fosse em italiano, já que manejava as duas línguas com igual facilidade. A única diferença entre as versões consistia no fato de ser o Hamlet alemão cercado pela grandiosidade de Max Reinhardt, de quem Moissi era discípulo. Em excursão, a montagem original era preterida por outra, menos dispendiosa.

Gustav Grundgens está mais próximo à versão que, dirigida pelo dr. Hoffmann Harnisch, foi apresentada pelo Teatro do Estudante do Brasil, em 1948. Persiste ainda aqui, porém, a idéia do espetáculo grandioso, o "kolossal" germânico, das gigantescas colunas quadradas e das escadarias se derramando pelo palco, da comparsaria sempre em atitudes plásticas, dos capacetes e das barbas fantásticas, de gosto duvidoso, mas de enorme força popular.

Entre os intérpretes russo, além do já citado Constantin Stanilawsky, e de Kachalov, e de muitos outros (Hamlet tem sido uma das peças mais representadas na Rússia do Czar e de Stalin) sobressai Nicolai Cherkassov, do Teatro Vachtangov de Moscou.

Venceslav Vachtangov foi uma espécie de menino prodígio. Morto ainda muito jovem, dirigiu apenas com retumbante sucesso, "Turandot", de Carlo Gozzi, em russo, e "Dibuk", de Chalom An-Ski, em hebraico. Iniciara os ensaios de Hamlet quando, inexplicavelmente, se suicidou. O governo soviético fundou então o Teatro Vachtangov de Moscou com elementos que colaboravam com ele.



ERNESTO ROSSI, um Hamlet bigodudo e quase calvo

Hamlet vem sendo representado aí ininterruptamente, havendo no protagonista um revezamento natural. Assim, Smirnow. Assim, Nicolai Cherkassov, aquele magnífico "Ivan, o terrível", com que Eisenstein se despediu do cinema e da vida.

Em primeiro lugar, o que se nota na versão comunista da tragédia é a deformação do texto procurando fazer do Príncipe um revolucionário falhado. A montagem da



RENZO RICCI, a mais bela voz que o teatro italiano já teve



Alexandre Moissi als Hamlet.

Um dos maiores atores alemães — ALEXANDRE MOISSI. Um Hamlet de fogo

peça é outra originalidade. Os dinamarqueses do Hamlet russo vestem-se todos como D. Quixote ou D. Juan, isto é, situou-se a peça na Espanha da Inquisição, da época barroca. Para isso foi dada a seguinte explicação: na fantasia popular do russo, devido à educação (livros escolares, gravuras, etc.) essa Espanha é típica do absolutismo despótico. Sem maior esforço, portanto, o espectador logo percebia o quanto de antipático havia na corte do Rei Cláudio.

O Príncipe Fortimbras, da Noruega, que muitos preferem suprimir, enquanto outros o colocam participando da tragédia quase obscuramente, teve acentuadíssimo seu aparecimento na versão russo. Todas as alusões a ele são postas em relevo. E quando surge, no último ato, tem a cercá-lo a mesma grandiosidade com que os deuses costumavam se encarnar no final das tragédias gregas: pela imensa escadaria, a malta de soldados esfarrapados e imundos, vindos do campo de batalha erguiam seus punhos na direção da platéia; Fortimbras abria caminho entre eles, a fim de lamentar a sorte ingrata de Hamlet. As vozes do fantasma e de Hamlet eram as mesmas embora aquela fosse visível... O monólogo "Ser ou não ser" era dito diante de um grande mapa... Discutidíssima era a cena do cemitério, colocada numa espécie de gabinete de estudos ou biblioteca de Hamlet. Aliás, essa biblioteca era o cenário mais importante da peça, como que servindo para sublinhar os momentos de solidão em que Hamlet, intelectual, se absorvia...

Shostakovich foi o autor do acompanhamento musical para esta versão. Cremos não precisar dizer mais nada. Nem mesmo que a marcha de Fortimbras lembrava, longinquamente, a Internacional, de que era uma adaptação quase irreconhecível.

No Brasil, Hamlet serviu para realçar a glória de João Caetano, embora o gênio do teatro nacional, em que pese a opinião de seus contemporâneos, haja sido bem maior interpretando Otelo.

— "Agitando-se" — diz Renato Viana — "no círculo de ferro de um meio plantado de hostilidades, não será exagero afirmar-se que João Caetano foi o único sintoma de vida do teatro brasileiro. Não foi como querem muitos, um artista genial, mas um ator de gênio. Falhou ao artista o sentimento da sua arte, enquanto excedia, no ator, a intuição dessa arte".

Das tragédias shakespearianas, João Caetano interpretou "Hamlet", "Otelo", "Machbeth" e "Rei Lear", todas elas traduzidas por Paranhos. Encenou ainda "Otelo" e "Hamlet" no arremêdo que dessas obras fizeram, respectivamente, Ducis e Dubois. Talma, aliás, montara também na França o Hamlet reescrito por Ducis.

Em 1948, encabeçando um conjunto israelita, passou pelo Rio de Janeiro Jacob Ben-Ami. Do seu repertório constava o Hamlet. Valia o espetáculo pelo intérprete, prejudicado enormemente por um fraquíssimo elenco.

Seja em hebraico, seja em português seja em italiano ou em russo ou no grego de M. Minotis ou na língua em que foi escrita, a tragédia continuará interessando sempre. Disso, cremos nós, acabamos de dar uma pequena prova nesta relação de seus grandes intérpretes, que as mães amadas de Miss Agnes Claudius e de Ruggero Jacobbi nos ajudaram a desalinhar, sem outro intuito senão o de mostrar a imortalidade do Príncipe danês. De Burbidge a Laurence Olivier, em Dinamarques medievais ou imaginárias, através de Hamlets de "smoking" ou vestidos como D. Quixote, podemos traçar uma linha sinuosa, mas ininterrupta, que se projeta irresistivelmente no futuro, como a afirmação mais alta da grandiosidade e da beleza, quase divinas, do espírito humano.

LAWRENCE Olivier em Hamlet, realização cinematográfica de Arthur Rank



PARA O SEU GUARDA-ROUPA



Para você, noiva de Maio, oferecemos mais algumas sugestões para o seu guarda-roupa. É preciso não esquecer um só detalhe: é preciso que você tenha sempre a roupa e os acessórios adequados à hora e à ocasião; é preciso que você não esteja nunca demasiadamente "habillé" ou demasiadamente esportiva. Há modelos que, com a mudança de acessórios ou com alguns retoques, se prestam para diversas ocasiões. Assim é o modelo de Jean Farrell, de linhas simples, mas que adquire maior cerimônia quando usado com uma faixa de tafetá escocês, à cintura. O modelo de Lola Prusac, presta-se para um jantar de cerimônia ou para uma festa íntima. Agnes Drecoll e Helen Hubert, comparecem com dois vestidos "d'après-midi" e Henry A La Pensée com um casaco de linhas amplas.

week-end NA COZINHA

PASTEIZINHOS RÁPIDOS

Dissolva 4 colheres de farinha de trigo em 2 xícaras de leite, 3 ovos e sal; deite às colheres em banha quente, deixe lastrar, ponha em cima um pouco de picadinho com 2 ovos picados, enrole e arrume numa travessa. Regue com manteiga derretida e leve ao forno para tostar ou então cubra com molho de tomate grosso.



FÍGADO A INGLESA

Parta 1 kg. de fígado de vitela em bifes finos e tempere



Os bolos de chocolate cozem-se menos depressa do que os bolos comuns

de sal. Leve a fritar em manteiga, 12 tiras de toucinho inglês, retire o toucinho e aí frite os bifes, depois de passados em farinha. Arrume alternando as fatias de fígado com as de toucinho e despeje por cima o molho que ficou na frigideira, dissolvido com água. Sirva com batatas cozidas, sem casca, ao redor.



VAGENS COM MANTEIGA

Tome 1 kg. de vagens frescas, limpe e deite em água fresca. Leve a ferver água com sal, e aí jogue as vagens partidas em tiras, sempre a ferver em panela descoberta até ficarem macias. Escorra e leve ao fogo, com 1 colher de manteiga, deixe passar um pouco e sirva.

CREME DE ARARUTA

Tome 1 garrafa de leite, 6 gemas, 2 colheres de araruta, 250 grs. de açúcar, 1 colher de manteiga e 1 cálice de vinho do Porto. Misture tudo e leve a engrossar no fogo. Pronto, despeje num prato, polvilhe com açúcar e canela e queime com um ferro em brasa formando um xadrez.



DÓCE DE ABÓBORA

Pese 1/2 kg. de abóbora bem madura e descasque, levando a cozinhar em pouca água. Escorra, passe pela peneira, junte 1/2 kg. de açúcar, 1 côco ralado e leve ao fogo num tacho, sempre mexendo até soltar do fundo. Deite aos bocados compridos, como cocadas, num tabuleiro. Polvilhe com açúcar por meio de uma peneira e deixe a secar no sol ou na estufa.



PUDIM DE PÃO COM AMÊNDOAS

Ponha de molho em 1 garrafa de leite, 75 grs. de miolo de pão dormido. Passe por uma peneira fina e incorpore 350 grs. de açúcar, 100 grs. de amêndoas moidas, 1 colher de farinha, 1 de manteiga e 10 gemas. Misture tudo e leve ao forno em fôrma untada. Assim que começar a assar, jogue dentro cidra cristalizada em pedacinhos e passas sem caroços.



Os legumes devem ser cozidos em pouca água, a fim de que não percam o seu valor alimentício.



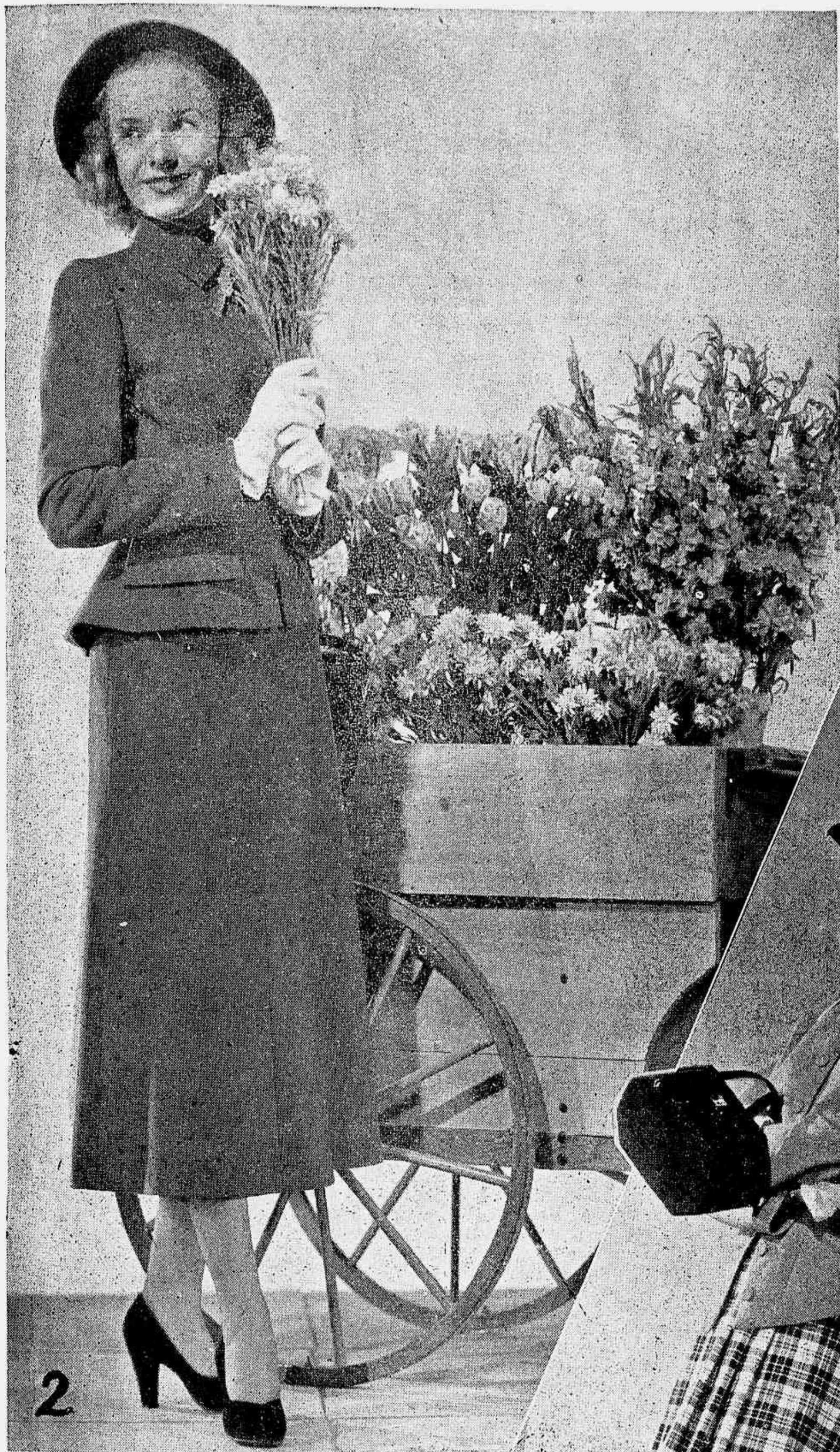
O sucesso de um almôço ou de um jantar, oferecidos aos amigos, depende do arranjo da mesa, da apresentação e sabor, naturalmente, dos pratos e da higiene perfeita de tudo.



Um chá completo inclui bolos, doces, salgados, geleias, frutas, etc.

De HOLLYWOOD

1



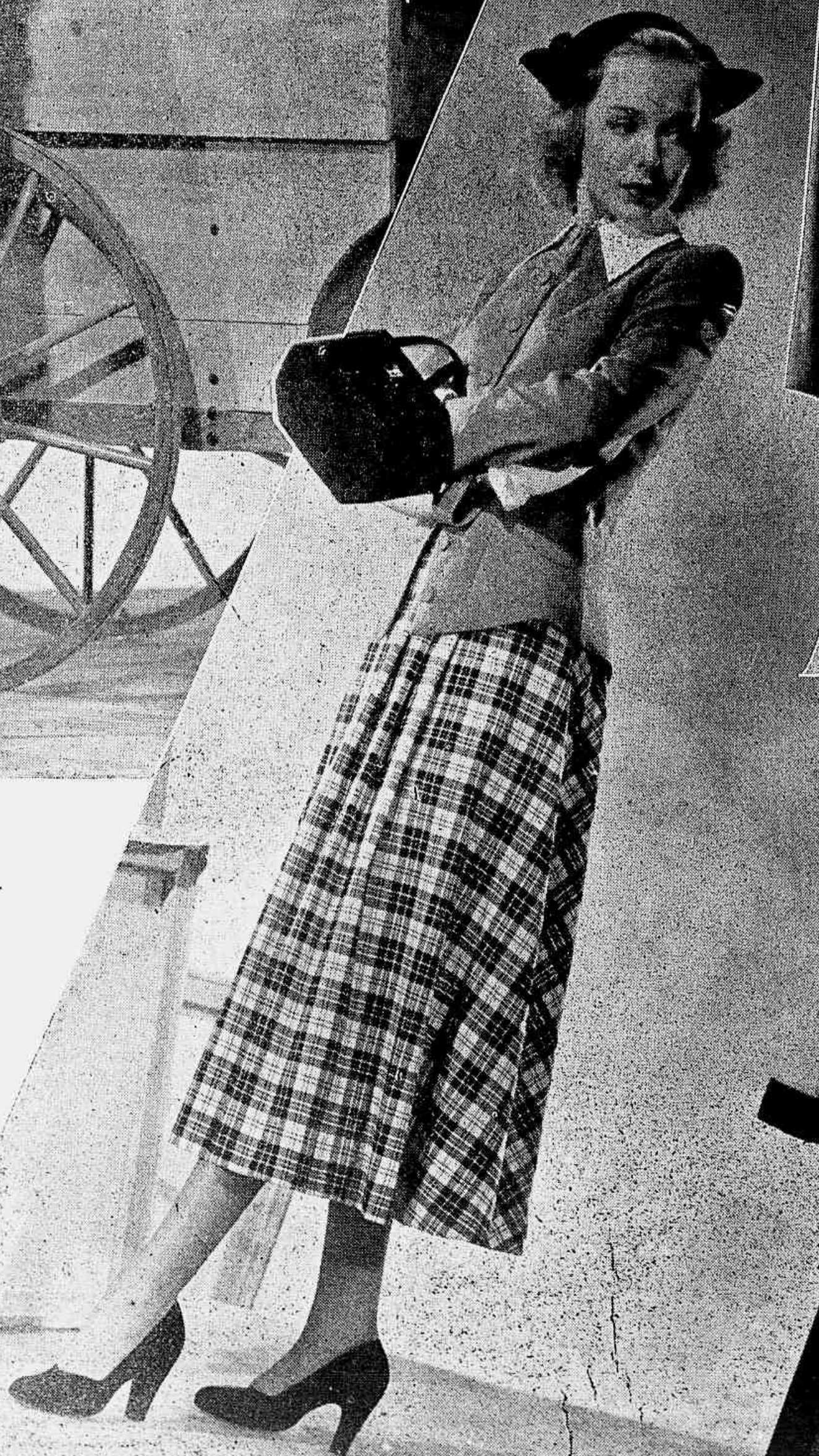
2

Lynn Bari, da RKO, oferece algumas sugestões, para mocinhas, de trajes próprios para a próxima estação.

1 Em seda "maravilha": gola e vize dos punhos em gorurão branco. Saia com pregas soltas. Cinto largo do mesmo tecido com grande fivela bordada.

2 "Tailleur" de gabardine. Gola alta, fechando em cima. Saia em panos.

3 Com uma saia de lã escura, gracioso casquinho em lã vermelha. Gola branca.



3

Bilhetes

DO MEIO DO MUNDO

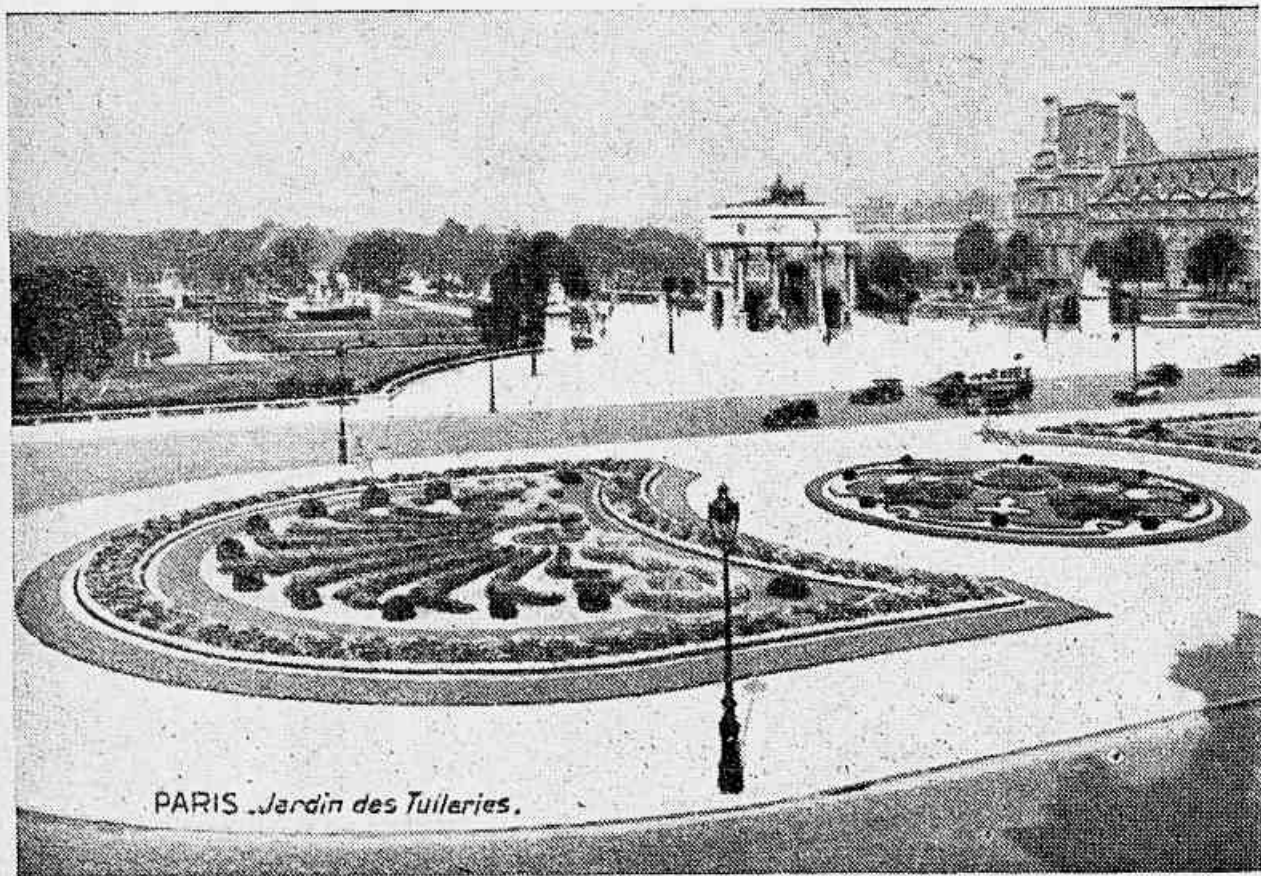
D. G. COIMBRA

Paris, janeiro de 1949.

Fizemos o que poucos fazem: deixamos Paris para depois — mas na verdade não foi muito certo — a sobremesa vem depois dos pratos fortes! Cada um vê esta cidade de acordo com seus desejos, vontade ou apetite. Uns admiram a Ópera, os teatros bons, os pintores e enchem-se de inspirações nos museus, nas exposições e nas mil e uma lojas onde se exibem interessantes quadros à venda. Os que gostam de comer bem saciam seus apetites nos ótimos restaurantes. Os que sabem apreciar as novidades, o sexo frágil, os belos parques, as estátuas grandiosas, têm tudo isso em abundância.

Nós entretanto em nada nos especializamos porque tomamos interesse em tudo e pelo conjunto de tanta coisa boa que os franceses reuniram nesta enorme Paris.

Para que pudéssemos gostar de Londres foi preciso que lá estivéssemos por três meses. Paris é nossa preferida em três minutos... Quem disse que todos nós temos duas pátrias — a nossa e a França — não exagerou: pois exprimiu o que a maioria de estrangeiros sente por esta aglomeração de franceses, pois, mesmo cosmopolita como ela é, ninguém pode, em boa fé, dizer que tudo aqui não é realmente francês. Este povo latino, rico, ativo, inteligente sabe sair de um "snooker" com habilidade notável e viver uma vida agradável. O francês dribla as dificuldades reais com uma maestria de quem tem muita experiência. Aqui não há racionamento de comida ou do vestuário, bem como do saber viver e gozar esta curta passagem por aqui. Os hotéis, restaurantes, apartamentos, tanto os de preço elevado como os módicos são aquecidos e bem iluminados. O racionamento de energia elétrica existe, mas é inteligentemente distri-



PARIS. Jardin des Tuileries.

O Jardim das Tulherias, em Paris

buido e pouco nos afeta. As amplas avenidas estão limpas, alegres, mesmo neste mês de inverno. Nas lojas há de tudo e para todos. Tanto nas de luxo como nas feiras das largas calçadas dos "boulevards", onde, ao lado de barracas muito bem iluminadas, de doces, frutas, novidades, antiguidades, canetas tinteiro e sei lá o que mais, há o homem do jaburú, distribuindo o bilhete de loteria como prêmio aos que acertam na roda do jogo. Há restaurantes caros onde jantamos por centenas de cruzeiros e também há os mais acessíveis, onde um bom jantar custa menos de 20 cruzeiros. O delicioso vinho é abundante e barato, embora caro também para os que assim o desejam.

Ontem, passamos o dia em Versalhes, o palácio de jardins deslumbrantes, onde Luiz XIV andou ditando o que a França deveria fazer e com Maria Antonieta perdeu até a cabeça na guilhotina. Visitamos a conhecida galeria ou salão dos espelhos, onde os aliados convidaram os alemães a assinar o tratado que Hitler não apreciou. A menina bonita em madeira ricamente trabalhada lá está quietinha, documentos de um passado ainda pouco remoto. O leitor que desculpe os pensamentos modernos do autor, mas cada vez que visitamos os grandes e notáveis palácios do mundo, uma pergunta sempre nos ocorre: — Onde é que essa gente tomava banho e de que jeito?

Admiramos, muitas vezes, lindos quartos ou salões de dormir de Reis e de Rainhas e de gente de muita importância — mas o banheiro?... Onde está?...

Quadros a óleo de grandes pintores, maravilhosas camas, cortinados, tapetes finíssimos, portas esculpidas, mas nenhuma porta ligando a uma sala de banho! Somente comunicam-se com salões e mais salões de recepções, de jantar, de costura, de isto ou de aquilo, mas o homem que hoje vive em muitos subúrbios do Rio e de São Paulo, já sabe o conforto que representam, encanamento, água corrente, pia e esgoto, que muitos Reis não conheceram, com toda sua grandeza e esplendor. Aquêles nababos de éras passadas haviam de apreciar muito o que hoje o simples povo desfruta com a maior naturalidade da vida, sem falar em geladeiras e outras conveniências populares. Isso, porém, não diminui o espetáculo de bom gosto e riqueza que Versalhes apresenta aos seus muitos quilômetros quadrados de soberba grandiosidade.

(Continua no próximo número)

Bicho do mato

(Cont. da pág. 23)

denta de água que Deus não queria fazer cair do céu. Mas o tempo passava, pra mim e Ana, sem alteração. E que saudade eu sinto daquele tempo! Tudo tão bom, mas o que é muito bom acaba sempre depressa...

Um dia, minha mulher adoeceu. Ela, que era tão sadia, que em vinte anos nunca ficara um dia deitada na rede! Melhorou, tornou a piorar, sentia dores pela barriga. Experimentamos todos os remédios que nos ensinaram, chás, banhos de erva, mas a doença não resolveu. Arrumamos a trouxa e viemos para a cidade. Ana ficou no Hospital, doente do fígado, muito doente e eu voltei três vezes a mata, para vender o que tinha. Vendi tudo, galinhas, patos, porcos e perus. A roça, sem ter quem cuidasse dela, acabou-se. Só a casa ficou, o terreiro se enchendo de mato, naquêles seis meses que fiquei aqui na cidade. Ana, pobrezinha — morreu no hospital. Nunca pensei que fosse sentir tamanha saudade dela. Voltei sozinho, cada dia mais triste, sentindo tanto a falta dos filhos ao redor de mim. Quem sabe com gente moça em casa tudo tivesse sido diferente. Mas, aí de mim, sozinho, velho... Não sei o que aconteceu. Não tinha vontade de trabalhar, se pegava na enxada largava logo e tudo em que botava as mãos dava para traz. Os pintinhos morriam mal saíam da casca, uma leitão comeu os cinco leitõesinhos que acabavam de nascer, o inverno estava ruim... Sei lá! Tudo estava de mal a pior, fiquei doente, o mato crescendo quase dentro de casa. Então comecei a pedir. Almoçava hoje aqui, amanhã acolá... Gente de fora e muito boa, muito prestativa. Todos são pobres, mas têm melhor coração que o povo da cidade. E, não sei como, fiquei com fama de meio maluco. Como vivia sujo, com o cabelo crescido, só dentro do mato, começaram a me chamar de "bicho do mato".

Não ligava praquilo, não ligava pra nada e ia vivendo.

Depois um dia, numa das minhas caminhadas, cheguei perto de uma casinha de palha, onde vivia um casal novo, com uma filhinha pequena. O homem saía pra roça, a mulher ia sempre à fonte lavar roupa. A criancinha, coitada, ficava em casa, sozinha, deitada na rede. Então me acostumei a entrar na casa e a fazer companhia à menina. Prestava atenção para ver quando a mulher vinha de volta, para sair antes. Eu embalava a rede, cantava pra menina dormir e gostava de fingir que ela era minha. Tão gordinha, tão mimosa! Um dia, quando a nenem chorou, como de costume, comecei a cantar:

— Fica quieta, nenem, tua mãe foi lavar tuas camisinhas e teus paninhos também... fica quieta, nenem...

A toada era sempre igual e eu ia repetindo as mesmas palavras uma porção de vezes.

A senhora está vendo como a minha voz é grossa. Pois quando eu cantava pra nenem, cantava mais grosso ainda, com a voz bem abafada, porque ela achava graça e ria. Ficava tão quietinha, prestando atenção a tudo que eu fazia. E eu embalava a rede, devagarinho, com tanto cuidado. Naquêles dias, não vi quando a mulher veio chegando. Levei um susto medonho quando escutei seus passos quase na porta. Fugi pela porta do fundo e ouvi quando ela gritou. Gritava tanto e a nenem ficou assustada também e começou a chorar muito alto. Fugi correndo e nessa corrida furei o pé numa espinha de cobra. A espinha entrou fundo e o pé foi inchando, inchando que quase não podia andar mais. Doente, me arrastando, comecei a notar que era evitado. Todos pareciam ter medo de mim. Quando passava por uma casa, as mulheres se benziam, os homens viravam de costas e as crianças corriam para junto das mães. Fui saber, depois, que a mãe da menina que eu ninava espalhara uma história de que eu tinha partes com o diabo. Gente boba e da mata, que acredita em tudo que se conta! Como é que eu, com tanta fé em Deus, e na

Nossa Senhora, ia ter partes com o diabo!

"Seu" Joaquim benzeu-se e continuou, procurando controlar a voz, evitar que as palavras se escapassem às pressas de sua boca:

— Foi aí que vi que não podia mais feiar na mata. Bicho do mato ia morrer de fome lá fora. Como é triste a gente ser assim, pobre e sem família. Não tinha ninguém por mim. Arrumei a trouxa e vim mancando por esses caminhos. O que me valeu é que era verão e se eu passava mal durante o dia, com o sol querendo comer a gente, a dormida era boa, em qualquer lugar. Mas era quando eu sentia vontade de chorar. Chorei muito, mesmo, vendo as noites sempre tão bonitas, o céu tão lindo, cheio de estrelas, a lua clareando tudo... E eu sozinho, a perna mancando tanto...

Cheguei aqui quase não andando mais. Com a perna toda vermelha, numa inchação medonha, eu só fazia era me arrastar. Fui para o hospital, passei quase um mês lá. Melhorei, a perna desinchou mais, a vermelhidão desapareceu, mas a ferida nunca sarava. Quiseram me cortar o pé... Eu não quis... Velho, sozinho, doente, era melhor morrer logo... Sem sarar, mas me sentindo muito melhor, saí um dia do hospital. Andei sentado nas calçadas, cantando e pedindo esmolas para quem passava. Ninguém me conhecia. O Bicho do Mato morrera, só existia agora o velho Joaquim. Um dia, com o sol muito quente, parei neste largo. Gostei da sombra boa deste oitizeiro e cá fiquei. Todos foram tão bons para mim... Estava até feliz, sossegado e contente, não fosse essa molecada que descobriu ser eu o Bicho do Mato. Agora, já sei, não me deixam mais em paz...

Parou, tão triste que fazia dó e eu, com uma pena louca dele, arrisquei:

— Não ligue, Seu Joaquim. Criança é assim mesmo. Não faz isto por maldade, não. Não ligue e eles esqueçam, verá. Quanto maior importância lhes der, pior será...

— Não ligue? A senhora disse para não ligar? E pensa que eu posso? Vai ver como qualquer dia destes vão dizer que tenho partes com o demônio... Vão dizer, vai ver...

★

Pobre Bicho do Mato! Não teve mais sossego. Descompunha as crianças, brigava, corria atrás delas, jogava-lhes pedras sem nunca acertar o alvo, e o estribilho continuava, cada dia mais alto:

— Bicho do mato, pegado na arapuca!

Uma tarde, o barulho foi diferente. Primeiro a algazarra, gritos, correria e depois um silêncio súbito. Pressenti que algo de anormal aconteceria. Corri para a frente de casa. Mais adiante, do outro lado do largo, havia um ajuntamento. Com pena do velho Joaquim, temendo que o acontecido tivesse alguma ligação com ele, fui ver o que sucedera. O velhinho fôra atropelado por um automóvel. Estava muito ferido, caído no meio da rua. Recolhido pela ambulância, foi levado ao hospital, onde morreu, no mesmo dia, antes do anoitecer.

Pobre Bicho do Mato! Atormentado pela meninada, jogára, louco de raiva, uma pedra no meio das crianças. Por acaso, um menino foi atingido, botou as mãos na cabeça machucada e começou a gritar. Seu Joaquim escutou os gritos, viu o que fizera e esquecendo toda a raiva que sentia, ouvindo apenas a voz do seu coração bondoso, louco por crianças como era, correu para atender o menino ferido, que já estava cercado pelos amigos. Correu, apreensivo, e não reparou no carro que vinha em direção contrária. A velocidade do carro não era grande, mas não houve tempo de freiar. Seu Joaquim foi atingido, e, velho e fraco, não resistiu.

E o menino ferido, com um esparadrapo na testa, estava novamente no largo, na tarde seguinte, a jogar futebol com seus companheiros...

PELAS estradas do CÉU



ANDRÉ MAX

A que velocidade pode voar um ser humano?

Para obter resposta a essa pergunta, um repórter de uma revista americana, especialista em assuntos de aviação, procurou uma das maiores autoridades em negócios de aeronáutica, nos Estados Unidos — Mr. Hall L. Hibbard, criador e idealizador do famoso modelo P-38, do Constellation e do F-80, a jato.

— A que velocidade deseja voar? 50.000 milhas por hora? 100.000? Nós podemos desenhar um avião para isso, se o senhor quer se arriscar...

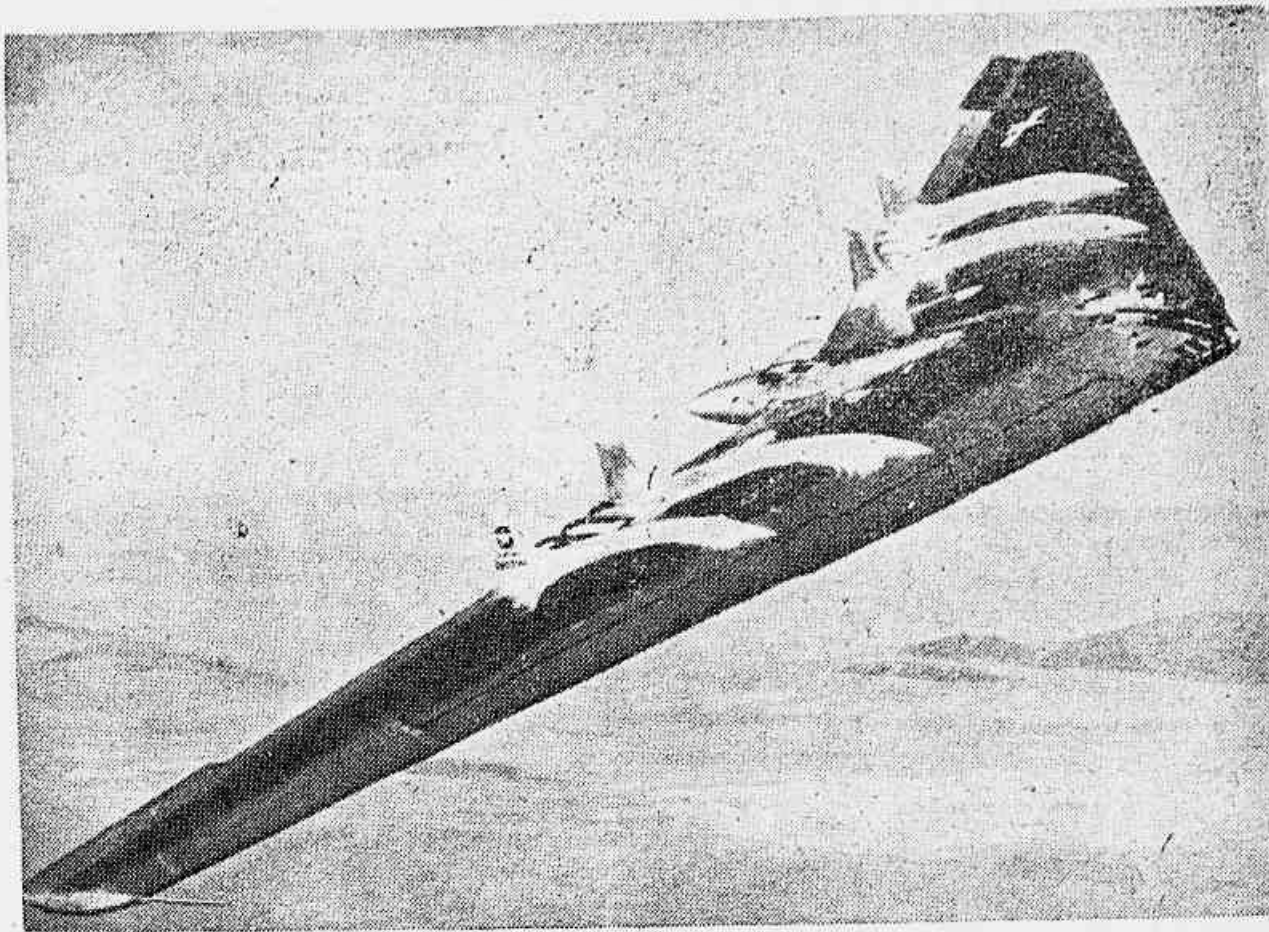
Na opinião de Mr. Hibbard — que diz coisas bastante estranhas e aparentemente desconexas — o termo "velocidade", como em geral a conhecem os homens, é medida apenas em função meramente objetiva. Ao viajarmos de trem, a sensação de vertiginosidade, é-nos proporcionada por uma avaliação comparativa, como, por exemplo, os postes telegráficos que voam através da vidraça da janela do comboio. Ou então, pelo velocímetro do automóvel, quando dele nos servimos.

— O homem começou a sentir a velocidade, gradativamente: primeiro, deixou para trás os campos; depois as cidades e agora... as nuvens. A sensação de quem voa a grandes velocidades é de um enorme peso, como se o próprio corpo tivesse aumentado subitamente de algumas dezenas de quilos. A esse fenômeno denominamos — "aceleração humana". Os técnicos, engenheiros e médicos especialistas, nas inúmeras observações feitas, conseguiram determinar o limite de "aceleração", para o homem-médio-comum; que corresponde a 8 G's, tomando-se por G o símbolo de uma fórmula complexa.

Todavia, nos dias de hoje grandes têm sido os melhoramentos e aperfeiçoamentos introduzidos nas modernas aeronaves que cruzam os céus de todo o Mundo. Os pesquisadores chegaram a resultados fantásticos, e hoje em dia praticamente já se pode anular os danosos efeitos para o ser humano, quando voa a velocidades que ultrapassam a do som, o que equivale a reduzir totalmente a sensação desagradável daquele peso excessivo, tornando possível uma "aceleração" de 5, 6 e 7 G's, com efeitos inócuos.

— O verdadeiro problema para se conseguir grandes velocidades não é propriamente a velocidade mesmo; nem o avião: e sim o ar.

De acordo com as teorias de Mr. Hibbard, a fricção é o único empecilho que, nos dias de hoje, vai sendo removido. Os modernos aparelhos a jato, das forças aéreas dos Estados Unidos, que desenvolvem velocidade de 600 a 700 milhas por hora, em virtude da fricção resultante, mantêm as paredes externas a uma temperatura superior a 60 graus Fahrenheit. Essa temperatura aumenta progressivamente em razão da velocidade, como é óbvio. Recentes experimentos constataram 400 graus, à velocidade de 1.500 milhas por hora!



A moderna asa voadora, sem cauda e sem fuselagem, considerada como o aparelho mais veloz do mundo

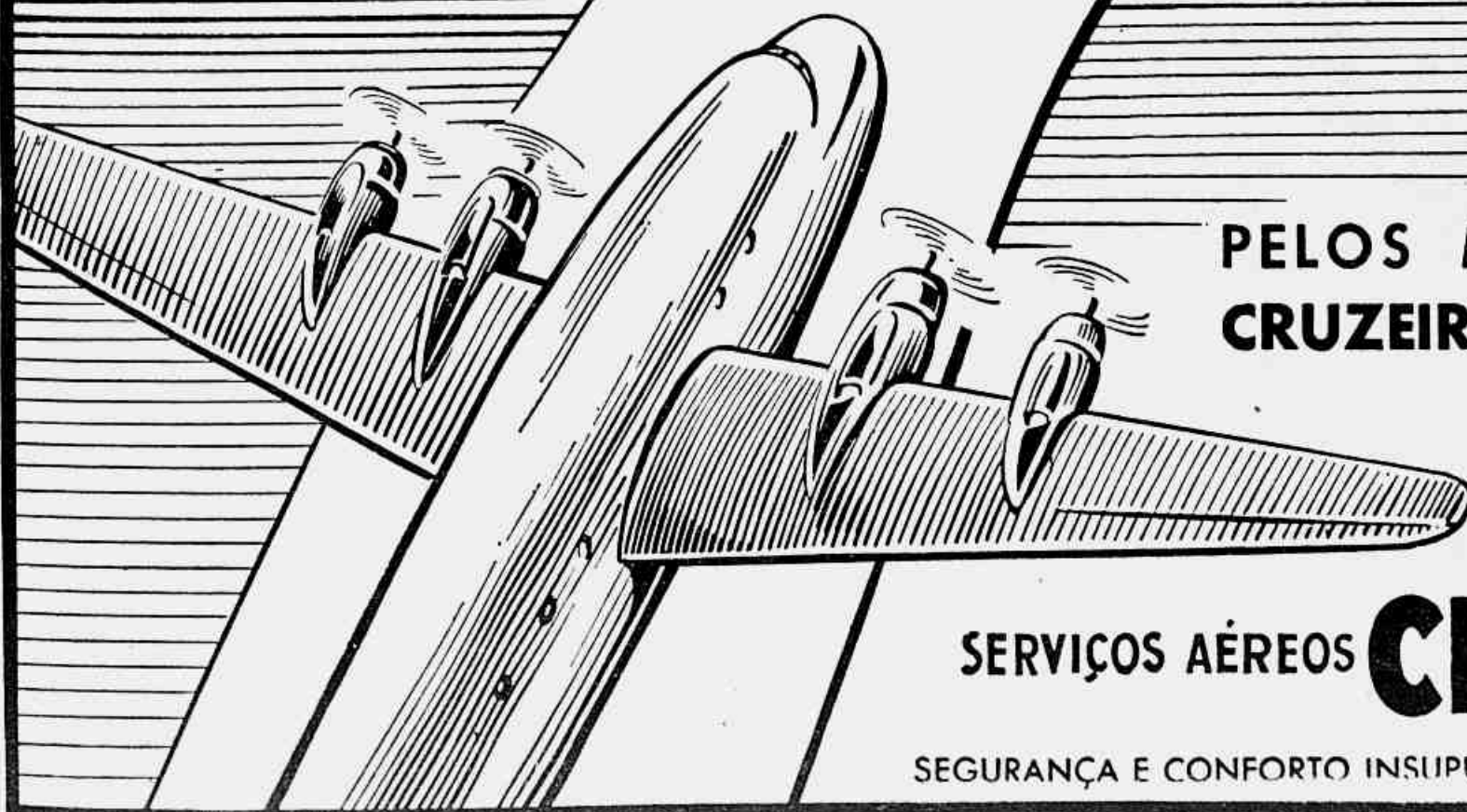
Os engenheiros ianques resolveram o primeiro problema, simplesmente pela instalação de um sistema refrigerador, nos aviões a jato. Impossível, entretanto, seria refrigerar o ambiente de 400 graus.

— Mas isso acontece — explica Mr. Hibbard — somente onde existe ar... Por isso, necessitamos voar onde esse elemento não apareça... É o que se está agora experimentando. Na altitude de 450 milhas é possível obter o que planejamos: Velocidades superiores a 1.500 milhas por hora.

Dêse modo, os vãos de 600 milhas por hora — fazendo o percurso Londres-Nova York, em cinco horas apenas, poderão muito bem ser realidade dentro em pouco. Utilizando-se aviões a jato, pois, para velocidades como essa, unicamente esses tipos de aviões podem resolver tal problema.

— Não existe para nós, engenheiros aeronáuticos, um limite propriamente dito para velocidade em aviões. — continua Mr. Hibbard. — Brevemente, o homem irá talvez conseguir o impossível: Escapar à força de gravidade! Já se tem como que definitivamente assentado, pelas experiências realizadas, com "robots" dirigidos, que voando a velocidade superior a 25.000 milhas por hora, torna-se completamente nula a atração da terra sob o objeto, o qual se projeta no espaço e fica gravitando em torno do Planeta.

Qualquer ponto do Mundo



PELOS MAGNIFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS

SERVIÇOS AÉREOS **CRUZEIRO DO SUL** LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060



*Gosto dos teus lábios assim...
com o novo baton Van Ess*

criado especialmente para a mulher brasileira!

Os lábios se tornam ainda mais sedutores e irresistíveis, quando realçados com o novo baton Van Ess — "Rose". Doçura inesquecível... Harmonia de cores... Van Ess é o baton perfeito! Acentue ainda mais a beleza dos seus lábios, com uma das lindas cores Van Ess.



Adquira hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL

GOLAS E ECHARPES



Estamos no outono e para o outono Paris, pelos seus mais famosos figurinistas, lançou estas novidades em material de golas e "echarpes". As primeiras adquiriram uma extraordinária importância, sofrendo ainda uma influência Diretório. Algumas são abertas atrás, outras com reversos que se duplicam ou triplicam, outras terminam em ponta um pouco além dos ombros. Quanto às "echarpes", ou se enrolam como um "cari", ou cobrem apenas um ombro, ou surgem sob uma gola, ou formam chaies ou pelerines. As idéas, como vêm são originais e variadas.

SEMPRE ELEGANTE

Alguns encantadores
modêlos de
Jeannette Mac
Donald

★

PARA a mulher verdadeiramente elegante, não há uma hora especial para a sua elegância. Em qualquer hora, em qualquer momento, ela está impecável. Jeannette MacDonald, a encantadora "star" da MGM, leva muito a sério o seu papel de mulher elegante. Aqui a temos em diversas fases. A direita: À tarde, para esperar seu espôso, o ator Gene Raymond, ela veste um modêlo em cetim cinza estampado, tom sobre tom. Em baixo, da esquerda para a direita: Pela manhã, ao se levantar, ela veste, sobre uma camisola de mousseline branca, um "robe" de jersey de lã cinzento, com guarnições de veludo verde. Um "tailleur" simples, com largos pespontos em tom contrastante é o seu traje favorito para pequenos passeios antes do almoço. Quando o jantar é fora de casa e de cerimônia, nada mais encantador do que um modêlo em mousseline branca, ornado de "paillettés".



MANHAS FRIAS



P RIMEIROS modelos, confortáveis e simples, que formam uma perfeita transição entre os leves e decotados modelos do verão e os primeiros trajes de inverno. São modelos fáceis de serem usados, que poderão ser aproveitados para outras ocasiões, desde que sejam acompanhados outros acessórios. Uma echarpe, um colar, um cinto ou um chapéu, farão a transformação, porém, a base sempre permanecerá e essa é a sua linha harmoniosa, as suas tonalidades suaves e a sua sobriedade, que constitui o reflexo de uma elegância e bom tom que são o apanágio da mulher "chic".



DE TRAVILLA

Travilla é um costureiro de Hollywood, famoso por suas criações originais. Atualmente, Travilla trabalha para a Warner Bros., vestindo as suas "estrelas" com as suas criações inéditas. Uma das suas favoritas é Dona Drake, sua própria esposa, para quem criou os modelos aqui apresentados. Trata-se de um "tailleur" cuja jaqueta é recortada, deixando aparecer um bom pedaço (sem alusão à Miss Drake), do corpo. Ei-lo sob dois aspectos. As duas outras criações são um "tailleur" esportivo e um vestido para a tarde, estilo japonês.

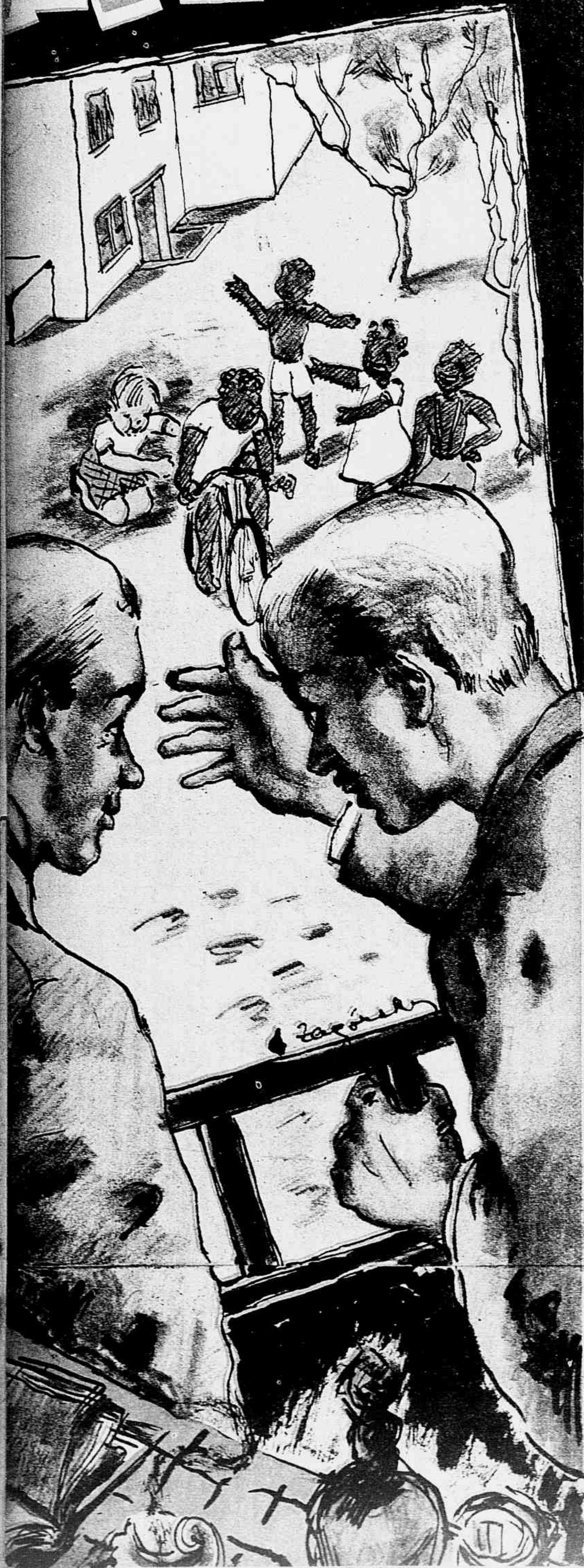


UM NOVO "TOQUE"

Um vestido preto ou marinho que você usou na temporada passada, poderá ser de muita utilidade nesta nova temporada, bastando, para isso que você lhe dê um novo "toque". Uma gola de "piqué" ou de organdi; novos punhos ou um "plastron", bastarão para lhe dar um aspecto diferente, e fazê-lo participar ativamente do seu novo guarda-roupa. As sugestões aqui apresentadas são de fácil realização.



O VELOCÍPEDE



— Ainda que eu tenha de roubar, filho meu não ha de empurrar velocípede! — Abel soltou a frase, involuntariamente.

— Que história de velocípede é essa? Hesitou. O conceito, há tanto tempo remoldo intimamente, viera à tona, escapara-se-lhe, não sabia como. A noiva, moça modesta, de alguma leitura, tentara contradizê-lo, quando, uma vez mais, maldizia a pobreza e seu cortêjo de humilhações.

— Deus, quando fez o pobre, estava de mau humor...

— Não fuja à minha pergunta, querido. Explique-me o que tem a ver a sua expressão anterior, com o que vi-nhamos discutindo.

Abel fitou o teto, como se procurasse, através do tempo, transportar-se aos dias de sua infância. Via um menino feio e triste, todo gula e desejos. Ah! quanto invejara os que podiam, junto ao carrinho de sorvete, fartar-se de picolé! Quantas vezes ficara, à porta do cinema, invejando a gente que entrava autogozando o filme de Tom Mix! Jamais conseguira realizar um único anseio. Nem mesmo em casa encontrara um consolo. A mãe, carregada de filhos, não tinha vagas para acariciar o seu infortunado Abel. Tinha mil e um afazeres. Levantava de madrugada, com as estrelas, tirava lenha do mato, baldeava água da cacimba, torrava e moía o café, lavava roupa, cozinhava, costurava, fazia pão... Como dispensar ao filho triste um minuto de carinho? O pai, frequentador assíduo dos botequins, amigo da cachaça, pouco votado ao trabalho, só se lembrava da prole para descomposturas e pancadaria!

Sempre que Abel comentava esse período de sua existência, Adélia procurava dar-lhe um lenitivo.

— A infância passou, o que foi, foi. Vivamos o dia de hoje, Abel.

Com seus beijos longos, apaixonados, tentava afastá-lo das duras reminiscências. Em vão. Não havia como arrancá-lo às amargas cogitações. Vivia escravidado às lembranças de sua meninice, não queria libertar-se, antes preferia, sadicamente, ferir-se, sangrar de dor e de ódio.

— Os homens são más, Adélia. Sofri muito, mas noventa por cento dê-se sofrimento devo-o à incompreensão de uns, à maldade de outros, à perversidade de quantos comigo conviveram. Ninguém tentou, como você faz agora, tardiamente, aliviar minhas mágoas, dar-me uma migalha de ventura. Fui objeto de chacotas, de risos, de jubações. Nunca encontrei um coração amigo, alguém que me entendesse, que se associasse aos meus sonhos, aos sonhos que, já nessa época, enchiam minha cabeça. Ninguém.

Suspirou, num desalento.

— Não negue que as coisas mudaram. Hoje você é considerado, desfruta excelente situação. E tem o meu amor, não basta?

Abel beijou-a, ternamente. E prosseguiu — Não nego. Mas tudo alcancei à custa de mil sacrifícios. Lutando contra a maré, contra tudo e contra todos. Nada me foi facilitado. E, se um dia puder cantar vitória, terá sido um triunfo, antes de tudo, sobre o ambiente hostil...

— E, com isso, meu caro, fico sem saber o que houve de tão importante no seu passado... Esse caso de empurrar velocípede...

Abel reclinou-se no sofá, respirou profundamente.

— Já que insiste...

Nunca tivera um brinquedo, e entendia por brinquedo o que se compra nos bazares ou o que se ganha de Papai Noel. Conhecera a bola de pano, feita de meias velhas, os boizinhos, que não eram outra coisa senão abóboras equilibradas sobre pedaços de pau roliço. As irmãs, coltadas, brincavam com truxinhas de pano, feitas de meter d'ó. Artigos de loja, entretanto, nunca os conhecera. Certa vez chorou horas a fio, por causa de uma gatinha de boca. Custava dez tostões — mas nem isso lhe deram. Quinze anos depois adquiriu, no Rio, numa casa de instrumentos musicais, uma vistosa "sanfoninha" em que passou a tocar, desesperadamente, sem conseguir ir além de alguns acordes isolados.

— Foi justamente quando eu tinha doze anos que o Zuza, filho de um negociante, abalou o lugarejo, exibindo o seu presente de Papai Noel. Era um veloci-

pede inglês, o assento de madeira, pintado de vermelho, guidões de metal cromado, banderinhas pendentes, lanterna, roda grande, com raios brancos — uma beleza!

Ficara largo tempo namorando o brinquedo. Acompanhava com os olhos as manobras do felizardo. Ah! Se o outro lhe permitisse andar um bocadinho, dar só uma voltinha!

Rogou, implorou — não adiantou. Zuza era egoísta. Bolas! Cada qual como Deus botou no mundo. Quem não tivesse com quê, que se amolasse!

Ficara amargurado, preso às grades do jardim da casa do comerciante, mesmo depois que o menino se recolhera, levando a preciosa dádiva.

A noite sonhou com o velocípede. E, logo de manhãzinha, colou-se ao gradil, à espera. Zuza não tardou. Surgiu pedalando, eufórico. Abel não pediu mais. Ficou olhando, olhando, as lágrimas es-correndo pelos cantos dos olhos.

— Acabou-se a história?

— Não. Fiz uma pausa para concentrar-me melhor na tortura daqueles dias. Sim, porque durante semanas o Zuza brincou e eu espiei. Até que mudaram para o lugarejo dois meninos, filhos de um médico. Também tinham velocípedes. Cêdo fizeram amizade com o filho do negociante e combinaram um passeio pela estrada de rodagem. Saíram à tardinha, cada qual em sua máquina — que é como chamavam os brinquedos. Seguiu-os uma malta de pobretões, entre estes, eu. Tudo correu muito bem, a princípio. Mas logo os garotos se cansaram. A estrada era arenosa, tornava-se difícil mover os veículos só com os pedais. Foi então que Zuza me convidou para empurrar o seu velocípede, com a promessa de que, no regresso, me deixaria andar à vontade. Ajoelhei-me na areia, ferindo os joelhos, arquejando, sufocado pelo pó dos caminhos. Fui assim por mais de dois quilômetros de rodovia, exausto com o peso do Zuza, que era duas vezes mais gordo que eu. Alguns meninos quiseram ajudar-me, mas não permiti que o fizessem, temendo que Zuza visse nisso um pretexto para não cumprir o prometido.

— E no regresso você fartou-se de pedalar, não foi?

— Santa ingenuidade! Ao chegarmos demos com os pais dos meninos ricos — o médico e o negociante — aflitos com o desaparecimento deles. Como castigo foram privados de andar de velocípedes por muito tempo. Fiquei aguardando que Zuza, afinal, surgisse com o seu brinquedo, o que de fato aconteceu, pela época de São João. Nunca pensei que tão cedo esquecesse o prometido. A verdade é que desconversou, disse que não podia deixar-me andar no velocípede, porque o "velho" renovaria a proibição... Como vê, o pobre sempre leva a pior. Só eu sei o que representava para mim uma voltinha de velocípede, naqueles dias... Só eu sei... Mas jurei de mim para comigo que, se um dia casasse e tivesse um filho, este nunca haveria de empurrar velocípede, ainda que para tanto eu tivesse que roubar.

Abel calou-se, enquanto Adélia lhe acariciava as mãos, entre sorridente e contristada.

★

Mercê de sua força de vontade, da ferrea determinação de "vencer na vida", Abel conseguiu ter de sobra, na idade adulta, o que lhe faltara na meninice. Tornou-se sócio da firma, fez-se respeitado e querido. Prosperou. Incluiu-se entre os proprietários. Adquiriu um palacete em Copacabana, um automóvel de luxo.

A esposa vivia triste. A natureza negára ao casal o direito de ter filhos. Assim, pelo menos, pensavam. Abel via esvair-se a oportunidade de dar a um seu descendente todas as pequeninas e grandes coisas que ambicionara em sua infância.

Adélia às vezes gracejava:

— Filho meu não empurra velocípede...

— Pois se há de ser pobre e ser humilhado, que deixe de nascer. Ficará melhor onde está.

Adélia agastava-se.

— Não blasfeme, Abelzinho. Olhe que ha muitos pobres felizes. Mais felizes que nos

(Continua na pag. 43)

NUDISMO

M. MERCEDES SANTOS

NÃO será incoerente afirmar que, atualmente, estamos vivendo uma época de lamentáveis aspectos, no tocante à moda feminina. Entretanto, se certas mulheres brasileiras não fossem uma "cópia" mal feita de tudo que nos envia o estrangeiro, teríamos, sem dúvida alguma, nos setores das mais variadas atividades, um conceito mais digno e elevado perante o homem. Não deixa, no entanto, de ser francamente constrangedora essa situação aflitiva, para a qual concorre a própria mulher. Devemos contudo admitir que a mentalidade da mulher brasileira, ainda não está devidamente preparada para conquistar a sua emancipação e, muito menos, para assumir o papel de colaboradora ao lado do homem, em todas as tarefas da vida atual; pois, se assim não o fosse, a maioria delas não confundiriam tão desastrosamente a palavra "colaboradora" com "competidora" e não se sentiriam, é lógico, umas desajustadas nos ambientes em que vivem e trabalham.

Todavia, o interessante, agora não é, evidentemente, focalizar as inúmeras outras razões a que estas criaturas se apegam para assim proceder. Comentarei, portanto, os trajes "revolucionários" que o verão "existencialista" impôs à muitas delas. Chegando mesmo a culminar no desprestígio total de tantas mulheres sensatas e que jamais concordariam em andarem desnudas, pelo centro da cidade. Sou de opinião que, por um sentimento de proteção a nós mesmas, devemos abominar esta moda tão ridícula. Serão, justos os espetáculos deploráveis que, sem nenhuma providência mais séria — a não ser a repulsa veemente de alguns homens de péjo — somos obrigados a presenciar diariamente, oferecidos por um grande número de jovens e senhoras, que se sentem com o direito de transitar semi-nuas, não nas praias, mas, pelas principais artérias da nossa metrópole? Não, não é admissível! Contudo, poderíamos continuar indiferentes, se elas, quando usassem tais vestidos, não provocasse por onde andassem, escândalos, vexames e atropelos...

Esta semana mesmo vi duas senhoritas tostadinhas do sol e pouco faltando para estarem despidas, fazendo compras na rua Gonçalves Dias. Resultado: um grupo de rapazes começou a segui-las, cada um dizendo o que lhe vinha na cabeça; um mesmo teve a coragem de pretender desatar o lacinho da minúscula peça que protegia os seios de uma delas e, como era de esperar, a atitude impensada do rapaz acarretou sérios aborrecimentos. A jovem ofendida deu-lhe uma bofetada no rosto e perguntou-lhe como se nada houvesse acontecido:

— Escuta, engraçadinho, a sua mãe não costuma usar vestido d'êste modelo?

A resposta do moço interrogado foi simplesmente a retribuição da bofetada. E, ato contínuo... Deus do céu, que horror! Gritos ecoaram, troca de palavras, trânsito impedido, correrias e finalmente a intervenção de um carro da rádio patrulha.

Depois que as duas jovens, banhadas em lágrimas, romperam a multidão de curiosos e protegidas por um soldado da P.E., entraram numa casa comercial, permaneci ainda longo tempo nas proximidades do local que fora palco de tão lamentável cena. Verdaderamente admirável, era a quantidade de versões que cada um dos presentes procurava dar ao caso, quando, alguém que de nada sabia, lhes perguntava: — Que aconteceu, heim?

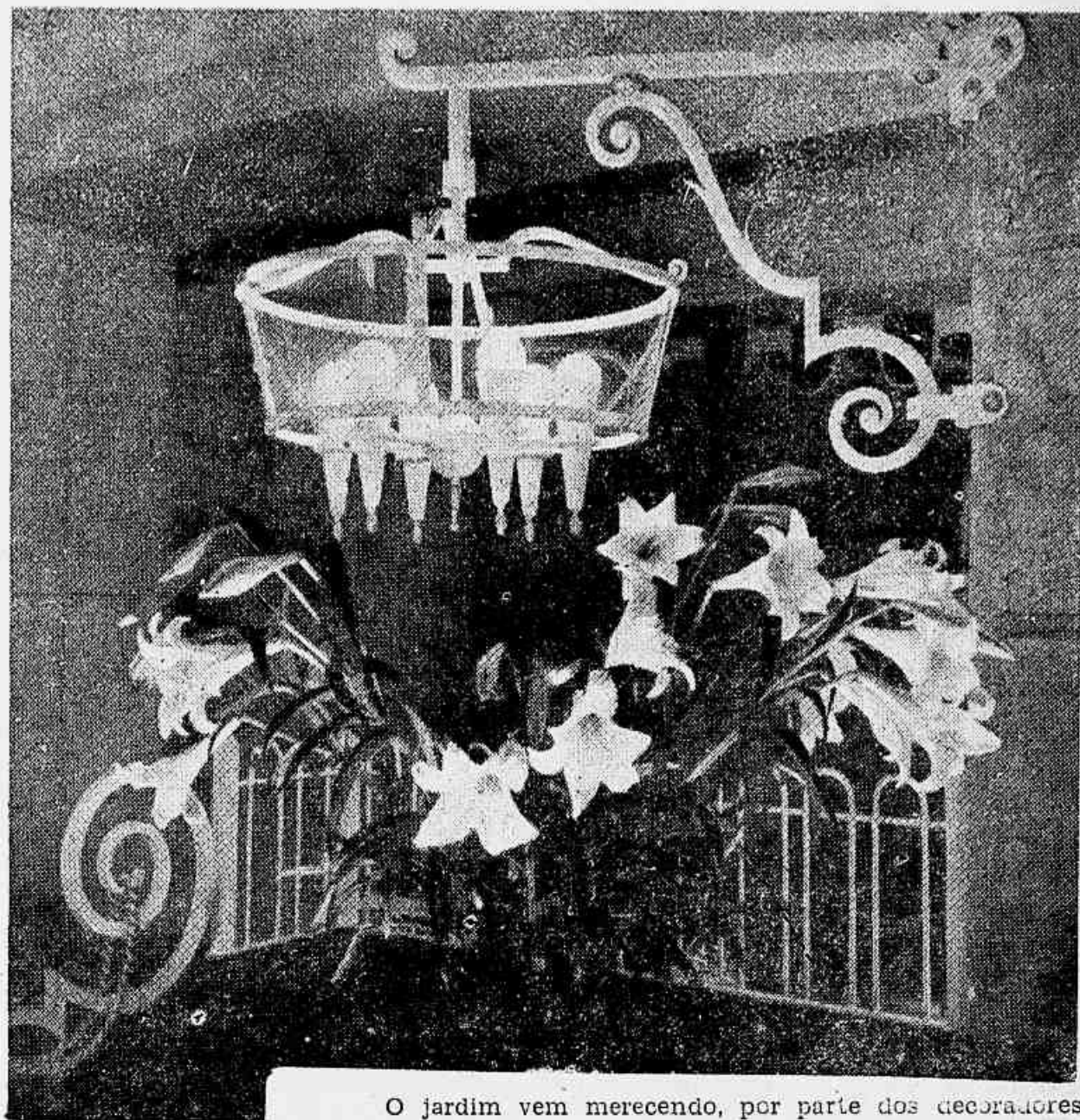
Uns respondiam logo: — Eu não cheguei a vêr, mas dizem que foi um rapaz que despiu uma moça no meio da rua.

Outros eram mais excêntricos e incisivos nas respostas e diziam assim: — Não, não foi nada! Apenas duas mulheres que usavam "shorts" de matéria plástica. Contudo, somos pouco civilizados e não perdemos tempo em cometer bobagens.

Os mais exaltados se expressavam desta maneira: — Ora essa! Que importa que as mulheres tenham ou não vontade de andar despidas na rua! Viva Sartre, que compreende isto, melhor do que ninguém.

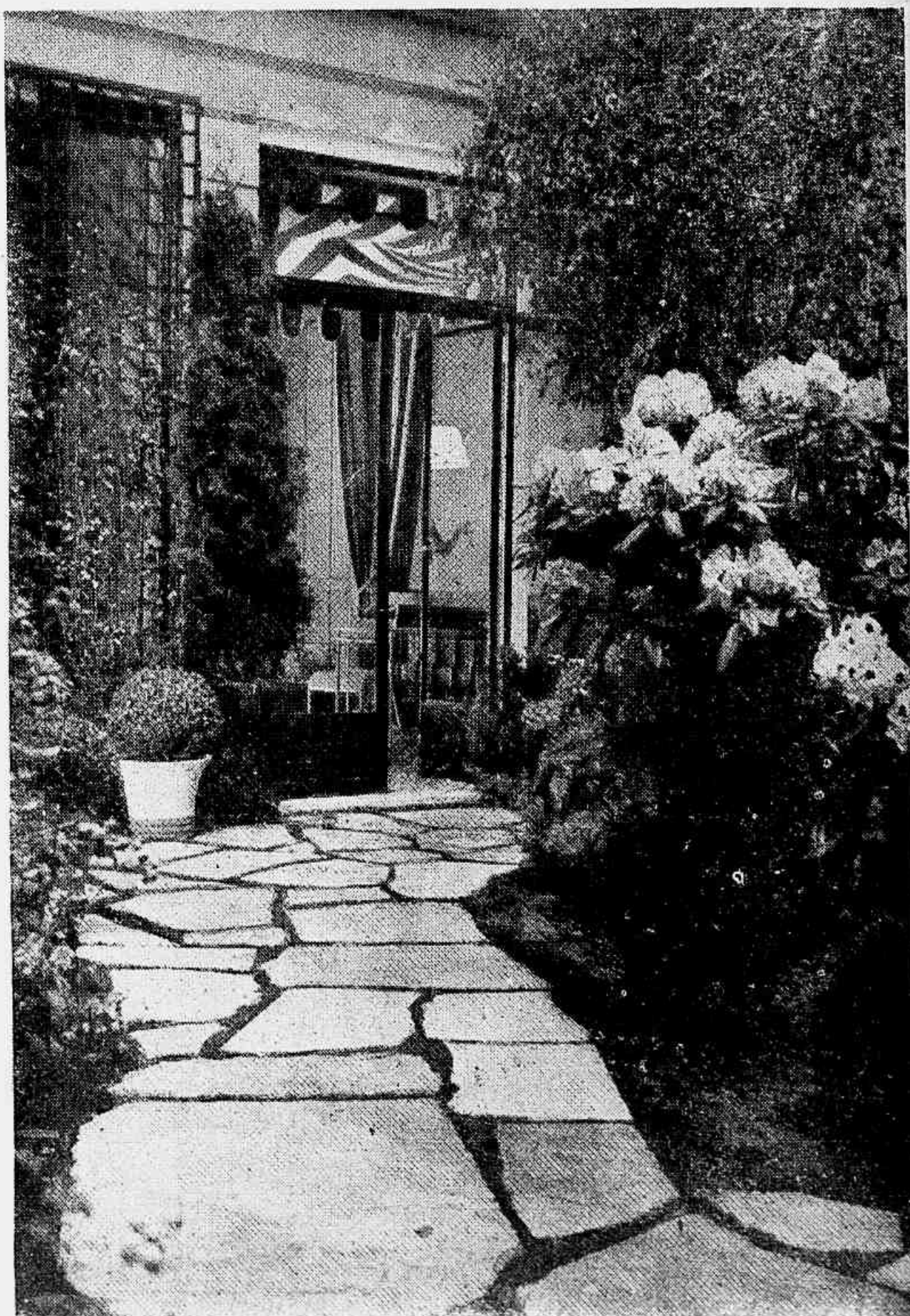
Houve até quem disse que a mulher brasileira já não possui acanhamento e que a cidade devia ser melhor policiada, a fim de acabar com estes abusos. Inegavelmente esta é uma grande e dolorosa verdade, mas convenhamos que não é possível que todas paguem pelos erros de um punhado. Todavia, por que esta desconsideração aos princípios das famílias brasileiras? E, por que razão devemos aceitar estes despropósitos? Acredito que estas seriam perguntas que somente a polícia de costumes poderia responder. Afinal de contas, o "nudismo" reinante nas ruas da cidade não deixa de constituir um verdadeiro atentado à ordem e à moral pública. É estranhável — chocante, seria melhor classificar — que, até nos recintos sagrados, estas criaturas tenham a lamentável coragem de penetrar em trajes tão absurdos, sendo necessário, para evitar que elas continuem com tamanho acinte, avisos à entrada dos templos, com estes dizeres: "Senhoras e senhoritas, por favor, se estiverem imodestamente vestidas não entrem nesta igreja".

É este, o desalentador panorama social que nos sugere a excessiva liberdade com que se vestem algumas mulheres dos nossos dias...



O jardim vem merecendo, por parte dos decoradores franceses uma importância extraordinária. E tão grande essa importância que quando não existe um jardim, ele é criado dentro do próprio apartamento, como aliás aqui vemos. O muro, com a sua pintura e o seu balaustre, o seu chão em pedrinhas miúdas, os seus vazinhos circundando o "abat-jour", fazem-nos pensar num jardim verdadeiro. Também a balaustrada e lanterna mostradas aqui, foram criados para ornar um jardim artificial. O único jardim verdadeiro é o que tem uma estrada de largas lages que dá diretamente para o "hall" da casa.

INTERIORES





O Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado comemorou no dia 9 deste mês o segundo aniversário de administração do Dr. Alcides Vieira Carneiro. As solenidades, que transcorreram num ambiente de júbilo e cordialidade, tiveram um cunho de alta significação social, cumprindo assinalar a inauguração de vários serviços médico-hospitais, na sede da Autarquia e no Hospital dos Servidores do Estado, e a justa homenagem prestada ao operoso Presidente Alcides Carneiro por amigos e admiradores de sua brilhante cultura e invulgar capacidade de trabalho, graças as quais aquela instituição de previdência social teve assegurado o notável desenvolvimento que hoje se constata em todos os seus variados setores.

Dando início às cerimônias comemorativas, foram inaugurados no Departamento de Assistência do IPASE, que funciona no edifício-sede da Autarquia, à rua Pedro Lessa, 27, os melhoramentos de grande vulto ali efetuados como as ampliações do Laboratório de Análises Clínicas e da Seção de Manipulação e Farmácia. Depois do ato inaugural, foi o Dr. Alcides Carneiro saudado pelos Drs. Paulo Góis e Gennysson Amado, os quais fizeram entrega a S.S. dos relatórios referentes às atividades dos serviços que dirigem.

Em seguida, o Dr. Alcides Carneiro dirigiu-se para o Hospital dos Servidores do Estado, onde, depois da missa celebrada em ação de graças na Capela do grande nosocômio, ato este muito concorrido, foram inaugurados no andar térreo 5 novos ambulatórios de clínica cirúrgica para homens, e no segundo pavimento 5 ambulatórios de clínica dermatossifiligráfica. Coroando a cerimônia, os funcionários do H. S. E. ofertaram ao Presidente Alcides Carneiro e ao Dr. Raymundo de Brito, diretor do Hospital, duas placas com inscrições alusivas à data.

Encerradas as comemorações no H. S. E., o Presidente Alcides Carneiro voltou ao edifício-sede do IPASE, onde, perante grande assistência que superlotava o auditório,

Flagrante colhido no momento em que falava o Dr. Alcides Carneiro, tendo a seu lado o Senador Nereu Ramos, Vice-Presidente da República

DOIS ANOS DE INTENSO E FECUNDO LABOR



Aspecto da mesa que presidiu a cerimônia, vendo-se o Dr. Bollvar Martins Pereira quando discursava em nome dos funcionários do IPASE

tiveram início as homenagens que lhe prestaram o funcionalismo, amigos e admiradores que levaram ao emérito administrador sinceras felicitações pelo êxito alcançado em dois anos de gestão profícua e honesta.

Compareceram a esta solenidade o Dr. Paulo Lira Sub-chefe da Casa Civil da Presidência da República e representante de S. Excia. o Presidente Eurico Gaspar Dutra; o Dr. Nereu Ramos, Vice-Presidente da República; Dr. Gilson Amado, representante do Ministro da Educação e Saúde; Dr. Herbert Moses, Presidente da A. B. I.; Ministros, Senadores e Deputados, Presidentes de Autarquias, elementos de destaque nos altos setores da Administração Pública, todos os Diretores e Chefes de Serviço do I. P. A. S. E., elementos de relêvo da colônia paraibana nesta capital, jornalistas e muitas outras pessoas gradas.

Discursou, em primeiro lugar, o Dr. Bolívar Martins Pereira em nome dos funcionários da Autarquia que levou ao Dr. Alcides Carneiro a palavra de gratidão de seus colegas, e terminou sua oração oferecendo ao Presidente um album ricamente encadernado, sobre o qual via-se uma artística placa de ouro com os seguintes dizeres:

"Ao benemérito Presidente do IPASE Dr. Alcides Vieira Carneiro, homenagem dos Servidores deste Instituto. Em 9-4-1949".

Na primeira folha do album, o qual contém mais de mil assinaturas de funcionários, lia-se a legenda:

"Excelentíssimo Senhor Doutor Alcides Vieira Carneiro.

Ao transcorrer, nesta data, o segundo aniversário da presidência de Vossa Excelência neste Instituto, os servidores do IPASE, reconhecidos à grande e benemérita obra aqui realizada, vêm prestar-lhe a homenagem de que se fez credor, pelos altos dotes do coração e da inteligência, pela riqueza do carácter e pelo acendrado espírito de justiça, numa prova eloquente de entusiasmo e crença no porvir do Brasil, que pode contar com homens de tão altas virtudes



O Dr. Bolívar Martins Pereira fazendo entrega ao Presidente Alcides Carneiro de um album contendo assinaturas dos funcionários do IPASE

IPASE, em 9 de Abril de 1949"

Em seguida usaram da palavra os Srs. Lourival Cruz e Dr. Francisco Baldessarini, este em nome dos colegas do Ministério Público, enaltecendo o trabalho edificante

do homenageado, tendo falado, a seguir, o Deputado Samuel Duarte.

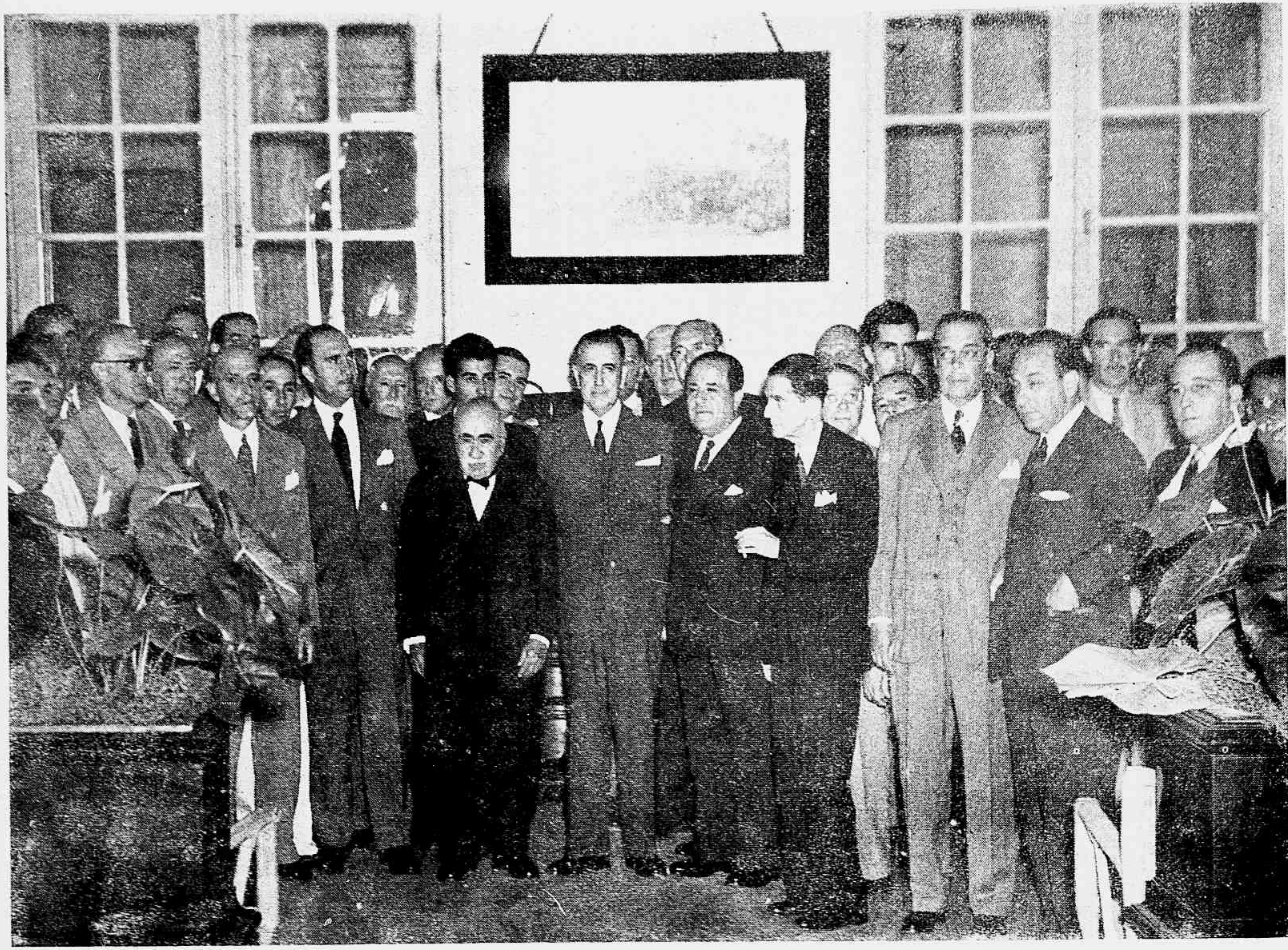
Encerrando a solenidade o Dr. Alcides Carneiro, em vibrante oração, agradeceu as provas de afeto pessoal e solidarieda-

de tributadas à sua pessoa e à sua obra, tendo sido, ao terminar, aplaudido entusiasmamente.

Ilustram esta notícia as fotografias colhidas pela reportagem da REVISTA DA SEMANA



Aspecto parcial da numerosa e seleta assistência que superlotou o auditório do Instituto



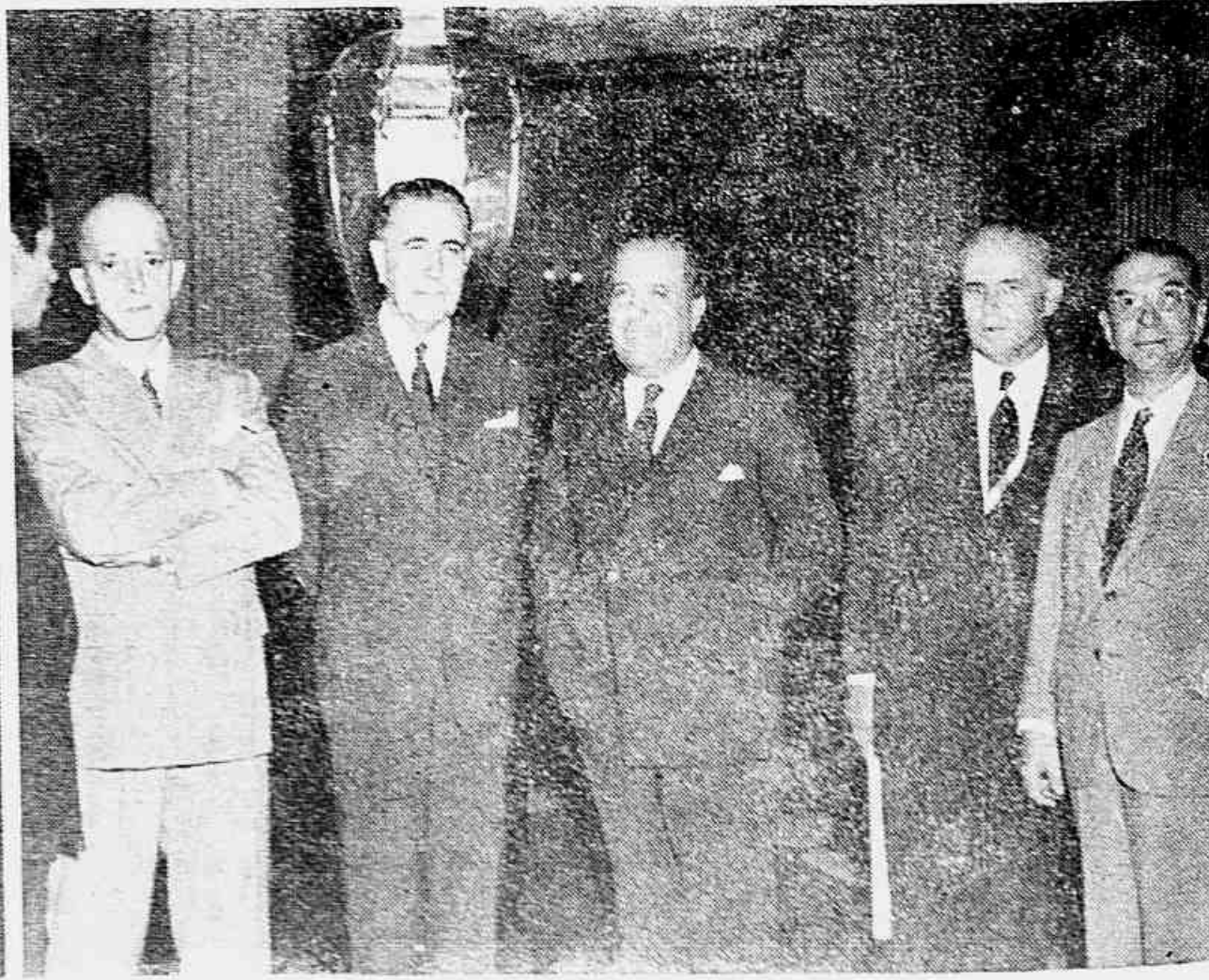
Após o "cock-tail", todos os presentes posaram para a reportagem fotográfica dos jornais e revistas homenageados, vendo-se ao centro do numeroso grupo o Presidente João Borges Filho, ladeado pelos Srs. Brio Filho e Rubens Antunes Maciel

JOCKEY CLUB MUNDANO

Na véspera de sua recente partida para a Europa, o Dr. João Borges Filho, Ilustre Presidente reeleito do Jockey Club Brasileiro, quis, num gesto de requintada distinção, prestar expressiva homenagem aos seus numerosos amigos e à Imprensa carioca, oferecendo-lhes um "cock-tail" de despedida, durante o qual foram trocadas saudações efusi-

vas entre o homenageante e os homenageados, tendo decorrido a reunião num ambiente de perfeita cordialidade e alto cunho social.

Os aspectos fotográficos desta página foram colhidos pela nossa reportagem durante o "cock-tail".



A' esquerda: Nesta foto aparecem, em primeiro plano, a partir da esquerda, os Srs. Manuel Pereira de Araújo Freitas, Diretor-Tesoureiro do Jockey Club; Francisco Eduardo de Paula Machado, Manoel Costa, Diretor de Corridos do Jockey Club de São Paulo e Dr. João Borges Filho. A' direita: Neste grupo vêem-se, da esquerda para a direita: Srs. Julio Moura, Dr. João Borges Filho, Rubens Antunes Maciel, vice-Presidente do Jockey Club Brasileiro, Alonzo Soares Dutra e Sebastião do Brito.

O VELOCÍPEDE

(Cont. da pág. 42)

Abel ouvia e calava. Sim, aos pobres Deus recusava filhos. Dava-os aos montes. Ao passo que em seu lar, onde caberiam dez, ele e a esposa viviam, isolados, essa vida triste e sem graça dos casais sem filhos.

Nos fundos moravam os caseiros. Maria, preta retinta, mas cozinheira de mão cheia; Anacleto, o marido, jardineiro, e a filha. Sete negrinhos, semi-nus, gordos, risonhos. O maior tinha dez anos, o menor era de peito.

Adélia invejava os serviços.

— Quem sabe se a cegonha não erra o caminho e, em vez de entrar pelos fundos, escolherá a porta da frente?!

Concentrava todos os seus desejos na ave, esperançosa de que ela, um dia lhe batesse à porta, e trouxesse um nenem gordo, rosado, lindo como sonham todas as futuras mães.

★

O erro se verificou. Ou, melhor, a cegonha resolveu visitar, de uma feita, os dois casais. Deixou mais um negrinho com os caseiros — e um garoto robusto, chorão, voraz, afogado em rendas e babados, no palacete. A felicidade tornou-se completa para Adélia e Abel. Os vagidos do recém-nascido trouxeram ao coração de pai uma alegria e uma responsabilidade. Ali estava um ser pequeno e indefeso, a quem devia proteger, amparar.

Abel foi amoroso e dedicado. Diariamente levava brinquedos para o filho. Um chocinho, um animalzinho de borraça, com assobio, um boneco...

— Que exagêro, querido. Você quer trazer a loja para a casa?

— Deixe-me dar-lhe tudo o que não tive...

Quando o guri completou um ano, Abel encomendou algo monumental... Os entregadores surgiram com um pacote enorme, e qual não foi a surpresa de Adélia, ao ver sair de dentro dele um vistoso velocípede!

— Extravagância! Ele nem sabe andar e você já traz isso?

— E por que não? Filho meu há de ser precoce. Com ano e pouco vai pedalar. Com três saberá ler. Com sete, diploma de Grupo. E com treze, médico, ou advogado.

Riu com prazer. Adélia também riu, mas no fundo ficou meditando em como o marido vivia, ainda, atado ao fardo de sua infeliz meninice. Aquêlo velocípede tinha muito de comum com outro, um que certo negociante, muitos anos antes, dera de presente ao filho afortunado, num lugarejo do interior...

Abel exultava.

— Estão vendo? Já anda. Já se equilibra. Já faz curvas. E não cai.

Regalava-se, mirando o bichinho que, desajeitadamente, ia impelindo o velocípede, socorrido amiúde pelos pretinhos solícitos.

Durante meses Abel embeveceu-se na contemplação do seu rebento, mimado, endeusado pelos negrinhos, que tudo faziam por agradar ao menino branco.

★

— Então é essa a tal história de que me falou Adélia?

— Exatamente.

O cunhado, recém-chegado da Europa, ouvira tudo com a maior atenção.

— Você vai longe, Abel. É esforçado. Logo estará milionário. E bem merece.

— Foi a luta...

— E'. Ninguém nega que você foi um autêntico batalhador. Venceu. E tudo tem sua origem remota numa questão de velocípede, hein?

Aproximaram-se da janela. Fitaram a paisagem distante. Os morros batidos de sol, o mar revolto, um navio baforando sobre as ondas.

Pouco durou o enlévo. Em baixo, uma gritaria infernal arrancou-os ao sortilégio do cenário deslumbrante. Ia uma algazarra dos demônios no jardim. Um pretinho equilibrava-se com dificuldade, tentando alcançar os pedais. Os irmãos gargalhavam, gritavam, batiam palmas. E o menino branco, num esforço hercúleo, ajoelhado no cimento, empurrava o velocípede, tendo na face um brilho de vitória, sem compreender o olhar desesperado do pai...

A VIDA DE HUXLEY

(Continuação da pág. 14)

raposa?... Ou será obrigado a uivar e arrastar-se de quatro patas só porque... já foi um lobo?"

Reuniu os seus argumentos e publicou-os em um volume — *O Lugar do Homem na Natureza* — que veio servir de desafiador suplemento à *Origem das Espécies* de Darwin. Pessoalmente, Darwin era um tímido anacoreta sem inclinação para as disputas públicas. Escrevera um livro sobre a abstrusa teoria fisiológica da transmutação das espécies — um tratado científico que, segundo esperava, não teria destino mais sensacional que o de um honroso sepultamento no pó de uma biblioteca paleontológica, em companhia de outros mortos gloriosos e inofensivos. Ficou espantado e alarmado quando viu o furor que causara. E então surgiu esse fiel buldogue para protegê-lo da ira dos adversários. Foi com alívio que Darwin encontrou um homem, não só capaz de compreendê-lo, mas disposto a combater por ele.

Pois Darwin não era um lutador. Não tivera a intenção de arvorar-se em iconoclasta. Andava muito absorvido no zumbir dos seus insetos para ouvir o roncar do trovão que suas novas idéias produziram. Mas agora que a tempestade se desencadeara em toda a sua fúria, era com prazer que ele passava adiante, deixando o campo aos que tinham mais ânimo para lutar.

IV

Em todas as suas pugnâncias, Huxley tinha dignos companheiros de armas. Pertencia ao Club X — um grupo de "cavalheiros assassinos dos preconceitos alheios". Reuniam-se uma vez por mês. Na véspera da reunião o secretário enviava a cada membro um simples aviso num cartão postal — X, mais a data da reunião. Anualmente, no verão, realizava-se um piquenique, e pedia-se aos sócios que levassem suas mulheres. O cartão de convite para esse acontecimento rezava: "X's + Y's". Embora essas reuniões fossem estritamente incriminadas, "apenas um grupo de amigos que não queriam perder-se de vista", constituíam, sem embargo, toda uma plêiade de notabilidades. Cinco dos membros receberam a Medalha Real, três a Copley, um a Rumford. Seis foram presidentes da Associação Britânica, e três, presidentes da Real Sociedade.

Foi numa reunião do Club X que Huxley cunhou a palavra definidora da sua atitude ante a religião. "Neste clube", observara um dos sócios, "quase todos somos ateus. Sabemos que não existe Deus". Ao que Huxley retrucou: "Quanto a mim, sou apenas um agnóstico. Não sei". Era antes um descrente passivo que um incrêdo ativo — um dissidente, mas não um desertor dos princípios da igreja. "Fui providencialmente salvo de uma vida de pecado", observou ele comicamente certa vez, "por três fatores não ortodoxos — Carlyle, a Ciência e o Amor. A filosofia de Carlyle ensinou-me que um senso religioso profundo é perfeitamente compatível com a completa ausência de teologia. A Ciência me proporcionou o arrimo da autoridade sem o dogma. O Amor me revelou a santidade da natureza humana.

Sentia que não precisava de mais baluartes contra as vicissitudes deste mundo ou do outro — "se realmente existe outro mundo". Não se lhe dava que o povo o chamasse herege, infiel, e outras coisas desagradáveis. Sabia que, de acordo com a lei inglesa, a palavra de um gatinho que jurasse sobre a Bíblia valeria mais que a dele. Mas mantinha-se fiel às suas convicções honestas. "A paixão de Huxley", disse Herbert Spencer, "não é somente a verdade, mas algo muito mais raro: a sinceridade".

Sua religião era um ceticismo sincero — uma dúvida construtiva, não destrutiva. Sua atitude diante da vida era a de um poeta-cientista. A verdade é sabedoria mais beleza. "Ensina palavras de sabedoria a uma criança — isso é moralidade; ensina-lhe palavras de sabedoria e beleza — isso é religião".

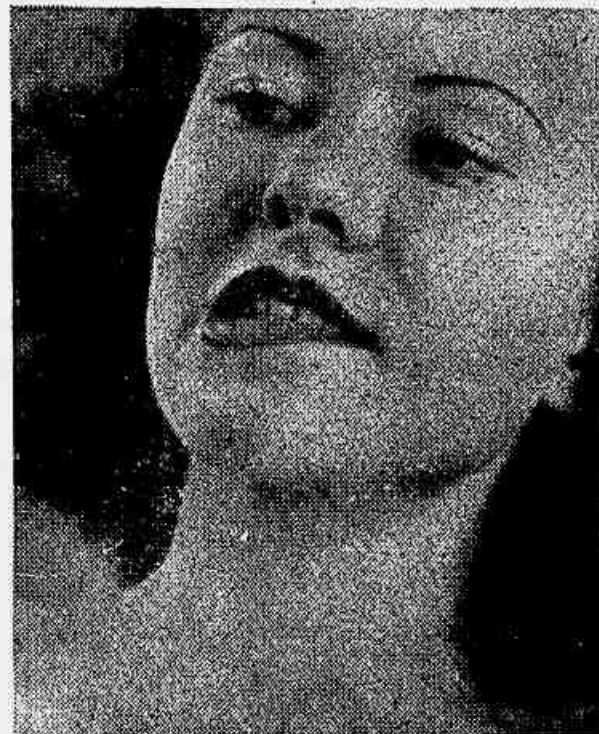
V

"Ensinar palavras de sabedoria e beleza a uma criança". Foi esse o objetivo máximo da vida de Huxley. Em 1870, graças aos esforços de Huxley e outros espíritos de pioneiros, o Parlamento Britânico pro-

(Continua na pág. 50)

* Y's pronuncia-se como "wives", esposas — N. T.

TREJEITOS QUE ENFEIAM



Fazer "caretas" prejudica a beleza. Muitos já têm dito isso mas muitas ainda são as pessoas que não sabem falar sem trejeitos e caretas que nada têm de gracioso e ainda contribuem para a vinda precoce de rugas, "pés de galinha", etc. Há pessoas ainda novas com a testa e os cantos dos olhos e da boca sulcados de rugas, consequência apenas da maneira errada de falar, empregando, para entusiasmar a "platéia", talvez, os músculos da face. Pensam certamente que a expressão do rosto ajuda a convencer, mas esquecem que expressão não é "carenta" e sim qualquer coisa que aparece no olhar ou ligeiramente no canto da boca. Isto de muchochos, bocas torcidas e testas que se enrugam, só servem para uma coisa: marcar o rosto, envelhecendo-o prematuramente. Procure se observar num espelho quando fala e, se você costuma usar alguma dessas "expressões", trate logo de se corrigir, porque está atentando contra a sua própria beleza.

★



ate João

ambiente

durante o

Eduardo
direita:

O SEGUNDO FILHO

De ANAMARIA CELIA

O nascimento do segundo filho, quando o mais velho ainda é de pouca idade, pode, às vezes, se tornar um problema sério, capaz mesmo de afetar o caráter e a sensibilidade do primeiro. E' nessa ocasião que se torna necessário, por parte dos pais, o emprego de toda a sua habilidade e de todo o seu amor, para demonstrar ao mais velho que seu lugar ainda é o mesmo e que ele continua merecendo o mesmo carinho e a mesma

atenção. Não tendo sido prévia e conveniente preparada, a criança receberá mal o irmãozinho, demonstrando um ciúme que muitas vezes se traduzirá até em violências contra o pequenino. Um erro muito comum é observado quando os pais, com a chegada do segundo filho, retiram o primeiro do quarto, para dar lugar ao segundo. Naturalmente ele ficará triste, ressentido e cheio de ciúmes; isto, porém, não aconteceria se ele tivesse sido retirado do quarto dos pais com alguns meses de antecedência, dando-se ao fato um aspecto de independência. Aí, ele não consideraria o menor como um usurpador, mas como um ser inferior que precisasse de proteção. No início, seria até vantajoso que ele pensasse dessa forma, porém, mais tarde, tornar-se-ia necessário corrigi-lo, fazendo com que compreendesse que ambos estão no mesmo plano em relação ao amor dos pais. Algumas vezes, a criança revela, logo no início, curiosidade e interesse pelo recém-nascido, mas esses dois sentimentos desaparecem logo quando percebe que é o outro quem recebe as maiores atenções. Procurará, então, por todos os meios, reconquistar o terreno; assumirá, para com o pequenino uma atitude agressiva e com os pais uma atitude regressiva. Querirá, por exemplo, ser alimentado pela mãe; falará como um bebê, chorará para que o carreguem ao colo. Com isto, procurará demonstrar que também é pequenino e merecedor, portanto, das mesmas atenções. Nesse caso, os pais precisariam ser hábeis e nunca violentos; nunca deixariam que ele compreendesse que o seu "plano" havia sido descoberto. Aos poucos poderiam fazer com que ele compreendesse a importância de ser o filho mais velho e de poder auxiliar a criar o pequenino. A mãe deverá mesmo permitir que ele lhe preste pequenos serviços à hora do banho ou da alimentação do bebê. Sentindo-se útil, ele não invejará o recém-nascido e raramente poderá sofrer com o seu aparecimento. E' preciso que os pais estejam sempre atentos; que dêem ao filho mais velho a mesma atenção merecida pelo mais novo; que não deixem de elogiar a sua solicitude, não deixem de acariciá-lo como o faziam antes. Há pequeninos detalhes que quando observados, ajudam a vencer tais problemas.



A criança já lhe basta a própria imaginação. Não procure, pois assustá-la contando histórias de bruxas, velhos, etc., e muito menos ameaçá-la com tais coisas



Proporcionem aos seus filhos distrações sadias. Coisas que possam divertí-los sem impressioná-los. Alimentá-los convenientemente é preparar um organismo capaz de reagir às gripes e outras moléstias

Dois modelinhos em algodão para meninas de dois anos

LUTANDO POR SEU AMOR

(Continuação da pág. 51)

— Nem sonhe em fazer tal. Ficará aqui como minha hóspede. Martoune vai conduzi-la a um dos aposentos vagos.

Chamei a empregada; ela compareceu e conduziu Adorata a um dos dormitórios reservados a amigos, uma vez que, como é natural, não há quartos para os inimigos...

Quando a empregada voltou, me disse com um ar de quem está perfeitamente a par do drama que se travava entre nós:

— Pôs aquelas flores no quarto daquela senhora... Estou certa de que ela gosta muito delas...

Tive medo daquela noite em que sob meu próprio teto abrigava aquela mulher de presença nefasta. Contudo pude dormir e ficar longe da realidade.

Não vi Adorata durante toda a manhã. Só saiu quando lhe chegou aos ouvidos o ruído de um carro que chegava e do mesmo saltava Jacques, que nos viu, a ambas.

Foi para mim que se dirigiu:

— Perdão me! Nunca desejei que viesse a saber...

Adorata se interpôs entre nós:

— Agora é muito tarde! Você precisa escolher entre nós, agora mesmo, Jacques!

— Eu escolherei... pois é necessário, e você me obriga. Mas tenha cuidado, pois essa escolha pode ser-lhe prejudicial, pela falta que você cometeu.

— Nada tenho que temer — disse ela.

Jacques nos olhou a um só tempo. Ela, misteriosa, bela e terrível. Eu, infantil, caseira e comum, sem segredos, a mulher a que de há muito conhecia como um livro já lido... Depois foi para o seu atelier e ali esteve encerrado durante o dia todo.

Eu fiquei a cuidar da casa. Nadei e brinquei com o meu cão. Estava no jardim quando vi meu marido à janela a me fazer sinal para ir vê-lo. Imediatamente subi. Ao entrar notei numa tela o meu retrato e o de Adorata, ambos pintados por ele naquele dia.

Jacques acompanhava meu olhar.

— Não sei mesmo o que deva fazer... — gemeu ele. Eu te amo, estou certo disso. Separar-me de ti, é-me impossível... Todo o meu ser sofreria... Mas, renunciar a ela, só a idéia me enlouquece. Tu não podes compreender...

Na verdade eu não podia compreender isso. Era eu a mulher de um único homem, como havia sido criança de um só brinquedo, um ursinho peludo que ainda conservava comigo até aquele momento.

— Se pudéssemos ficar como estamos... — murmurou ele. — Não seria trair... sabes... Há em nós tantos desejos contrários... Talvez um dia seja esclarecido... Mas há nela qualquer coisa que me retém, que me inquieta...

— Deixe-me então... — disse-lhe eu com voz de infinita doçura.

— Isto seria renunciar a tanta coisa...

Ele sofria.

— Tenho preocupações a teu respeito... temo por ti, temo por nós dois — continuou ele ainda.

Tomou-me em seus braços, mas eu resisti a essa carícia, pois percebia que a presença mental de Adorata estava palpável entre nós.

Não passávamos de três corações doloridos, mortificados. Todo triunfo conduz a certas renúncias.

Um pouco mais tarde Jacques, cabeça ao sol, montou em seu carro, dizendo a Martoune:

— Vou dar um passeio.

Adorata desceu de seu quarto e gritou para mim:

— Ele se foi! Você conseguiu afastá-lo de mim!

— Voltará... — respondi com um dar de ombros.

— E se ele foi matar-se?...

— Não!... — respondi apavorada. — Cala-te, louca!

— Seria uma solução... E você não teria...

Peguei-a pelo braço e sacudi falando com ódio:

— Louca! Louca! Eis o que és! Cala-te!

— E' que eu o amo!... — disse-me em desafio.

— Estranha maneira de amar! Você lhe arruinou o lar, obrigou-o a fazer o que não desejava... desejou-lhe a morte!

— E você, idiota! — respondeu-me feroz. — Sabe amar melhor que eu? Se você o houvesse tornado verdadeiramente feliz, teria ele notado a minha existência?

— Imagino o que você não lhe fez para que terminasse notando sua existência. Mas deixemos isso... São inúteis as palavras a tal respeito — terminei eu com indiferença.

Sobreveio o maior silêncio. Fui para o jardim e ali me sentei num banco de pedra. Adorata andava de um lado para outro, sem parar.

O tempo se escoava lentamente, mais lentamente do que nunca.

Uma hora se foi. Vi depois minha rival parar e precipitar-se para a entrada. Instintivamente corri para ela sem ter tempo de saber o que se passava. Adorata ia com passadas largas, mas eu a alcancei facilmente, no justo momento em que o carro de Jacques aparecia na curva. Ela fez menção de se lançar sob as rodas. Avancei a tempo de afastá-la do intento, tomei-a em meus braços, impedindo-lhe o gesto louco. Suas unhas se cravaram em minha carne, estrebuchou, mas cedeu, por fim. Súbito senti que lhe voltavam as forças, empurrou-me com violência para a frente. Durou isto alguns segundos. Vi que as rodas passavam diante de meu rosto. Um ruído morreu em meus ouvidos. Fiquei sem sentidos, com uma sensação de felicidade. Pouco me importava a vida. Seria melhor assim. Tudo acabara bem. Uma dor acrível me despedaçava o quadril direito. Soltei um gemido e caí numa modorra feliz, mil vezes mais doce do que as felicidades da terra.

Algumas horas depois acordava em meu leito, admirada de ainda estar viva e continuar a cumprir dias de alegria e tristeza. Vi que um rosto se debruçava sobre mim. Uns olhos ternos e tristes me fitavam. Meu marido pronunciou meu nome:

— Cecile, meu amor... Estou com tanto cuidado... Tive tanto receio...

— Não há de ser nada... Saiu bem daqui... — respondi com voz iraca.

Sua mão me acariciou a fronte, separando os cabelos colados pelo suor da febre.

— Diga-me... — perguntou ele — que se passou?

— Não sei... Deixa-me...

— E' preciso que me digas tudo...

Para que explicar? Eu havia visto a morte de tão perto que a vida já nem me interessava mais.

Mas ele insistia:

— Querias morrer?

— Não... A ideia do suicídio me repugnava...

— Então... Foi com o intuito de salvá-la?...

Senti vergonha do procedimento que Adorata tivera comigo. Mas quis defendê-la.

— Ela queria morrer por você. E' a ela a quem deve amar... Agora... deixe-me... Eu ficarei restabelecida... Juro... Mas ela o espera... Vá...

A fadiga me obscureceu o entendimento e eu vi imagens confusas a dançar à minha vista. E não vi mais nada.

Durante a noite acordei repetidamente. Jacques esteve lá sempre, com as mãos nas minhas.

— Não vai partir? — perguntei.

— Partir?... Crê que eu partiria?... Adorata me disse tudo o que se passou. Tua lealdade a venceu completamente. E se foi... para muito longe, e para sempre...

Eu comecei a sorrir. Mesmo naquele estado eu sentia vontade de rir. Era feliz. Perto de meu leito, tudo já me parecia cor de rosa...

— E as flores negras? — disse eu.

— Flores negras?... Querida, isso nunca existiu... Tal coisa não passa de um pesadelo teu... — respondeu-me Jacques.

E, ao adormecer novamente, tinha nos lábios o sorriso maravilhoso de uma criança a quem as fadas protegem...

As cigarras trissavam sobre minha cabeça, e o sol queimava minha pele quando eu entrei naquela casa sombria, para quem viesse do exterior.

Eu fora extasiar-me diante da claridade, lá pelo jardim entontecido de perfume e ver o mar sonolento entre rochedos cor-de-rosa.

Martoune, a mulher do pescador que nos servia durante as férias, abriu as janelas da casa de campo, e a sala de estar pareceu mais alegre, o exterior ornamentado com vasos de flores, o parque ensombrado.

— Acabam de chegar flores para a senhora — diz-me ela. E me entregou uma pequena corbelha, que tinha a esquisita forma de um esquife.

Eu não podia calcular o desgosto que me ia ferir, enquanto ia desenrolando o papel que envolvia o presente.

Alguém havia escrito meu nome: "Mme. Cecile Lusault".

Com um gesto brusco desenrolei o volume. Diante de seu conteúdo Martoune soltou um grito.

LUTANDO POR SEU AMOR

HISTÓRIA VIVIDA, POR HELENE
TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

uníamos um ao outro, nas horas em que as sombras cobrem o mundo... Tudo isso iria então morrer?

Não vim para os seus braços cheios de toda a pureza virginal? Não lhe dei um coração que jamais havia palpitado para qualquer outro homem? Meu peito não respirava o mesmo ar, não batia ao mes-

das de oiro nas franjas a enfeitar o horizonte.

Eu a reconheci imediatamente, apesar de nunca a ter visto antes.

Era uma mulher de aspecto delicado, mas porejando veneno de sua tez morena. Era uma serpe letal como as flores lúgubres que me enviara. Vestia seda enfeitada de orquídeas. Olhos grandes, boca volumosa, ar de cigana. Eu estava vestida com simplicidade.

Fiquei por momentos sem poder articular uma palavra, como um passarinho hipnotizado pela serpente. Coube-lhe romper o silêncio, falando-me com atitude algo provocadora, após fixar-me longamente:

Ouvi apenas a voz de Adorata que me falava como se sua voz viesse do além:

— Seu marido me ama... A senhora é um obstáculo à nossa felicidade. E' preciso que desapareça.

— Pensa que vou admitir a mesma coisa? Estou certa de que Jacques me ama, também me ama, a mim... Se não fôsse assim, a senhora não teria vindo até aqui. E' a senhora que é um obstáculo à nossa felicidade... E' a senhora que deve desaparecer...

— Por que sou eu quem deve ceder?

— Porque sou eu sua esposa.

— Que importa isso?... — disse ela com ar de mofa. — Prova apenas que os homens, conforme um costume ridículo, crêem dever desposar mocinhas de seu tipo, que jamais se tornarão verdadeiras esposas, e terminam por unir-se a mulheres como eu.

— A senhora se engana! Sou uma mulher, uma mulher que só a ele pertence, que só vive para ele... Se Jac-

(Continua na pág. 51)

Eram alguns cravos negros acondicionados num leito de musgos, e que pareciam vaticinar tragédia. Tinham um poder maléfico, eu bem o pressenti imediatamente.

— Isto não vem, certamente, da parte de Monsieur — aventou Martoune.

— Não. Jacques sempre me envia outro gênero de flores e rosas. Além disso ele estará aqui amanhã, onde estarei em meio de todas as flores de meu jardim. Eu o precedi aqui em Saint-Tropez, a fim de pôr em ordem esta casa que ocupamos sempre no verão.

— Onde colocamos isto? — pergunta Martoune. — Se eu estivesse em seu lugar, o jogaria...

— Ora... não são mais que cravos negros, belos e muito raros...

Só disse isso para atenuar a crença supersticiosa que se apoderou de mim e dela, ao mesmo tempo.

Retirei as flores uma a uma. Estavam frias e viscosas como serpentes a evocar a perdição e a morte.

Olhando mais, vi ao fundo um pacote de cartas, sem envelopes. Reconheci a letra de Jacques; mas, não continham o meu endereço. Iam com o nome de outra mulher, chamada Adorata, o estavam vasadas em linguagem cheia de paixão, evocando encontros amorosos, idílios, horas de felicidade e embriaguês de dois corações que se amam.

Muito pálida pelo choque que sofri, repus as cartas no mesmo lugar e, tentando aparentar calma, disse a Martoune:

— Sim, é da parte de Monsieur!

— Está bem... — respondeu ela retirando-se, depois que fora satisfeita sua curiosidade. Mas comentou: — Eu não poderia acreditar nunca que ele lhe mandasse flores como estas. A senhora compreende... conheço o Sr. Jacques, e jamais...

Jacques, sim, eu julgava conhecê-lo desde o dia em que me pediu a mão em casamento, desde o dia em que pôs a sua sobre a minha, tornando-nos marido e mulher.

Cinco anos haviam tecido entre nós dois um fio de resistência capaz de manter-nos em boa harmonia.

Fluxos e refluxos de dias felizes, noites de ternura, manhãs maravilhosas, tardes magníficas, brilhantes e juvenis, noites de glória e encantamento, quando nos

mo ritmo do seu? Então isso tudo nenhuma importância tinha?

Tive medo dessa mulher de nome estranho. Antevia-a cruel com as flores fúnebres que me remetêra.

Como devia defender-me? Não conhecia nada mais que a meiguice, a alegria, a satisfação de viver com Jacques, a quem me ligava correspondendo-lhe a paixão, subordinando-me a seus desejos. Como poderia obrigar um homem a amar-me se os seus olhos se dirigem a outra mulher? Se seus lábios procuram outros para os beijos de amor e de paixão? Se suas mãos procuram a carícia de outras mãos, buscando a felicidade de outra forma?

Senti-me como que completamente perdida...

Comecei então a pervagar pelo apartamento como uma alma desgarrada entre o céu e o inferno, lamentando o minuto em que me vi privada da luz do sol da felicidade e projetada na sombra e na desilusão.

Veio-me a vontade de telefonar a Jacques e ouvir sua voz quente e amiga dizer-me as mesmas frases de amor. Sabia que ele não me desejava mal nenhum, e a ação que acabava de cometer aquela mulher, minha rival, era prova de que ela estava sendo derrotada.

Mas não telefonel. Recoloquei o fone no seu lugar e decidi levar a minha luta de outra forma. Então... resolvi esperar pela tal Adorata. Eu a esperarei, disse comigo mesma. Sei que virá verme.

E veio, na verdade. No dia seguinte, à hora emocional do crepúsculo, quando o céu se tingia de cores variadas e as núvens formam figuras estranhas tingi-

Fiz um sinal de afirmação com a cabeça.

Ela prosseguiu com muita calma:

— Preciso falar-lhe. Permite que me sente?

E sem esperar por minha resposta foi logo se sentando numa poltrona de couro vermelho, o que ainda mais dava ao seu tipo um ar de ente fantástico, sob reflexos rubros, quase sinistros.

Nesse instante Martoune apareceu à soleira da porta e eu lhe fiz um sinal para que não trouxesse nenhum refrigerante à visita insólita. A empregada percebeu e se retirou.

A esse tempo já estava eu refolta da emoção e lhe perguntei:

— Qual o fim de sua visita? Que posso fazer em seu favor?

Adorata sorriu com ar de desdém.

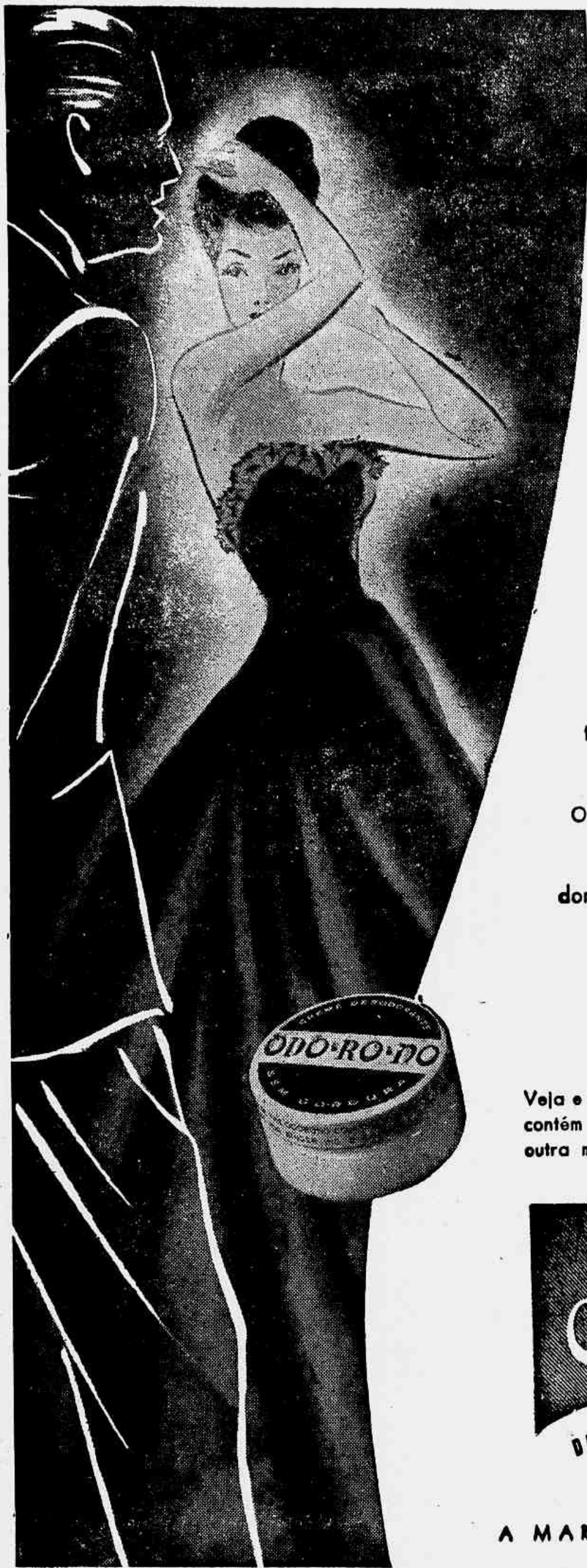
— Sou eu quem pode fazer alguma coisa pela senhora. No ponto em que estão as coisas, creio que toda decisão tem que partir de mim!

Seu olhar atrevido me feriu e eu franzi a fronte disposta a penetrar no mistério de suas palavras que procuravam exercer tão inesperada influência sobre mim.

Eu de nada sabia. Ignorava completamente o motivo por que Jacques, um homem equilibrado e leal, criado em meio decente, construtor de uma vida lícita e correta, se havia deixado prender por uma vampira!

Senti um aperto no coração. Meio aturdida, parecia anestesiada, insensível.





"Absoluta..."

...e confiante em si mesma,

porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Segura de que está acima de qualquer crítica, sua atração pessoal será mais intensa e completa! Não deixe que o desagradável odor das axilas diminua o prazer de sua presença. Proteja-se com ODO-RO-NO, cuja aplicação é rápida, fácil e simples. ODO-RO-NO não irrita a pele e se conserva perfeito, no pote, por muito tempo. Uma aplicação de ODO-RO-NO protege por três dias e sua ação é instantânea. Só ODO-RO-NO é capaz de manter a sua elegância e torná-la, sempre, a mulher dominadora e... "absoluta..."

Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.



Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.



A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

A VIDA DE HUXLEY

(Continuação da pág. 47)

mulgou uma lei destinada a proporcionar educação gratuita aos filhos de pais necessitados. Huxley foi eleito membro do conselho dirigente da nova escola. Com o impiedoso escalpelo da sua lógica, ele cortava fundo no "esnobismo intelectual" da

aristocracia inglesa. "Que não poderiam fazer os pobres e humildes se tivessem ensino de educar-se? E que sucederia a muitos dos 'melhores' da sociedade?... Todos nós conhecemos alguns nobres lordes que teriam sido cocheiros, couteiros ou marcadores de bilhar se a organização social não os tivesse mantido na sua posição". Para preservar uma democracia — decla-

rava — é preciso ter, não uma minoria de sangue nobre, mas uma maioria de cérebro ativo.

Consagrou a vida ao adiestramento dessa maioria, — por meio de livros, experimentos, lições. Principalmente de lições. Deliciava-se com os contactos pessoais da sala de aulas. Ali brilhava em todo o seu esplendor. Reduzia ao silêncio os alunos com o seu sarcasmo pungente. Certa vez pegou o caderno de um zeloso mas inepto estudante irlandês que se esforçava por desenhar um fígado de carneiro. Huxley examinou o desenho por alguns momentos. "Lembra-me a Catedral de Colônia num dia de nevoeiro", disse com uma careta. Outra vez, ao terminar uma explicação no quadro-negro, perguntou aos homens se se fizera entender claramente. Uma voz respondeu: "Tudo, menos uma parte em que o senhor se colocou entre mim e o quadro-negro". O professor carregou o sobrolho. "Fiz o possível para ser claro", disse. "Mas parece que não consegui tornar-me transparente".

Toda a sua vida ele foi um flagelo para as mentes acanhadas. No entanto, a sua ironia era mais brilhante que ferina. Pois no fundo Huxley era uma boa alma. E um corpo enfermo. Devia o seu sarcasmo a um fígado dispéptico. Ao sair da meia-

idade, começou a padecer agudos acessos de depressão e hipocondria.

Fazia frequentes viagens ao Mediterrâneo para encher os pulmões de saudável ar marinho. Mas sempre que reassumia os deveres profissionais, voltavam-lhe os acessos. Seu amigo Hooker sugeriu a nicotina como antídoto às perturbações gástricas. Em consequência disso, Huxley tornou-se fumador assíduo de charutos — mas a digestão continuou má.

Aos cinquenta e nove anos tinha extraído todos os dentes. Tinha que isso fosse uma grave advertência. Nos seus estudos de zoologia observara que a degeneração dos dentes de um animal era frequente sinal de morte. Aos sessenta anos decaiu rapidamente. Foi obrigado a abandonar o trabalho de dissecação porque lhe exigia muito das forças em declínio. Certa vez, quando moço, observara estouvadamente: "Aos sessenta anos todos os cientistas deviam ser estrangulados". Renunciou aos cargos de professor e de inspetor do Departamento de Pesca. E por fim, com um péso no coração, renunciou à mais alta das honras — a presidência da Real Sociedade. Num discurso de simplicidade patética, explicou aos colegas que, em vista da bondade revelada por eles, não podia pensar em conservar o posto "por um único momento depois que a razão e a consciência me demonstraram a minha incapacidade de cumprir as graves obrigações deste cargo". Então, depois de terminar o discurso, voltou-se para os seus amigos e disse em voz baixa: "Acabo de anunciar a minha morte oficial".

Mas ainda não estava pronto para morrer. Tinha-se lançado novo ataque contra ele, e o leão velho mais uma vez se preparou para a luta. O Honorável Mr. Gladstone publicara num periódico semanal uma feroz acusação aos que discordavam do relato bíblico sobre a criação do mundo. O duque de Argyll logo depois escrevera um artigo contra o "Reinado do Terror" instituído pelos naturalistas que pretendiam "derrocar os alicerces de Deus".

Thomas Huxley imediatamente se restabeleceu de todos os seus males. Para ele um bom combate era um verdadeiro elixir de vida. Tomou da pena com o antigo vigor. "A ciência não é inimiga da religião, mas das sobrevivências pagãs e da má filosofia, sob as quais a própria religião se acha quase esmagada". Sempre fora esse o seu argumento. Por que tão constantes ataques à ciência como contrária à religião? A ciência não combatia a religião. Apenas punha em dúvida "esta ou aquela especulação filosófica, este ou aquele dogma teológico". A ciência fora por muito tempo desprezada como a pobre Gata Borralheira da respeitável família da cultura humana; e em paga lhe dizem que é uma criatura inferior, devotada a ocupações baixas e materiais". Enquanto lá embaixo, a Ciência, no seu quarto do sótão, "contempla visões magníficas que elas desconhecem". Observa a ordem que penetra a aparente desordem do mundo. Vê desenrolar-se em toda a sua beleza e terror o grande drama da evolução. E procura transformar o terror em beleza. É verdade que na selva os mais fortes vencem os mais fracos. Mas nos jardins da humanidade o bruto mais infimo pode ser levado a florescer com tanta beleza como

HEMORRÓIDAS e VARIZES

Para varizes (nas pernas) tome o líquido via bucal e fricção a pomada no local. Para hemorroidas internas e externas use a pomada no local e tome juntamente o líquido.

PROCURE EM FARMÁCIAS E DROGARIAS. NA FALTA À V. SANDOVAL JR., C. POSTAL 1.874 - S. PAULO



MS. PETTINATI

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº
NOME Nº
RUA ESTADO
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

editeria-
saúdavel
assumia
-lhe os
na a ni-
ões gás-
ley tor-
utos —

extraído
esse uma
dudos de
ação dos
te sinal
iu rapi-
r o tra-
ia muito
quando
Aos ses-
iam ser
argos de
rtamento
pêso no
s honras
le. Num
explicou
bondade
nsar em
momento
ência me
dade de
e cargo".
urso, vol-
disse em
a minha

ara mor-
te contra
se pre-
Mr. Glad-
anal uma
avam do
o mundo.
escrevera
Terror"
e preten-
eus".

se res-
es. Para
erdadeiro
a com o
inimiga
ias pagas
a própria
". Sem-
Por que
como con-
combatia
ida "esta
este ou
ncia fóra
o a pobre
amília da
tízem que
a ocupa-
to lá em-
do sótão,
elas des-
e penetra
Vê desen-
terror o
procura
E' ver-
s vencem
s da hu-
pode ser
leza como

MON

ou sem
nº 1: e
masiada-
MON nº
hormô-
nissimo.
resulta-
farmá-
correio

MON

es para
il: Soc.
Quin-
Pinheiro
Rua da
ca, 33 —
Rio de
Janeiro

Pinheiro
do Reem-
EL-HOR-

Nº

35.00

a árvore mais majestosa. "A sociedade se diferencia da natureza em ter um fim moral definido". Essa doutrina se tornara gradualmente a convicção mais arraigada de Huxley. "O caminho tomado pelo homem ético — o membro da sociedade — opõe-se necessariamente ao que o homem não-ético — o selvagem primitivo — tende a seguir". Bem-entendidas, tanto a ciência como a religião visam o mesmo objetivo — o refinamento da força bruta em amor humano.

Quando Huxley pronunciava palavras como essas, os lábios do sátiro se entrecilham com a devoção do profeta. Ali estava um filósofo que profligava a necessidade dos seus semelhantes — por puro respeito à sabedoria inerente a eles. Como podiam acusá-la de querer destruir? Como podiam acimá-lo de insolente desprêzo à fé humana? Seriam incapazes de conceber um homem que tivera o seu quinhão de mágoas e aos sessenta anos ainda conservava a coragem de pensar? "Eu me graduei em todas as faculdades de relações humanas: tive o meu quinhão de todas as alegrias profundas e ansiedades ainda mais profundas da vida... Suportei o fardo de vidas moças confiadas à minha tutela. Estive a sós com os meus mortos diante do abismo do eterno...". Essa fôra a sua luta pela existência. E do penoso processo de adaptação gradual, da sua juventude impetuosa, da madurez agressiva, da moderação dos últimos anos — de todas essas aspirações, êxitos e pesares, proviera a lenta evolução que tinha o nome de Thomas Huxley. Do ceticismo temerário à inteligência cética — e a uma última percepção fugitiva. "Só o homem racional pode pôr um freio à competição natural da força bruta".

(Continua no próximo número)

ÓPERA A 20 CRUZEIROS

(Continuação da pág. 58)

— "Houve ameaças de serem punidas, com suspensão, coristas e músicos do corpo daquele teatro que desejassem colaborar com a mocidade do Teatro do Estudante" — continuou Pascoal.

UM CORO EM 15 DIAS — "Diante de tantas ameaças, na falta de profissionais apurados — disse em prosseguimento — só havia um remédio: dar um grito de alerta e reunir mais estudantes para o coro. Assim, conseguimos formar, em menos de quinze dias, o coro que em "Boêmia" causou a todos surpresa pela qualidade e pela afinação".

E Pascoal acrescentou, satisfeito: — "Um detalhe interessante: acabo de conversar com um famoso crítico teatral que jurou, e até agora ainda não se convenceu da verdade, que o coro pertencia ao Teatro Municipal..."

O MUNICIPAL NÃO SERVE — Nova onda de admiradores invade o recinto onde nos encontrávamos. Mais autógrafos. Felicitações. Abraços.

— E o repertório do Teatro Experimental é grande? — quisemos saber, quando Pascoal sentou-se outra vez.

— "Já temos ensaiada a "Traviata", "Soror Angélica" e "Butterfly". Espero poder apresentá-las ainda este ano."

— Ouvimos a sua conversa há pouco com o Prefeito. S. excia. lhe fez oferecimento do Teatro Municipal para a próxima apresentação?

— "O sr. Prefeito fez questão de frisar que tudo quanto necessitássemos, dentro de suas possibilidades, ele atenderia de bom gosto. No entanto, eu não quero o Teatro Municipal..."

— Por que?

— "Porque o teatro de ópera que estou apresentando é exclusivamente para o povo. E o povo, como eu o entendo, torce a cara quando se trata de ir ao Municipal. Pensa que aquilo lá é só para grã-finos."

E na verdade parece ser assim mesmo — pensamos, mas não dissemos.

— Ouvimos dizer que há mais de 40 teatros em todo o Brasil patrocinados pela Casa do Estudante: é verdade?

— "Muito mais do que isso. Hoje, na maioria das capitais dos Estados e também no interior do Brasil, existem 52 Teatros de Estudantes; e além disso o Teatro do Estudante mantém cursos especiais de arte dramática, declamação e canto. E um Seminário de Arte Dramática, que se prepara para aparecer no Fênix, no Festival Shakespeare. Queremos agora fundar nossa Escola de Ópera e Ballet. Lançaremos

nesta temporada o Coral Bach, com cinquenta vozes, na "Cantata da Ressurreição", acontecimento esse que honrará a mocidade brasileira."

— E os estudantes que estão representando essa ópera são todos do Rio?

— "Não. Há muita gente de fora. Do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e de outros Estados. Buscamos talentos em qualquer parte do Brasil."

E ateram à porta do camarim. Era o diretor de cena que necessitava de uma providência qualquer. Já havíamos ouvido o bastante. Despedimo-nos do idealizador do Teatro Experimental de Ópera, e à saída ainda ouvimos d. Magdala dizer:

— "Pascoal, ainda estarei viva para comemorar o centenário de apresentação desse nosso teatro que de experimental só tem o nome."

LUTANDO POR SEU AMOR

(Continuação da pág. 49)

ques me pedisse que o deixasse, talvez o atendessem... Mas espero que não fará isso.

Eu havia recuperado toda a minha coragem e ergui a cabeça.

— Não, ele não fará tal, assim de repente. Mas não quero esperar na sombra... Não quero receber apenas as migalhas do seu tempo... As migalhas de seus carinhos, restos de seu amor. Exigirei que seja somente meu... Farei tudo para consegui-lo... E a senhora fique sabendo que não escolherei meios para chegar a isso. Tudo serve.

— Vejo que está disposta a ir muito longe... — respondi eu muito calma.

— Irei até o fim.

Ainda lhe falei com o tom de calma.

— Talvez mesmo seja preciso matar-me...

Ela se ergueu toda empinada e sinistra.

Confesso que sua figura me deu medo. Medo de seus olhos com um brilho mortal.

Nesse instante suas mãos avançaram para pegar-me a garganta. Eu estava imóvel, tanto pelo estupor como por orgulho.

Aquela mulher estranha retrocedeu e se deixou cair novamente na cadeira soltando um suspiro que poderia ser traduzido por uma confissão de enfraquecimento.

— Vê que não é assim tão fácil — disse eu à meia voz.

Ergueu-se e os seus cabelos aveludados pareciam o pêlo de um animal noturno.

— Se eu a deixasse em paz — disse-me — revela a Jacques esta minha visita?

— Não! A menos que ele se refira à sua pessoa.

— Pode suportar minha existência? Esta divisão de amor que existe agora, não lhe causa nenhum ódio?

— Desde que eu esteja certa de que ele não lhe pertence, suportarei... Não quero perdê-lo.

— E se ele partir para sempre?

— Nada terei que lamentar, pois se o perder não foi por falta minha.

— E quando ele voltar aqui, procederá com ele como se nada de mais houvesse sucedido entre nós?

Eu me senti triunfante:

— Exatamente! Terei para ele o mesmo sorriso, a mesma ternura quando tomar-me em seus braços.

Eu o disse com vontade de esmagá-la, pois aquele momento era eu a mais forte. E fiz por maldade, coisa inútil, aliás.

Suas pupilas brilharam. Seus lábios tremeram e ela mal pronunciou esta pergunta:

— E... se ele não vier mais?

— A senhora bem sabe que ele voltará, pois que está aqui para o encontrar.

Ela começou a passear para lá e para cá. Parecia deslocada naquela sala de casa rústica e agradável. Tive até pena de sua dor igual à minha. Sempre tive piedade por todos aqueles que amam.

Por fim ela me enfrentou com este desafio:

— Pois bem... eu o esperarei. Obrigá-lo-ei a escolher entre nós duas. Nada me deterá a esse respeito. Nem mesmo a senhora.

(Continua na pág. 48)



DR. SABOIA RIBEIRO

PURGATIVOS E LAVAGENS

A adoção do purgativo, como recurso terapêutico, é, no comum, ditado tão só pelo costume, velho hábito que ainda perdura, sem nenhuma disciplina.

É, realmente, os mais das vezes, um erro, prática perfeitamente dispensável, porque, com seu efeito, não tem a ação que se espera obter.

Na verdade, ele age como um irritante da mucosa gastro-intestinal, sendo certo que seu uso continuado costuma trazer um estado irritativo crônico do intestino, difícil de ser removido. Nenhum pediatra ignora que o abuso do purgativo transforma a flora intestinal do lactente e que, com isso, simples bactérias inócuas passam a ter, em consequência, propriedades francamente agressivas. Disso podem surgir muitas colites, o que é comum. Geralmente a criança adoeceu, então, de brusco, e deseja-se proceder ao expurgo do intestino. Nesta hipótese até consequências funestas podem advir à criança. Além disso o processo é falho, pois somente as grandes lavagens conseguem alcançar o intestino delgado, justamente a porção onde se processam os fenômenos das fermentações e das putrefações ou próprios da infecção intestinal. Nesse sentido agem bem melhor as medidas dietéticas — dieta hídrica, ou orientada para o fim de deter aqueles fenômenos.

Somente nos processos febris agudos das crianças mais crescidas, originados de erro ou desvio alimentar, caberá recorrer ao purgativo; porém uma investigação minuciosa do médico deverá, por outro lado, preceder a decisão de utilizar o recurso das lavagens.

Na criança de peito a prática do purgativo ou das lavagens é ditada, em geral, pela prisão de ventre. É, então, sempre um erro, um ou outro. Com a prática da lavagem acostuma-se mal o lactente, produzindo-se, no futuro, a exonerção intestinal somente com a irritação mecânica do reto; cria-se, na criança, um "reflexo condicional". Cria-se o que um mestre já chamou "o mal de lavagem".

"Para se curar um lactente do "mal de lavagem" — escreveu Chiaffarelli — gastam-se, no futuro, energias tanto médicas como de toda a família."

Tenho presente uma experiência sobre "reflexos condicionais", feita na Clínica Pediátrica da Universidade de Berlim.

Todas as vezes que certo lactente se apressava a fazer à sua necessidade, a enfermeira tocava um sino; depois de algum tempo, a criança evacuava somente quando se movimentava o badalo.

A experiência serve para mostrar que, estabelecido o hábito da lavagem, a criança passará a evacuar somente... à vista do irrigador!

As lavagens são capazes, por outro lado, de produzir as invaginações intestinais — que o povo chama nó da tripa.

Muitas vezes não há, mesmo, o estado de prisão de ventre.

E' o que acontece, quase sempre, nas que estão consumindo muito leite puro e exoneram duro e com esforço. De outras vezes é o uso de farinhas obstipantes em excesso que conduz à prisão de ventre, caso em que a sua substituição por outra farinha — esta, naturalmente, de efeito oposto — irá corrigir o estado de prisão de ventre.

Farinhas que conduzem, às vezes, à prisão de ventre: creme de arroz, arrozina, maisena, etc.

Farinhas de ação anti-laxativa: Morton, Quaker-Oats (cozimento rápido).

Quando as fezes são endurecidas e "cór de massa de vidraceiro, estando a criança no uso de leite de vaca puro, a correção do estado de prisão de ventre é muitas vezes obtida, simplesmente, pela adição de um pouco de cozimento de aveia (1 parte cozimento, 2 leite), acrescido de extrato de malte (1 colher de mamadeiras, até o efeito desejado).

Muito satisfatório, também, o suco de frutas (vitamina C), no intervalo das mamadeiras (50 a 100 gramas de suco de laranja, às colheres, ou de uva, amate, etc., bem adoçado).

O açúcar comum tem também ação laxativa; seu aumento nas mamadeiras poderá corrigir o estado de prisão de ventre da criança.

Quando, ao invés de prisão de ventre, a criança mostra tendência à diarreia, poderá esse estado ser corrigido com uma boa farinha adstringente (maisena, arrozina, cozimento grosso de arroz).

A sacarina é um açúcar anti-fermentescível que pode ser utilizado nessas eventualidades, ao menos temporariamente.

Manobrando-se, assim, ora com as farinhas obstipantes, ora com as farinhas de efeito laxativo, ora com o açúcar comum ou a sacarina, chega-se, na maioria das vezes, a corrigir o estado de prisão de ventre da criança e normalizar-lhe as evacuações, sem recorrer às práticas aleatórias das lavagens ou dos purgativos.

A dieta hídrica, nos casos agudos, de 6 até 24 horas, conforme o caso; a dietética orientada com segurança, nos outros casos, resolverão melhor os estados febris na dependência dos erros alimentares ou deterão a infecção, bem como o estado crônico de prisão de ventre.

Nas suspeitas de infecção intestinal da criança, ou nas infecções em geral, se, depois de 24 horas, com esses recursos a temperatura não se normalizar, o caso aparecerá antes como de infecção; na hipótese contrária, conclui-se antes pelo erro alimentar ou a intoxicação alimentar.

Aqui não serão os purgativos que irão resolver a situação, e antes poderão apenas agravá-la; na hipótese de infecção, somente se estará, não raro, perdendo tempo, quer com os purgativos, quer com as lavagens.

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

A SENHORA DAS GRAÇAS EM...

(Continuação da pág. 18)

forma que fomos obrigados a racioná-la. Apenas umas trezentas gramas para cada um.

— Esse poço foi aberto há muito tempo?

— Há dois meses, mais ou menos. É um caso curioso. Por estas redondezas, é muito difícil haver poços como este. Todo o terreno é de rocha muito dura.

O PRIMEIRO MILAGRE

Indagamos do Sr. Cury, como teve início aquela romaria, e quem foi o primeiro a ser beneficiado com as graças da Santa.

— Não lhe posso dizer. Aliás, ninguém aqui sabe: num belo domingo de manhã, há algumas semanas atrás, a mocinha, encarregada da ornamentação do altar, notou que sobre o mesmo havia um par de muletas. Logo, evidentemente, todos atribuíram a algum aleijado, que se sentindo em condições de caminhar sem o auxílio delas, as havia abandonado, ou mesmo ofertado à milagrosa Santa, em sinal de agradecimento. O fato é que a notícia correu, e no dia seguinte já era considerável o número de pessoas que vinham fazer orações nesse altar.

Como muitos faziam referência à ação milagrosa da água do poço, a Irmandade resolveu fornecer certa quantidade aos que a solicitavam. Alguns dias depois, já não mais era possível atender a todos os fiéis, em face do depósito não ter capacidade suficiente e ser diminuta a água que aflua ao poço.

O REPORTER E O PARALÍTICO QUE ANDA

Estávamos palestrando no meio da multidão, quando subitamente, o alto-falante começou a anunciar a constatação naquele momento de mais um caso de cura, na pessoa de um jovem paralítico de ambas as pernas, e que também se dizia curado da gagueira que o perseguia há vários anos. Imediatamente, acompanhados do Sr. Cury nos dirigimos ao palanque, onde grande era a movimentação de curiosos em torno. Subimos. Deparamos, sentado, em uma cadeira junto à mesa do locutor, um jovem de seus vinte e poucos anos. Fisionomia simpática, sorridente, abraçado a uma senhora baixinha, que ajoelhada a seus pés, soluçava continuamente.

— Aconteceu agora mesmo — disse alguém. — Eu o vi chegar, engatinhando, faz uma hora, mais ou menos... Ele já senta, e pode ficar em pé... e também já está rezando direitinho...

A senhora ajoelhada se levantou, e voltou-se para nós. Seus olhos estavam marejados de lágrimas, e sua voz embargada por soluços de alegria, quando nos respondeu, a fisionomia iluminada por um largo sorriso:

— É meu filho, sim senhor. Oh! como estou agradecida a N. S. das Graças... Eu já havia perdido as esperanças... e agora é como o senhor está vendo. Levanta-te, meu filho. Mostra ao moço como já podes andar...

O jovem, apoiando as mãos na borda da mesa, ergueu-se com dificuldade, e ficou de pé; depois sorriu.

— Como é o seu nome? — indagamos.

As palavras, proferidas com algumas vacilações, não denotava muita firmeza ainda, e por isso não conseguimos entendê-las corretamente.

Porém, alguém ao nosso lado comentou que às vezes é assim mesmo. Demora um pouco, depois então é que começa a falar com desembaraço.

O locutor continuava a apregoar.

Perguntamos à progenitora se ele de fato não podia caminhar, por si mesmo.

— Não. Ele sempre andou de rastro no chão. E foi assim que chegou até aqui. Agora já fica de pé, como o senhor viu...

O locutor estava convidando a multidão a acompanhá-lo nas orações que iria proferir. Aproveitamos a ocasião para bater uma chapa, surpreendendo o jovem numa atitude de pleno recolhimento, agradecendo aos céus, a graça alcançada.

Estávamos satisfeitos. Descemos do palanque, em busca de uma bebida qualquer, pois o calor era sufocante, aquela hora. Os vendedores ambulantes tinham

estabelecido um verdadeiro cerco do local. Era quase uma fila unida, de cada lado da rua. Tudo ali se vendia. Desde medalhas de santo até pratos de matéria plástica; refrigerantes e comestíveis de todos os preços e qualidades.

Numa das carrocinhas de bebidas ali estacionadas, conversamos com um aleijado, que sorvia tranquilamente uma laranja.

— E o senhor, espera também ficar curado?

— Nem sei seu moço. Já fui ao Padre Antônio e não melhorei nada. Agora, vim tentar aqui. Acho que não mereço a graça de Deus.

— Não diga isso! — repreendeu alguém. — Deus não se esquece de seus filhos. Se você ainda não se curou, é porque não chegou a sua hora...

Bebemos uma garrafinha de conhecido refrigerante e seguimos adiante:

— Dai uma esmola para um pobre cego!"

Lá vinha rua acima, pela mão de um menino, um senhor de cor parda, cabeça raspada.

Um homem magro bem na nossa frente, estava dizendo para a mulher:

— ...parece que é esse aí — e esticou o beijo, a indicar o cego que se aproximava — dizem que já está enxergando de uma vista... mas continua a esmolar.

— Ora, que tem isso? — responde a mulher. — Naturalmente, o pobre coitado ainda não está perfeitamente são...

— E', mas a história não é bem essa não... E' que ele quando era cego, dizem que "tirava" quase 150 cruzeiros por dia, lá nas Barcas. Depois que ficou curado, ainda não conseguiu emprego nem de 20 cruzeiros por dia!...

— Ah! O povo fala demais! — retrucou a mulher, visivelmente contrariada.

E era isso mesmo. A nós não nos pareceu que o pobre homem enxergava. Continuava cego mesmo.

★

A nossa missão estava concluída. Procuramos condução para a volta. Bonde, ônibus ou "lotação". Poeira, poeira e poeira...

STANDARD
CR\$ 150,00

FEDERAL
CR\$ 200,00

INCA
CR\$ 300,00

ANEL ZODIACO

Com signo e pedra do teu mês de nascimento que interpreta todo mistério da astrologia.

Em prata com ouro e todo em ouro com platina. Única privilegiada por lei.

Fábrica de Jóias AZTECA

Rua Regente Feijó, 18, Rio
PARA TODO O BRASIL
PELO REEMBOLSO

AMERICA
CR\$ 200,00

CAPITAL
CR\$ 300,00

BRASIL
CR\$ 350,00

Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um anel

Modelo Data do nasc. Medida

Nome

Rua

Cidade (correu local)

Estado

MEDIDA DO DEDO

Cortar e enrolar no dedo.

4 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o **OLEO MAC BIR**

O **OLEO MAC BIR** devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. **NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA.** Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

VENHA COMIGO,
VOU PARA LA'.

MINHA TIA VIVE
EM GARDEN PLACE.
SARE ONDE

BOA NOITE, SANDY. ATE' AMANHÃ

Nº 2

Nº 2

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



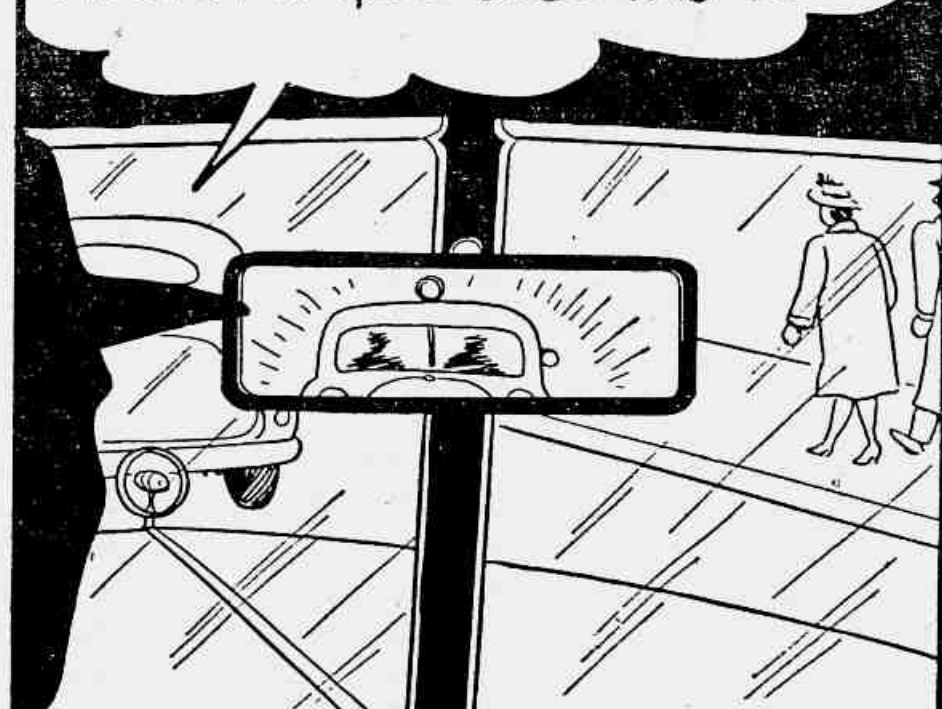
NUMA TARDE FRIA DE INVERNO, SCARLET VOLTA DO TRABALHO E DEPARA COM ESTRANHO COINCIDENCIA.



HA MUITO TRAFEGO. PRECISO MUDAR AS CHAPAS.



UM CARRO DA POLICIA ... AGORA E' QUE ELES VAO VER...



HEI, SEU MALUCO. NAO VIU O SINAL!



ISSO E' QUE E' VOLANTE! OS POLICIAIS DESISTIRAM.



GARDEN PLACE E' PARA LA! QUE QUE EU VA' COM VOCE?



CUIDADO COM O CARRO!



Conselhos de PAI INCOGNITO ARTE DE SUICIDAR-SE

Quem se suicida não comete um crime. Pratica uma besteira. Acabar a vida por amor a quem não nos liga mais, ou com quem não podemos viver, é a mais detestável tolice deste mundo. Quando uma gentil senhorita toma formicida com guaraná e morre; ou quando uma senhora se tranca no banheiro e abre o bico do gás e se intoxica; ou quando um ci-



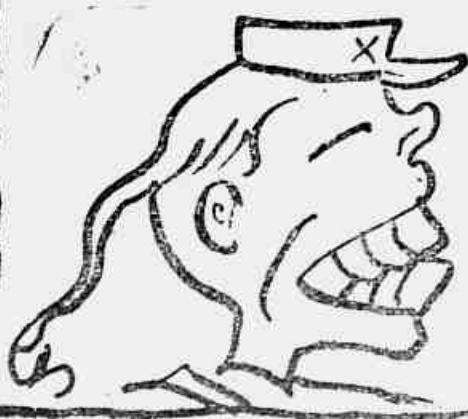
dadão ou cidadã, mesmo sem o título de eleitor, trocam tiros na última desavença desta vida — estão cometendo bobagens. Se recorrem a venenos com guaraná, faltam com respeito aos maiores que jamais lhes ensinaram tamanha falta de gosto. Guaraná com sanduíche ainda vai; mas com formicida?! Isto nunca. Esse mau hábito de matar-se com um banheiro fechado e cheio de gás, é um desatôro, pois é o dono da casa quem vai pagar o excesso à Light. Com tiros também não devem os amorosos matar-se.

Pode haver algum pardal em seu ninho e se assusta, causando recalques na alma dos filhotes durante toda a sua útil e graciosa vidinha. Nada disso. O melhor é subir ao pico da Tijuca, via Cascatinha, e lá, daqueles 1.020 metros sobre o nível do mar, fitar a beleza do panorama. Mas não devem ir a sós, pois o caminho é difícil e cheio de veredas. O candidato ao suicídio poderia perder-se e não chegar ao cimo para o adeus trágico à vida. Além disso há cobras por todos os lados. Uma jararaca, uma cascavel, uma coral poderiam antecipar-se no programa da morte e não teria graça nenhuma. No dia seguinte os jornais estariam dizendo que o morto havia sido encontrado em condições misteriosas. E isso não é decente para um cidadão que está disposto a suicidar-se. O melhor é chamar um amigo, uns parentes, a namorada, e fingir que está cheio de alegria e subir até ao mais alto. Aproveitando a aproximação de muitos dos companheiros, mostrar-se então disposto a jogar-se de lá até ao Andaraí ou Jacarepaguá e dizer que quer acabar com a vida, em altas vozes. Os outros então intervêm, assustados; há choro, lamentações, conselhos. Abrem uma garrafa de cerveja e dão ao tresloucado. Ele toma a cerveja, com uma perninha de frango; a namorada o beija, e ambos dizem satisfeitos: como é lindo o panorama!

Conde de Salamaleques

GUERRA NA CHINA

O general Fu-Chi-Ku travou batalha com seu colega Fu-Sin-Hu, para evitar a travessia do Yangtsé. Depois de lavarem a roupa suja nessa luta de 20 anos, ambos entraram no rio e foi tudo de água abaixo..



OPERACÕES
SIMPRES
CIN 1499,00

VARIZES
100,00
999,00

OPERACÕES
ULCERAS
de 10.000,00 PARA
9989,50

CONSULTÓRIO
DE GRAÇA
PARA POBRES
de ESPÍRITO

DR
BUTECO
(BARÃO PARA
OS ÍNTIMOS)

APENDICITE
de 3.000,00
PARA 2.999,00

AMPUTAÇÃO
DE ORB 2.000,00
8.989,00

HOJE
Grandes
REMARKAÇÕES

Marta (Niterói) — A senhora não pode dizer que pegou um garção, apenas pelo fato de ter apanhado uma garça grande. Estamos certos, porém, de que a senhorita desejaria antes que isso fosse possível. Não?

Adelina (Muriaé) — E' preciso ter muito cuidado com os sufixos em nossa língua. Nem sempre as terminações das palavras têm a mesma significação. Assim, se a senhora tomou aquela vinhça, por ter bebido muito vinho, não se pode dizer que esteve na cachaca somente porque assistiu a cortes de cachos de banana.

Juraci (Juiz de Fora) — O se-

nhor (ou a senhora?) não pode fazer dessas confusões. Se lobato é o diminutivo de lobo, boiato, o de boi, não pode afirmar ao seu vizinho que sapato é diminutivo de sapo.

Araci (Rio) — Em matéria de sufixo a senhorita está muito confusa. E veja: um fuso grande não é fusão. Se o seu pai usa uma espora grande, não vá dizer que está de esporão. Uma clara de ovo grande jamais será clarão, assim como a grande trova que a senhora fez não poderá ser um trovão. Salvo se a senhora declarar com voz muito grossa.

Barão do Buteco

LUCIAIS

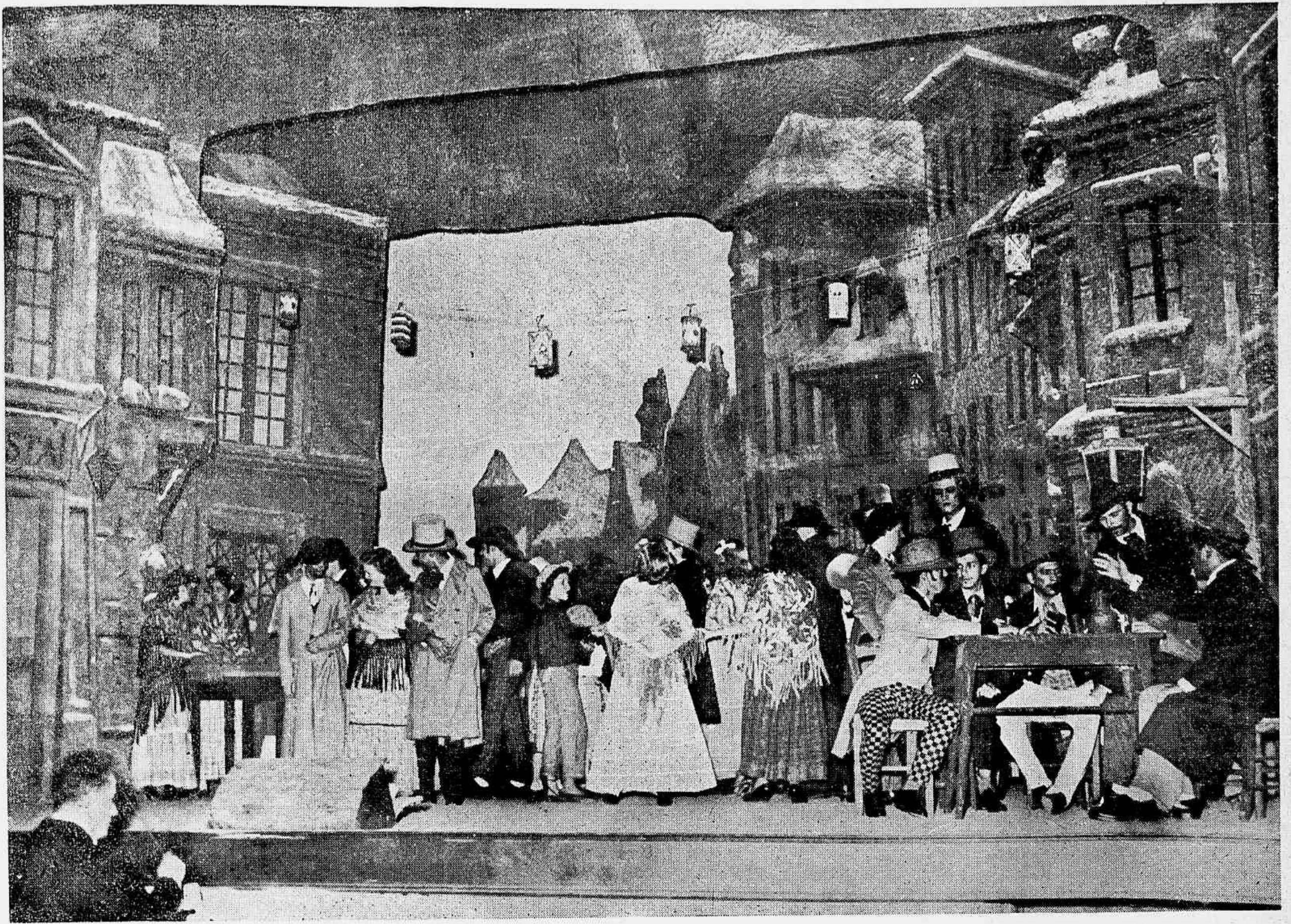


Outro desastre — Tendo feito uma viagem excursional por diversos países, voltou à terra o distinto patricio João Cordeiro Manso, que muito se aperfeiçoou em emissão de notas falsas. Lançando no mercado seu vice-dinheiro, pagou com ele o aluguel da casa em que morava e pertencente ao pai. Este, descobrindo o golpe, deu o alarma, o que levou o filho a admiti-lo como sócio, constituindo isto verdadeiro desastre.

Desastre — Depois de ter esperado 45 anos e tanto, o nosso particular e enfezado amigo Bernardino Esperança do Além conseguiu adquirir uma motocicleta, comprada a prestações. Infelizmente, no mesmo dia em que assumia a direção da máquina, o vendedor a retomou por falta de pagamento. Com certeza o leitor já imaginava que o desastre tivesse sido com ele, Bernardino, havendo, no mínimo, quebrado uma perna. Engano. Quem morreu foi o dono. Bem feito.

Desvalorização — Acaba de pedir a mão de sua noiva o sr. Robeniano Furtado, que, em seguida, se arrependeu julgando-se roubado. E' que a moça pertence à família Cristal da Rocha, atualmente muito por baixo. Ele percebeu que uma noiva assim é dura de roer. E despediu.





Paris diverte-se no segundo ato da "Bohemia"

ÓPERA A 20 CRUZEIROS

TEXTO DE W. GUARNIERI ★ FOTOS DE ARNALDO VIEIRA

— Senhor Prefeito. Desculpe expressar-me com tamanha franqueza. Mas encontrei imensas dificuldades para conseguir a colaboração das autoridades municipais na realização desse espetáculo a que o senhor está assistindo..."

— Creia-me, senhor Pascoal: o que está relatando é do meu inteiro desconhecimento. Expedirei ordens, amanhã mesmo, no sentido de sanar essas irregularidades. Estou magnificamente bem impressionado com o espetáculo a que assisto."

Esse diálogo, que aí ficou reproduzido fielmente, foi presenciado pela reportagem da REVISTA DA SEMANA, no intervalo do segundo ato, nos bastidores do Teatro República, entre o general Angelo Mendes de Moraes e o escritor Pascoal Carlos Magno, diretor do Teatro do Estudante.

O Teatro Experimental de ópera, apresentado por Pascoal Carlos Magno, ao iniciar as celebrações do vigésimo aniversário da Casa do Estudante do Brasil, vem de obter um estrondoso sucesso, por ocasião

da primeira representação ao público carioca, no Teatro República.

Foi levada à cena a ópera "Boêmia", de Puccini, com um elenco exclusivamente de estudantes, cantores ainda desconhecidos das platéias brasileiras, nesse gênero de representação.

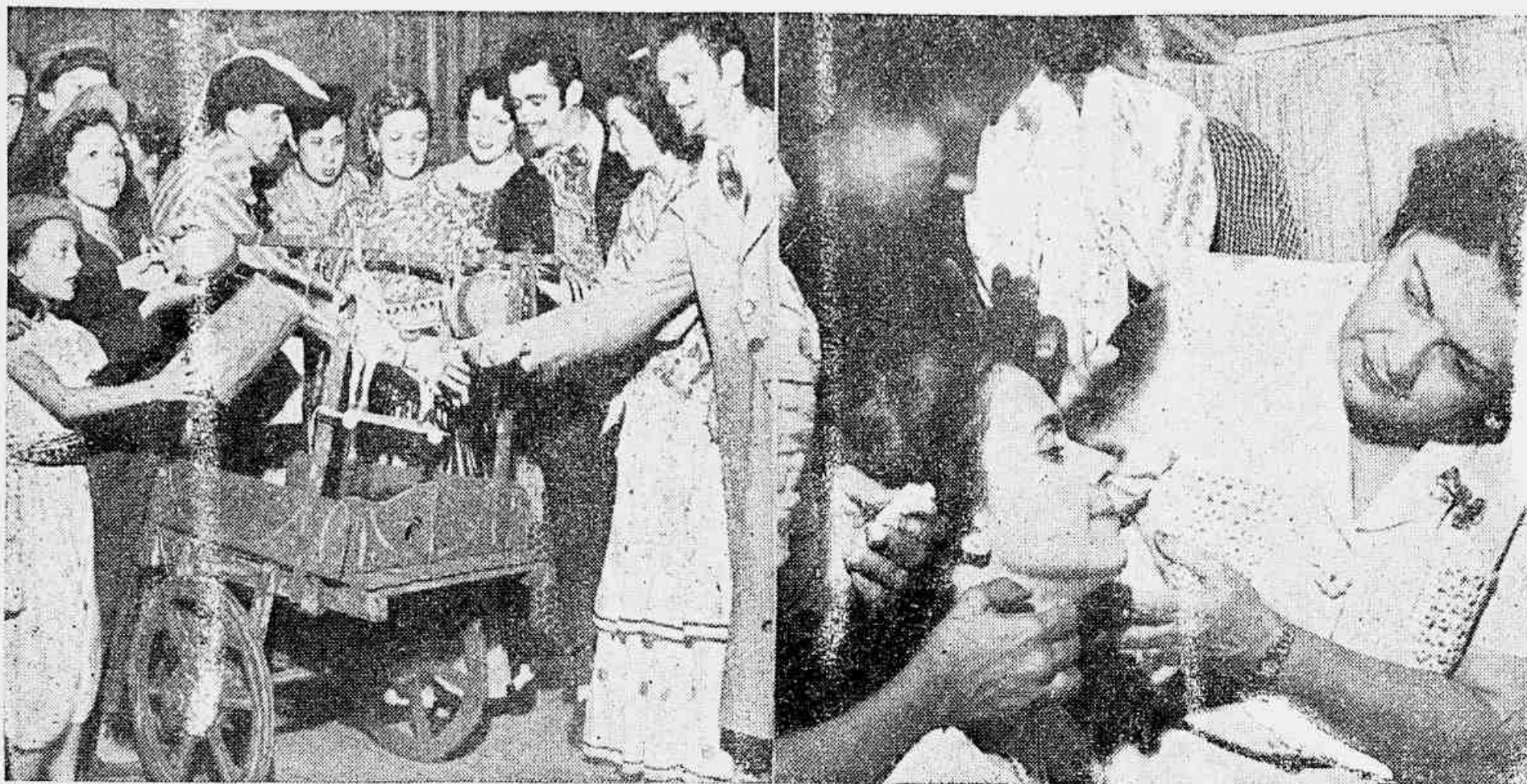
ÓPERA SEM "SMOKING" — O extraordinário êxito veio dar um impulso grandemente no sentido de colocar a ópera, que em todo o mundo é levada à ribalta a preços que somente as classes mais abas-

tadas podem assistí-la, ao alcance de qualquer bolsa. O significado desse empreendimento é claro: o alevantamento do nível cultural do povo, com o oferecimento dessa oportunidade a uma maioria do público, que jamais sonhou em poder assistir às mais célebres óperas do mundo — embora na desprestigiada interpretação de estudantes, a Cr\$ 20,00 pela poltrona e sem "smoking".

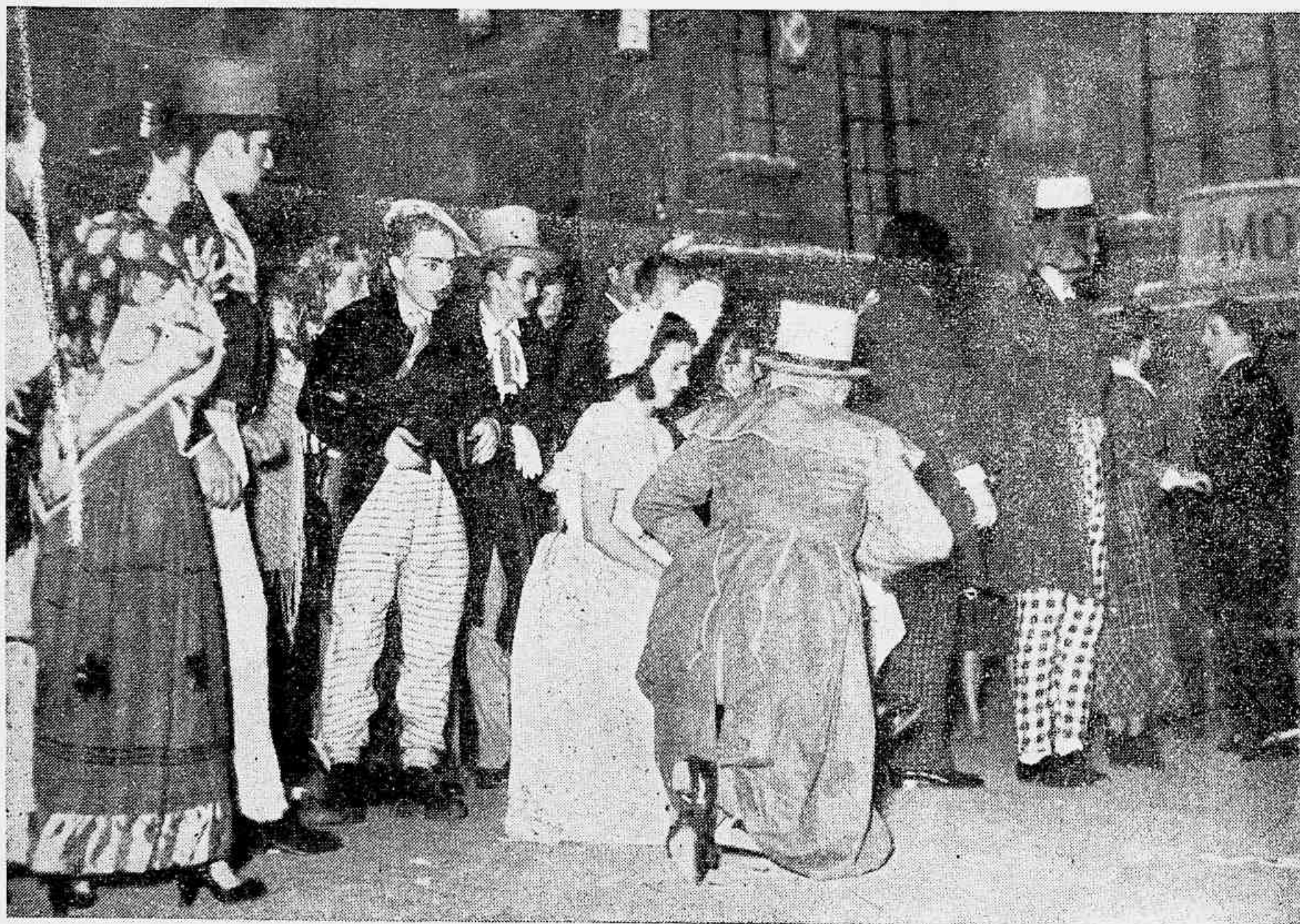
O IDEALIZADOR — Pascoal Carlos Magno, um lutador, foi o idealizador do



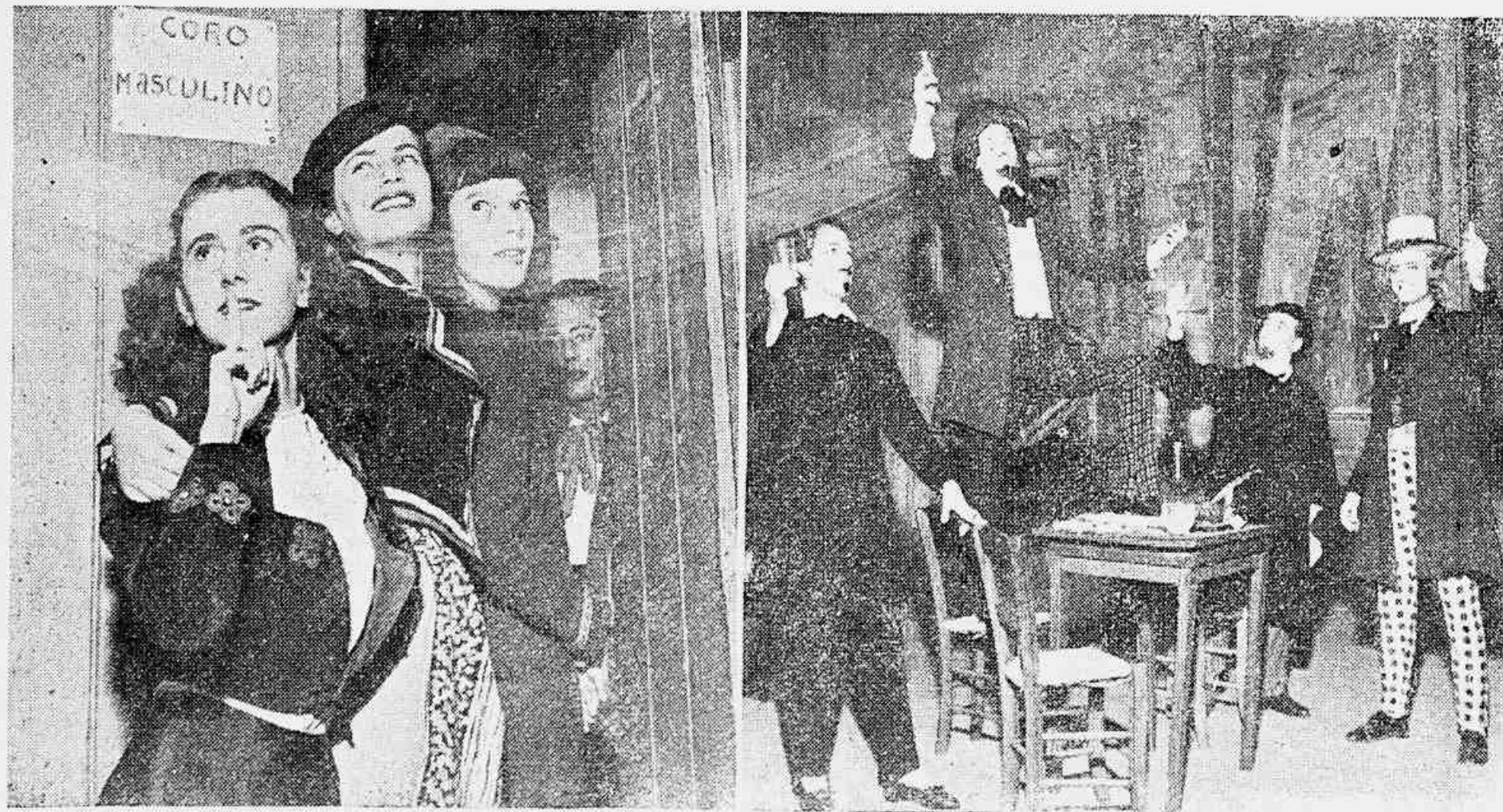
A' esquerda: O gen. Angelo Mendes de Moraes, Prefeito do D. F. sentado na poltrona da fila, V, com o ingresso que ele mesmo fez questão de comprar na bilheteria. A' direita: O deputado Barreto Pinto assistindo de camarote o espetáculo. No intervalo do primeiro ato, subiu ao palco para comunicar à platéia a presença do Prefeito do Distrito Federal entre os assistentes



A' esquerda: Bonecos que divertem as costureirinhas e os poetas de Paris (2.º ato). A direita: "A maquilagem" de Musetta, sob as vistas da "regisseur" Carmem Gomes. O trabalho estafante que se executa nos bastidores concorre enormemente para o sucesso de qualquer apresentação no teatro



Cena do segundo ato entre Musetta e Benoi (Tarquinio Lopes Filho)



A' direita: Essas garotas fazem parte do coro. Durante o intervalo do primeiro ato, o nosso fotógrafo conseguiu surpreendê-las em "flagrante delito"... Mas... isso é apenas "pose"... A' esquerda: Edgard Veloso, Caparelli, Raul Gonçalves, Luis Nascimento, os boêmios reunidos na sua mansarda, no primeiro ato

"Mimi" aguarda a chamada para entrar em cena. A interpretação que Cecília Motta deu à personagem principal de "Boêmia" foi magistral, sendo a peça solicitada "bis" por muitas vezes

empreendimento. Há alguns meses atrás, por ocasião de um outro surpreendente espetáculo seu — a admirável apresentação de "Hamlet", também levada à cena por jovens atores da Casa do Estudante do Brasil — e que veio revelar o grande intérprete brasileiro Sérgio Cardoso — Pascoal já acalentava a idéia da realização do Teatro de Ópera.

Não foram poucas as dificuldades que teve de enfrentar, inclusive o mau estado de saúde, que o reteve ao leito, quase até as vésperas da "première" de "Boêmia".

A PRIMEIRA SURPRESA — Discretamente, como centenas de outras pessoas, um senhor de terno escuro, debruçou-se na bilheteria e pediu:

— Uma poltrona, na fila, por favor.

Como o espetáculo havia começado há poucos minutos, apenas os empregados da Empresa, e alguns retardatários permaneciam no recinto da entrada, e esses, assim mesmo logo se dirigiam, na ponta dos pés, um tanto apressados, em direção à porta que dá acesso à platéia. Quase ninguém notou a chegada daquele cidadão. Dirigiu-se calmamente para a sua poltrona e sentou-se. Ao retirar o chapéu, todavia, um espectador na cadira ao lado agitou-se, terminando por se levantar apressado e dar a "nova" aos jornalistas da primeira fila. Ali, sentado como simples espectador, estava o Prefeito do Distrito Federal...

TEATRO APINHADO — Literalmente cheio encontrava-se o República. Espectadores menos afortunados, que não conseguiram chegar a tempo para poltronas numeradas, se deixavam ficar pelos corredores laterais. Durante toda a representação da ópera, inúmeras foram as vezes que o público se pôs de pé, aplaudindo os artistas. Não fora a improvisação do maestro José Torre — um regente eminentemente técnico e vivaz (que deixou de combinar as "deixas" com os artistas para os trechos a serem bisados) — e talvez tivéssemos assistido a duas "Boêmias", em vez de uma, como estava programada... tal a frequência com que o público exigiu a repetição das árias que particularmente lhe agradava.

UM DEPUTADO NO PALCO — No intervalo do primeiro ato, o deputado federal Earreto Pinto irrompeu pelos bastidores a dentro à procura de Pascoal, obrigando-o a acompanhá-lo à cortina. Vivas e palmas saudaram o aparecimento de Pascoal. Falando por breves minutos, o deputado, depois de ter elogiado a tenacidade do idealizador do Teatro de Ópera, comunicou à platéia que ali se encontrava o sr. governador da Cidade, Carlos Magno, em agradecimento, salientou, em comovidas palavras, a viva satisfação que a direção da Casa do Estudante do Brasil causava a presença do sr. prefeito entre os assistentes, frisando, que durante toda sua vida de homem dedicado às coisas de teatro nacional, jamais tivera oportunidade de testemunhar episódio semelhante. A vinda espontânea de uma alta autoridade administrativa a um espetáculo teatral, com a discrição com que tinha sido feita, significava que ali estava uma prova do interesse do próprio Governo da República em prestigiar uma realização como aquela.

Solicitou, a seguir, à platéia, que, de pé, saudasse o general Mendes de Moraes, o que foi feito numa prolongada salva de palmas.

A INTERPRETAÇÃO DOS ESTUDANTES — Todo o elenco se destacou pela majestosa interpretação que deu aos papéis. Foram vividos com sentimento próprio da alma de artista, que cada um desses estudantes revelou, alguns até com emoção incontrolada, como Edgard Veloso, vivendo o papel de Rodolfo, e que chegou às lágrimas verdadeiras, no final do terceiro ato. Mimi, interpretada com rara felicidade pela aluna do professor Aldo Pereira Pinto, srta. Cecília Motta, e Musetta, outra excepcional representação de Hilda Magalhães. Ainda Raul Gonçalves, vivendo Marcelo, Luis Nascimento, no papel de Colline, Nestor Caparelli, no de Chunard, e Tarquinio Lopes, no de Benoit, tiveram oportunidade de mostrar suas qualidades.

Justiça também se deve àquelas que não aparecem em público, mas que enorme soma de responsabilidade têm no êxito do





A esquerda: "Musetta" (Hilda Magalhães), agradecendo os aplausos do público que lotou completamente o Teatro República. A' direita: O diretor de cena, Carlo Marchesi, mostrando a uma comparsa o lugar que deverá ocupar, quando o pano se abrir para o terceiro ato da "Bohemia"



A esquerda: Estudante é bicho curioso. Dois personagens da "Boêmia" observando a platéia através da abertura do pano de boca, minutos antes de se iniciar a Ópera. A' direita: O maestro José Torre que dirigiu com firmeza e vivacidade a "Boêmia", na primeira apresentação do Teatro Experimental de Ópera, uma realização de Paschoal Carlos Magno



Paschoal Carlos Magno conta ao repórter dificuldades com que teve de vencer para levar avante o Teatro Experimental de Ópera, a primeira apresentação de Ópera no Brasil, a vinte cruzeiros a poltrona. Dona Alda Pereira Pinto, superintendente do T. E. O. assiste a conversa

espetáculo — o maestro de cântico Mário Bruno; a "regisseur" Carmen de Almeida, o diretor de cena, Carlo Marchesi, e a assistente Cláudia Moreno. E ainda a orquestra de 40 professores que, sob a regência do maestro José Torres, se portou com invulgar perícia na execução das árias.

PALESTRANDO COM PASCOAL. Terminado o espetáculo, a nossa equipe procurou se acercar do fundador do Teatro do Estudante, o que não foi coisa fácil. Centenas de pessoas invadiram a tribuna, espalhando-se pelos camarins, atrás dos cenários — ainda sem poder ser removidos, por falta de espaço — e os empregados executaram a sua tarefa — em busca de autógrafos e de autógrafos de artistas, dizendo-lhes da magnífica interpretação que tiveram.

Depois de muito esperar, cedeu o nosso intento, e foi necessário translocarmos dentro de um camarim — o fotógrafo, o repórter e Pascoal.

DINHEIRO DO PRÓPRIO BOLSO. — Pascoal Carlos Magno foi de uma gentileza sem par com o jornalista, disposto a responder amavelmente a algumas perguntas.

— "Meu amigo, ainda agora estou emocionadíssimo — começou. — Jamais assisti a tamanha manifestação de solidão, de compreensão por parte do público carioca, o que vem confirmar o que sempre digo: o público vai a qualquer teatro, quando ele realmente pode ser considerado como teatro mesmo."

— Esperava este sucesso?

— "Para lhe falar com franqueza, eu nem sei... A minha inquietação, quando se aproximam momentos como esse, sobrevive até a chegada do público — é normalíssima."

Estavam gritando lá fora pelo seu nome. Era o telefone que estava chamando. Pascoal se desculpou e saiu. Durante o breve momento que se passou, o camarim foi invadido. Muita gente entrou. E foi ali no canto, fofos anotando as impressões. Uma revelação, no entanto, nos chamou a atenção. Parecia-nos de sumo interesse. Identificando a pessoa que assim falava, descobrimos tratar-se de d. Magda de Almeida Oliveira, que faz parte da direção do Teatro Experimental de Ópera, como diretora artística, e que dirige, também, a Rádio Roquete Pinto.

— "Sim senhor! Eu posso afirmar. Pascoal foi obrigado a interromper as obras de construção de uma casa que mandou fazer, para poder custear as despesas com a apresentação dessa ópera. Já disse, ao que se soube de fonte segura, mais de 160 mil cruzeiros do próprio bolso."

— Mas... não houve nenhum prejuízo por parte do poder público? — indagamos.

— "Pelo contrário... A própria direção do nosso principal teatro mostrou-se muito pouco interessada nesta apresentação..."

— comentou alguém ao lado, cujo nome não pudemos anotar.

— "Bem, isso eu não sei — continuou Magda. — O fato é que Pascoal gastou tudo quanto tinha para ver concretizado o seu sonho... E que sonho?"

Pascoal Carlos Magno já havia regressado. Demorou-se alguns minutos assinando autógrafos e depois voltou a falar.

O PREFEITO NÃO SABIA. — Ele havia um projeto na Câmara Municipal concedendo um auxílio de 350 mil cruzeiros para o Teatro Experimental de Ópera, determinando ainda a obrigatoriedade do Municipal e seus corpos estáveis?

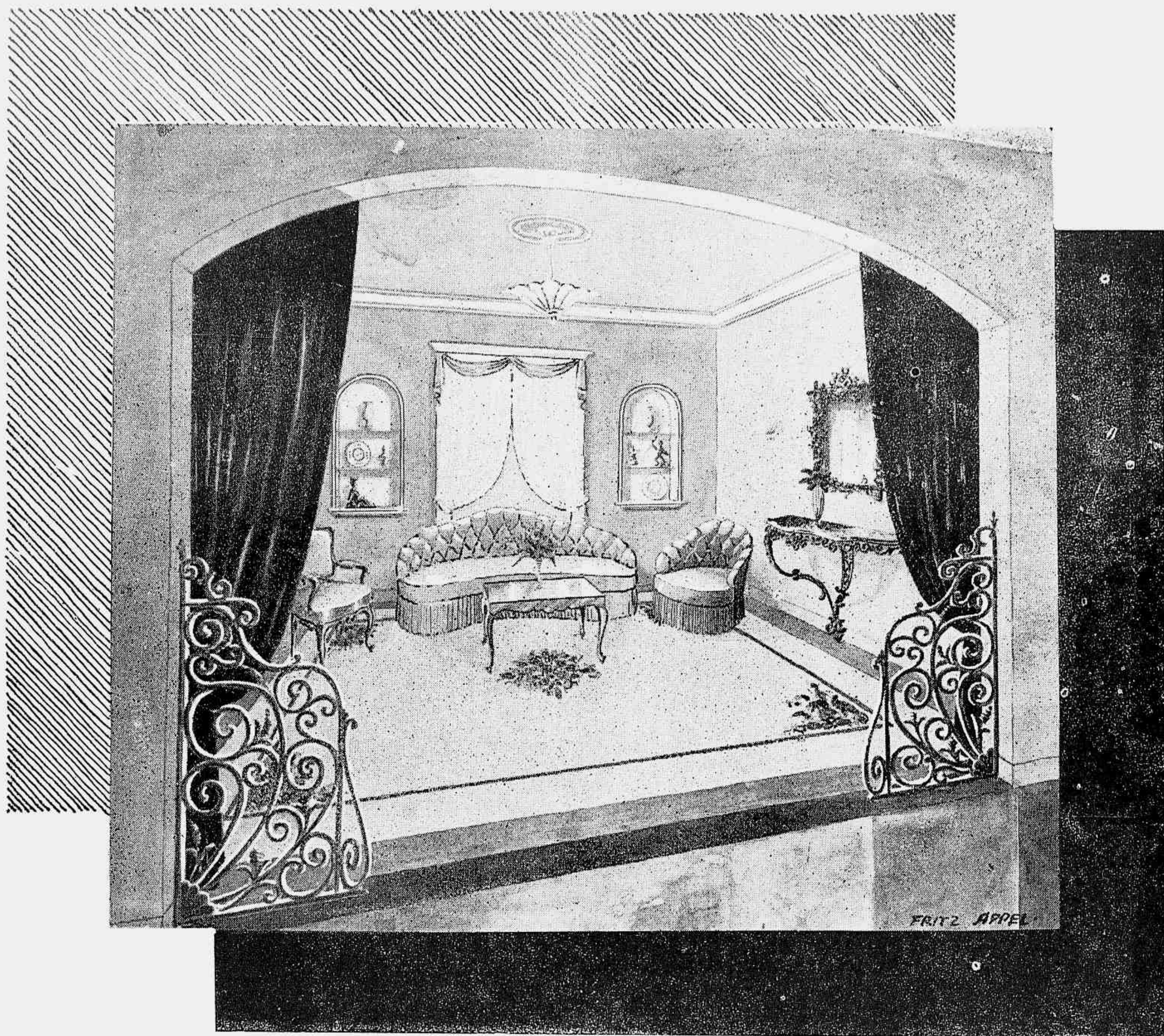
— "Sim, de fato. Este auxílio não veio, conforme supúnhamos. Mas não aconteceu... O projeto fora vetado pelo Prefeito; mais tarde, com a rejeição de veto pelo Senado Federal, se extinguiu a lei. Todavia, creio que por falta de numerário deixou de ser expedido o decreto executivo mandando abrir esse crédito."

E adiantou ainda:

— "Um outro projeto da Câmara de Vereadores nos concedeu 350 mil cruzeiros para todos os departamentos do Teatro do Estudante. Parte desse dinheiro veio ajudar o trabalho do Teatro Experimental de Ópera. Um sacrifício tudo isso. Ainda bem que o público encheu o teatro compreendendo o meu esforço e de meus companheiros."

O prefeito Mendes de Moraes, ao falar-se com Pascoal Carlos Magno, declarou não saber das dificuldades criadas pelo Teatro Experimental de Ópera, por parte do Teatro Municipal.

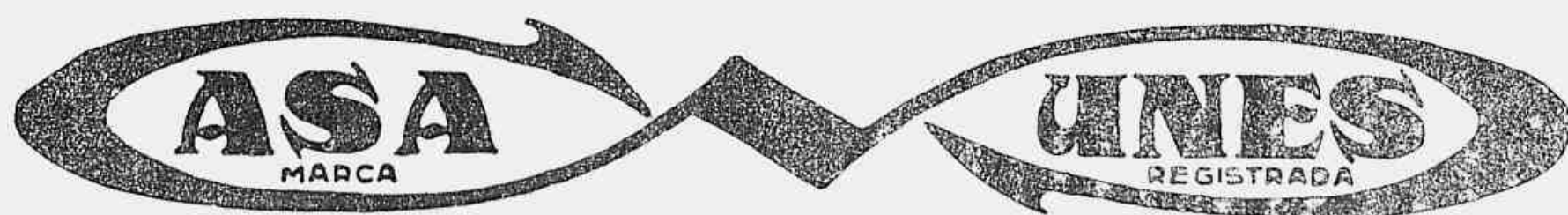
(Continua na pág. 51)



DECORAÇÕES INTERIORES

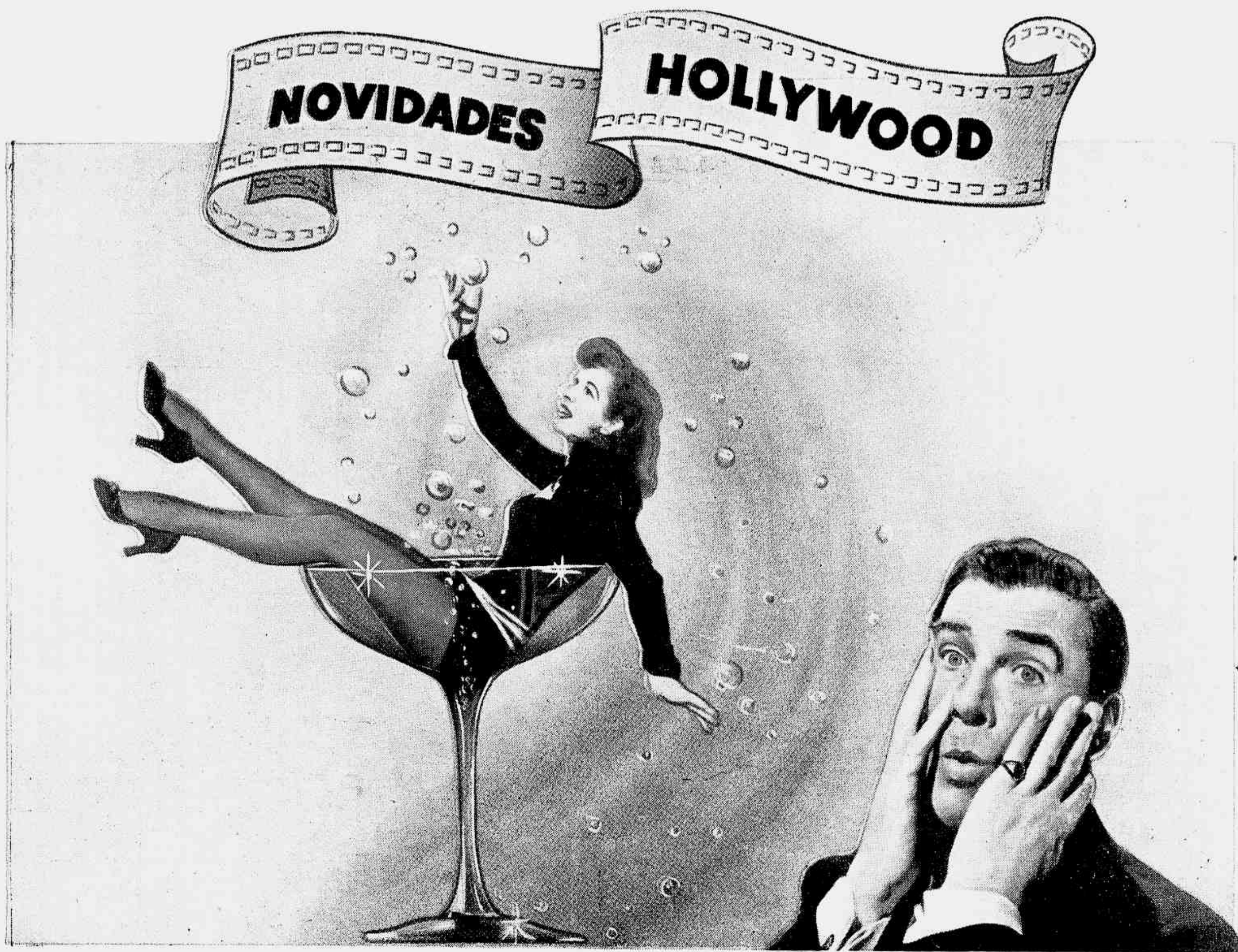
PEÇAM
ORÇAMENTOS =

MOVEIS
CORTINAS
TECIDOS
TAPETES
PASSADEIRAS



Fundada em 1912

65 · RUA DA CARIOCA · 67



Hollywood - Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — "Travessuras de Júlia". Viva, glamourosa, alegre, em "maillot" de teatro, ela é o "outro lado" da artista que conhecemos em "Adeus, Mr. Chips". Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz